

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2019**
Nº 58 - JAN-MAR



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 58

NATAL, JANEIRO /MARÇO - 2019.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: *Vaso com Flores* de Newton Navarro
(Acervo particular de Diógenes da Cunha Lima)

Catlogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.58
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 58, jan./mar.2018.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

MULHER SOBRE MULHER

REVISTA TEMÁTICA - Diva Cunha.....	10
OITEIRO: A ARTE E O ENGENHO DE MADALENA ANTUNES - Diva Cunha.....	11
AS VIAGENS DE NÍSIA FLORESTA: MEMÓRIA, TESTEMUNHO E HISTÓRIA - Constância Lima Duarte	28
A MULHER E A MÚSICA NA ACADEMIA - Leide Câmara	46
MARIA SYLVIA: UMA POÉTICA SINGULAR	
Rizolete Fernandes	66
ALZIRA SORIANO: MULHER DE UM GRANDE LEGADO Eulália Duarte Barros	76
ROSA LA FRANCE - Sônia Faustino	79
BREVE CARTA A HILDA HILST - Marize Castro	83
PARA ALÉM DA SOLIDÃO E DA ANGÚSTIA: NOTAS SOBRE A LITERATURA DE MARIA JUDITE DE CARVALHO - Midia Ellen White de Aquino.....	86
OS VERSOS DE JEANNE ARAÚJO, OU UMA POÉTICA DE CORAGEM: O CORPO SERÁ LIVREMENTE POÉTICO OU CORPO NÃO SERÁ - Carmen Vasconcelos	98
A TRAJETÓRIA POÉTICA DE DIVA CUNHA	
Conceição Flores	105
A POESIA MULTIFACETADA DE RIZOLETE FERNANDES Diulinda Garcia	127
POESIA SEM RÓTULO: IARA CARVALHO UM “EU NO MUNDO” DIRETO DO SERIDÓ - Araceli Sobreira	134

UM DOCE CEARENSE A GUIAR A POESIA POTIGUAR Ângela Gurgel	139
ZILA MAMEDE - ENSAIO CRONOLÓGICO SOBRE O LIVRO NAVEGOS - Gildete Moura de Figueiredo	142
MELANCOLIA E CONFLITO NO ESPAÇO URBANO NA POÉTICA DE FERREIRA ITAJUBÁ E PALMYRA WANDERLEY - Ludmila Gesteira.....	145

OUTROS ARTIGOS E ENSAIOS

TRISTE FIM DA POETA DO MAR Diógenes da Cunha Lima.....	157
UM ROTEIRO BREVE E INCOMPLETO DA PRESENÇA DE ZILA MAMEDE EM ANTOLOGIAS DE PERTO E DE LONGE - Vicente Serejo	159
PRESENÇA DE PALMYRA WANDERLEY NA IMPRENSA BRASILEIRA - Thiago Gonzaga	172
É PRECISO REDESCOBRIR MYRIAM COELI..... Manoel Onofre Jr.	184
CAT PERSON PROPÕE CHARADA AO FEMINISMO	
Nelson Patriota.....	191
FIGURAS FEMININAS: HOMENAGENS - Valério Mesquita.	195
GISELDA TRIGUEIRO, IMORTAL - Daladier Pessoa Cunha Lima.....	202
ANADIL ROSELLI - Jurandyr Navarro.....	206
SAUDADE E GRATIDÃO - Carlos Roberto de Miranda Gomes...	210
CASAMENTO NA FAZENDA - Benedito Vasconcelos Mendes ...	218



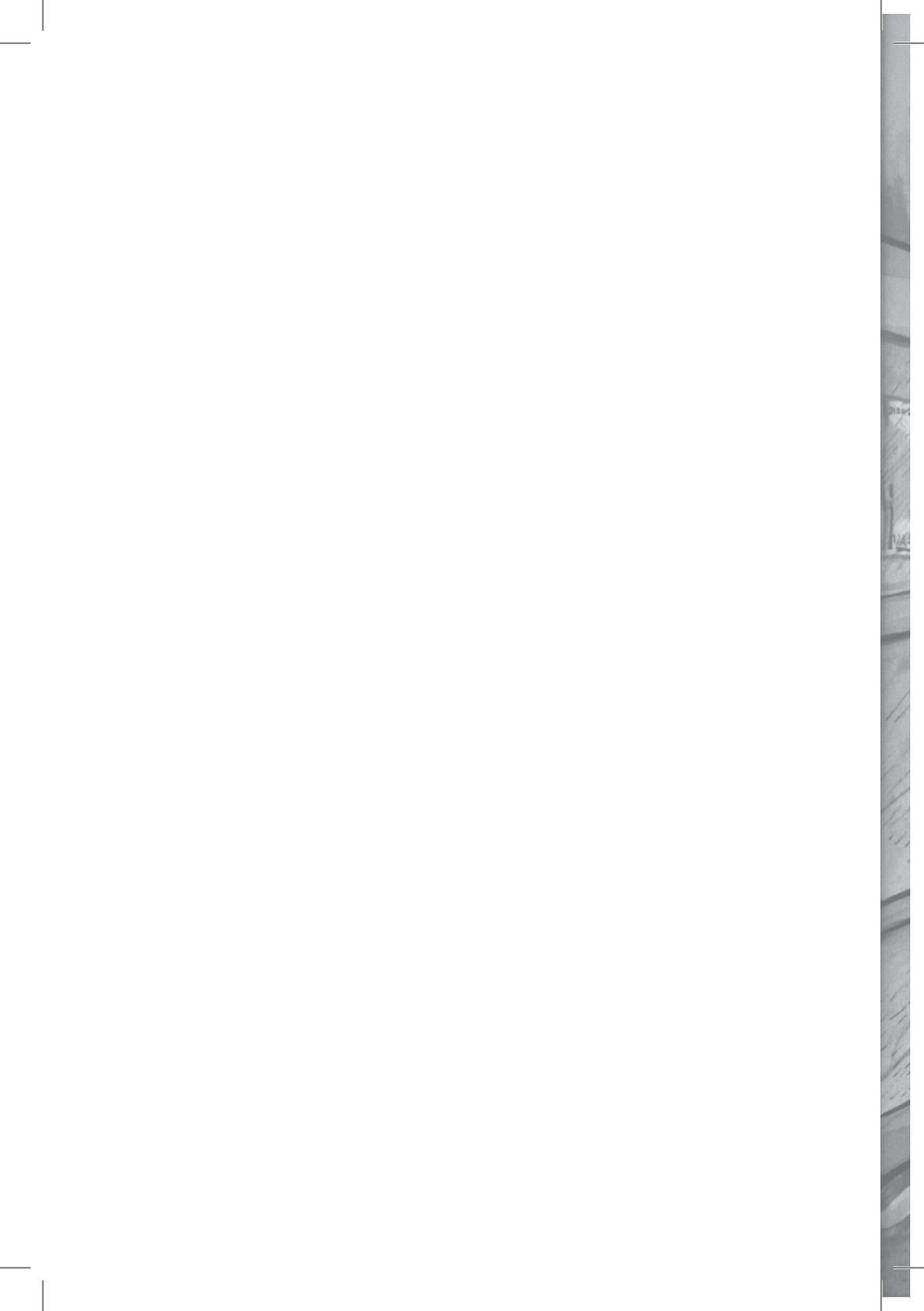
CONTOS E CRÔNICAS

DUAS IRMÃS - Iaperi Araujo	223
A MULHER CONSOLAÇÃO - Clauder Arcanjo	226
O MANUAL AMOROSO DE SOCORRO - Jarbas Martins	230
NÍSIA FLORESTA - Henrique Castriciano	231

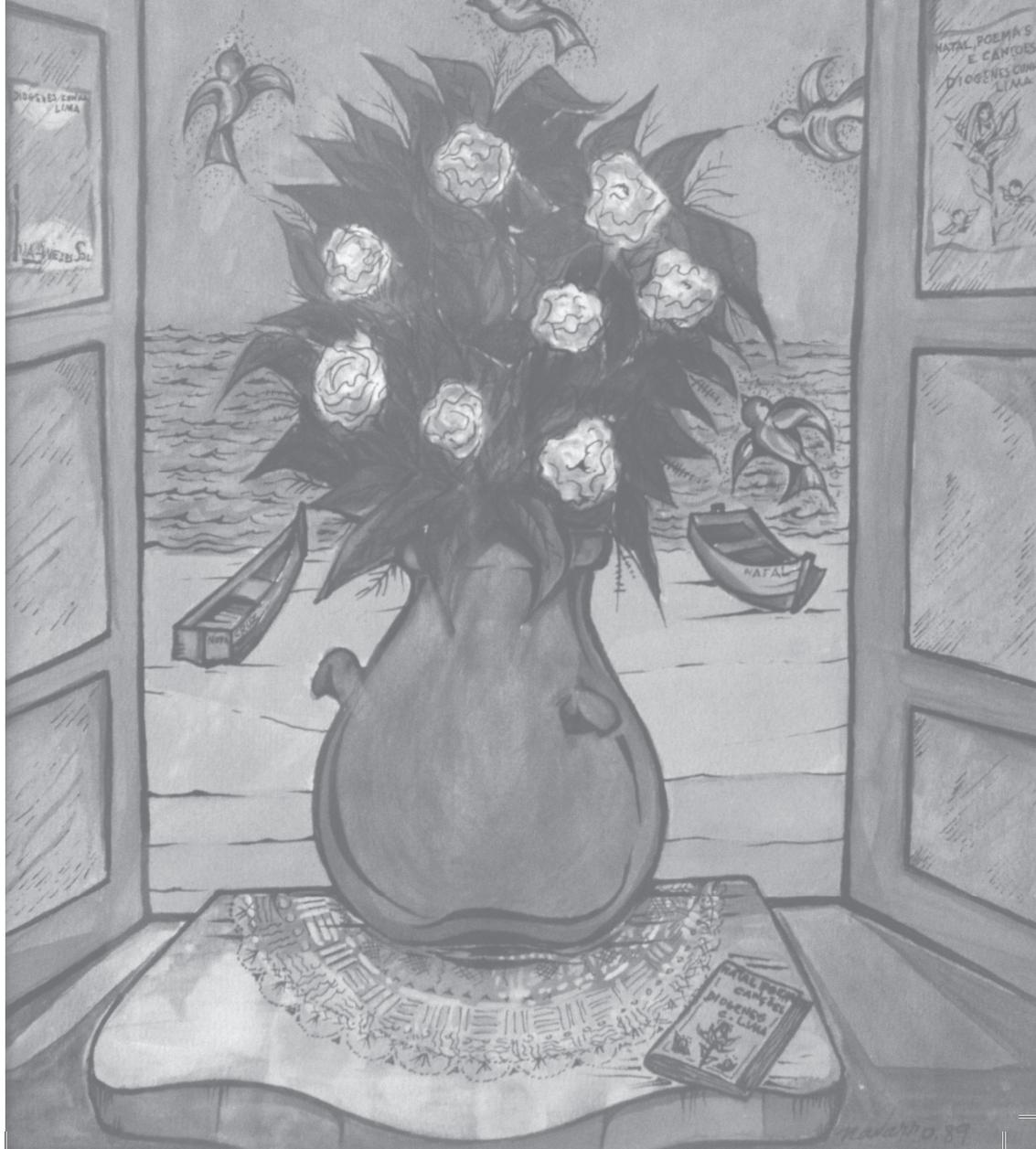
POEMAS

TENEBRAS - Auta de Souza	239
POEMAS DE ANCHELLA MONTE	240
JUVINA MONTEIRO - David de Medeiros Leite	243
VISITAREI A CASA MATERNA - Lívio Oliveira	245
POEMAS DE LISBETH LIMA	247
POEMAS DE PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO..	248
PANDORA - Roberto Lima de Souza	251





MULHER SOBRE MULHER



REVISTA TEMÁTICA

A sugestão desta Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, dedicada ao tema “Mulher e Literatura”, foi da escritora Rizolete Fernandes. Abracei, como acadêmica, a proposta, que levei ao diretor da publicação, Manoel Onofre Jr, o qual de pronto acatou.

Nós, Rizolete e eu, convidamos várias escritoras para participar e colaborar com essa empreitada. A linha mestra destes trabalhos é a mulher como sujeito de sua história e dos mundos que cria, com muito exercício e mais paixão.

Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo



OITEIRO:

A ARTE E O ENGENHO DE MADALENA ANTUNES

Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo

Sumário

ESCRITA COM TINTA INDELÉVEL

OITEIRO: O LIVRO

AS NARRATIVAS DO EU

A ESCRITORA MADALENA ANTUNES

PERSONAGENS

A NARRADORA MADALENA

MÃE PRETA

TONHA

ESTAÇÃO RIBEIRA





ESCRITA COM TINTA INDELÉVEL

“Ó velho oitizeiro! Figura do passado! Templo de minhas primeiras impressões! Tu que em criança me assombravas e hoje me inspiras respeito e saudade! Quantas coisas recordas, ó árvore do pomar de minha felicidade!”
(ANTUNES, 2003.)

Madalena Antunes me faz pegar o trem e voltar para Ceará-Mirim, terra de minha família materna. A viagem, antigamente, era uma aventura, que terminava nos braços de minha avó: Sinhazinha. Com ela, visitei Madalena, algum tempo antes de sua morte, na casa da Hermes da Fonseca. Elas duas eram parentas.

O livro *Oiteiro* só conheci bem mais tarde, quando pesquisava sobre Literatura Potiguar. Foi uma grande descoberta. Primeiro, pela qualidade literária do texto; segundo, porque recuperava tempos passados daquela que considero também minha cidade.

A partir da década de 1980 do século passado, os cursos de Letras das universidades brasileiras introduziram disciplinas que tinha como tema a mulher, como escritora ou personagem. Isso resultou em trabalhos que passaram a ser divulgados em congressos, seminários e publicações dedicadas à temática da criação feminina. Para embasar os novos estudos, foram propostas também novas teorias e metodologias, que revisavam os pressupostos dos antigos cânones que se apoiavam em valores da sociedade patriarcal. O curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte acompanhou a dinâmica nacional e introduziu, gradativamente, o tema em seu currículo com excelente repercussão por parte dos alunos.

A presença da mulher na literatura, como criadora e/ou criatura, proporcionou novas perspectivas aos estudiosos, porque acolheu vozes e olhares que ampliaram e transformaram o mundo.



Esse foi o motivo de eu escolher para este trabalho, que tem como tema a mulher escritora e a mulher escrita, dona de sua história, o livro *Oiteiro*

OITEIRO: O LIVRO

O livro *Oiteiro*, de Madalena Antunes (Ceará-Mirim, 1890 - Natal, 1959) é um dos mais importantes textos em prosa da literatura potiguar. Tem razão o mestre Câmara Cascudo quando diz, no prefácio, que esse livro é uma raridade entre os livros de memória do Brasil, escritos quer sejam por homens quer por mulheres, e merece o reconhecimento nacional que tem “*Minha vida de menina*”, de Helena Morley. (Cascudo *apud* Antunes, 2003, p.19).

Escrito na década de 1950, o volume resgata os acontecimentos relativos às duas últimas décadas do século XIX, que têm como pano de fundo a abolição da escravatura, a queda do Império e a proclamação da República. Período importante e contraditório, cujas consequências repercutem, até os dias de hoje, na vida nacional.

Subintitulado “Memórias de uma sinhá moça”, o livro não se restringe a esse tema e serve de subsídio a estudos de outras áreas, como antropologia, etnografia, sociologia, enfim à história cultural brasileira.

O tema do livro é a educação de Madalena. Os tempos da narrativa são estabelecidos pelas etapas de sua formação:

- a vida no engenho;
- o internato no Recife;
- os retornos a Ceará-Mirim.

Estruturado em 27 capítulos, o volume vai da vida doméstica de uma família no tempo da escravidão às consequências da abolição na vida dos senhores de engenho do vale do Ceará-Mirim.



Escrito de maturidade, *Oiteiro*, redigido mais de cinquenta anos após os fatos, filtra, através da memória, da pequena história privada à grande história do período, sendo um modelo “mirim” do que acontecia no resto do Nordeste naquela época de transição.

A família, constituída pelos pais, Madalena - a primogênita - e a escadinha de irmãos, era equilibrada e unida em torno dos princípios burgueses da época, que tinham na religião católica seu farol. Em volta do núcleo familiar, circulavam parentes e amigos, entre os quais, ela destaca apenas seu padrinho, com um capítulo, número 24, cabendo aos outros apenas breves aparições. Mais perto dos olhos e do coração estavam os negros domésticos, escravos ainda, entre os quais a narradora destaca, sua mãe preta, Patica, e sua companheira de brincadeiras, a negrinha Tonha, figuras essenciais na vida da protagonista, que dedica, inclusive, um capítulo especial às duas.

Quando *Oiteiro* foi lançado, em 1958, em Natal, mereceu uma recepção consagradora dos intelectuais que frequentavam a casa da escritora, liderados por Câmara Cascudo. Infelizmente, como vaticina nosso mais conhecido intelectual, o texto estará fadado a encalhar no Forte dos Reis Magos, com pouca repercussão lá fora, em águas nacionais. Através de suas páginas, flui o Brasil real dos velhos engenhos de fogo (quase) morto, os senhores coronéis da guarda nacional, com suas patentes compradas, as sinhás em liteiras e os escravos descalços correndo nas areias quentes do chão.

A narradora capta as nuances desse cenário dinâmico e, por meio de algumas personagens e cenas antológicas, descreve a paisagem em mudança acelerada, anunciando a chegada dos novos tempos da modernidade.

O pai e a mãe compõem a sólida moldura doméstica que formatou o mundo de Madalena, mas são as duas personagens negras que oferecem as vias de escape da realidade: Patica, a mãe preta, pelo amor incondicional e pelas histórias que alimentaram a imaginação da escritora, e Tonha, pelas brincadeiras e astúcias que

fizeram a graça de sua infância. As duas personagens orbitam em torno da sinhá, reguladas pelos pais, cuidadosos e determinados em fazer da filha uma moça culta e educada, o que não era comum naqueles velhos tempos.

AS NARRATIVAS DO EU

A Madalena narradora não é a Madalena histórica, com certidão de nascimento e de morte, registradas em cartório. É uma ficção, uma personagem, resgatada do passado pela memória. A memória é construtora, cria, confunde e pode trair. O eu escrito, desdobrado no papel ou na tela, é outro eu. Essa matéria teórica é bastante discutida nos últimos tempos e passa pela filosofia, pela linguística, literatura e psicanálise, que trabalham a questão do sujeito, o caráter imaginário do ego e a morte do autor. Em língua portuguesa, lembro alguns textos críticos e poéticos de Fernando Pessoa, que levou a fundo o fingimento do eu desdobrando-se em vários heterônimos, vários eus, máscaras que não escondem nada atrás.

“Quando narramos nossa vida ou algum acontecimento dela, alimentamos autoficções. São elas que garantem nossa estabilidade como sujeitos individuais, que nos permitem dar um sentido a nosso passado e planejar nosso futuro. Entretanto, esse sujeito individual e esses sentidos, passados ou futuros, são sempre provisórios, sempre imaginários, no sentido psicanalítico. E quando essa narrativa pretende ser literária, a distância entre o discurso e a realidade é ainda maior. Portanto, definir a autoficção literária em função de sua veracidade é uma falácia” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.209).



Para o texto em estudo, *Oiteiro*, proponho o uso do termo “autoficção”, que, ainda segundo PERRONE-MOISÉS, é um “termo elástico e poroso” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.209), o qual substitui bem outros, como: biografia romanceada, ficção autobiográfica, romance inspirado em fatos reais.

Enfim, a Madalena que, com mais de setenta anos, vê-se, no dia do seu sétimo aniversário, rasgando a “carta de a-b-c”, presente do pai, desdobrou-se em outras madalenas. A personagem, que se olha de longe e imagina que se vê, está recriando sua história, isto é, fazendo sua própria autoficção literária, que, na verdade, tem título de romance: *Oiteiro*.

O escritor Nilo Pereira, na carta introdutória do livro já tinha escrito isso:

“Em linhas gerais disse-me o Cascudo o que é o seu romance. É o romance do ciclo da cana de açúcar, da paisagem rural dos engenhos, com suas casas grandes, as suas sinhás-donas, as suas mucamas, todo um drama que nos é familiar porque é justamente nele que temos mergulhadas as nossas raízes emocionais” (Pereira *apud* Antunes, 2003, p.23-24).

A ESCRITORA MADALENA ANTUNES

Na introdução de *Oiteiro* há um pequeno texto, intitulado “Aos leitores”, que não vem assinado e traz apenas uma data, abaixo: outubro de 1958. Nesse texto, escutamos a voz da autora, justificando-se, junto ao leitor, pela ousadia de entrar no espaço público com seu livro:

“Escrevi-o sem o preparo necessário ao escritor: cultura e conhecimento da língua”

[...]



“Quando comecei a escrever minhas memórias, não foi com o intuito de publicá-las.”

[...]

“Devo a resolução de hoje ao incentivo dos contemporâneos Câmara Cascudo, Nilo Pereira e Palmira Wanderley”

[...]

“São de Câmara Cascudo e Nilo Pereira as transcrições que faço sobre meu livro para que possa ter ao menos numa das suas páginas, vislumbres da auréola que enfeita a nuvem ao aproximar-se do sol.” (Antunes, 2003).

De quantas escoras precisava ainda uma escritora, já na segunda metade do século passado, para enfrentar o público?

Nessa breve introdução, revelam-se todos os problemas enfrentados por uma mulher que ousasse ocupar o espaço público, ainda domínio dos homens. Por isso, como quem cumpre um ritual, a escritora se explica, justifica e pede permissão para sair do espaço privado, avisando até que não pensava em publicar o livro, embora o tivesse escrito. Se ousou publicar, foi porque foi avalizada, pelo prefácio de Câmara Cascudo, o mais importante escritor do estado, e pela carta de seu sobrinho, o conhecido escritor Nilo Pereira.

O espaço do saber e do poder, até as primeiras décadas do século XX, era ainda âmbito exclusivo dos homens. Publicar era expor-se ao risco de revelar as intimidades femininas, indo de encontro à moral e aos bons costumes. Em algumas famílias letradas e liberais, até se permite às moças escreverem poesia, tendo a prática desse gênero literário contado com mais aceitação na sociedade. Registra-se, inclusive, uma farta produção poética feminina, que circulou basicamente em periódicos, alguns até manuscritos, desde



as últimas décadas do século XIX. Porém essa colaboração cessava quando a poetisa casava e constituía família.

As prosadoras, historicamente, foram minoria e não contavam com a aprovação do público masculino. A prosa sempre foi mais contestadora, por incorporar temas do cotidiano, que questionavam o *status quo* sem o uso estratégico de uma linguagem alegórica e/ou metafórica.

No verbete dedicado a Madalena Antunes e publicado no livro *Escritoras do Rio Grande do Norte*, há um texto de sua neta, Lúcia Helena Pereira, no qual esta se refere às limitações impostas às escritoras, ao registrar as reuniões de intelectuais da cidade promovidas por sua avó.

“No terraço, o rebuliço era grande com a presença dos intelectuais visitando a Sinhá moça, para lhe beber as lições de amor e aplaudir sua coragem infiltrando-se na literatura, em época, ainda de rigoroso preconceito” (Duar-te e Macêdo, 2013, p.100)

Muitas foram as maneiras de calar as mulheres, durante séculos, desde impedir que aprendessem a escrever até censurar o que escreviam e/ou satirizar seus textos. Todas elas eram estratégias de controle social para mantê-las limitadas ao lar. Por outro lado, se a escritora não podia sair de casa, o escritor dava-se o direito de entrar no espaço doméstico, desvendando a alma feminina e ensinando como a mulher deveria pensar e comportar-se. Enfim, impondo-lhe os códigos burgueses da moralidade.

PERSONAGENS

Como o objetivo deste artigo é estudar a mulher como sujeito de sua história - criadora e criatura -, destaco três personagens femininas fundamentais no livro: Madalena, a narradora; Patuca, sua mãe preta; e Tonha, sua companheira de infância.

A NARRADORA MADALENA

Madalena apresenta-se ao leitor como a personagem principal da narrativa, eu que se destila da memória como uma menina atrevida e voluntariosa, que enfrenta o próprio pai rasgando a carta de “a-b-c”, presente de seu sétimo aniversário. A cena, assistida pelo pai, além de revelar a menina, revela também a personagem paterna, uma exceção, entre os patriarcas rigorosos do tempo:

“A uma certa distância, meu pai observava tudo...E aproximando-se de mim:

-Que bela estréia, minha filha, para quem entra hoje, segundo a Igreja, no uso da razão!

E, afivelando-me no braço uma pulseirinha de coral, acrescentou:

- Não era somente a “carta de a-b-c”.

Perdoe-me, balbuciei envergonhada.

Ele chamou-me a si, beijando-me sem mágoa, na sublimidade do amor paternal. Repreendeu-me com brandura. Sabia que tudo quanto se diz às crianças deve ser revestido de simplicidade e leveza, para que não se rompa o fino véu que ainda as envolve, afastando-as da cruel realidade. (ANTUNES, 2003, p. 35).

A preocupação paterna em educar as filhas faz do pai uma exceção na sociedade machista e revela seu caráter liberal. Ele ministrava as aulas, em casa, para os filhos, e a mãe fiscalizava os deveres, enquanto aguardavam o momento de interná-los em bons colégios. Madalena não valorizava os estudos e só queria brincar, como ela mesma narra:

“Por muito tempo ainda, fui a maior preocupação de meus pais, por não ter amor ao estudo. Em casa diziam que, se quisessem es-



conder uma coisa de mim, guardasse dentro dos meus livros.” (ANTUNES, 2003, p. 37).

A irresponsabilidade e o desinteresse da filha apressou a decisão e, em junho de 1891, aos 11 anos de idade, a menina foi internada no Colégio São José do Recife (PE). Feitos os testes para admissão, ela foi encaminhada para a classe das meninas de sete a oito anos. Os fracos resultados conseguidos não a envergonharam, e ela confessa no livro que o desempenho dos três primeiros anos de estudo foram medíocres: ela não sobressaiu em nenhuma disciplina.

A narradora é impiedosa ao escrever o texto e critica suas atitudes e comportamentos. Vê-se, de longe, no tempo, com os olhos maduros, duros e faz o *mea culpa* página a página, acertando as contas consigo mesma e com os pais. Ela só se dará conta de sua irresponsabilidade e do esforço paterno para manter os filhos no colégio ao voltar pela primeira vez a Ceará-Mirim:

“Três anos de ausência! Tudo a mesma coisa! Só meu pai não estava o mesmo...”

[...]

“Compreendi ser um crime, em face da situação financeira de meu pai, não corresponder ao sacrifício que ele fazia para manter a mim e meus irmãozinhos nos estudos” (Antunes, 2003, p.219).

Compara sua sorte, em nascer em uma família esclarecida, que prezava a educação das mulheres com a de sua mãe.

“Minha mãe era uma criatura adorável! De uma filosofia rara!... Um diamante sem ser lapidado. Pertencia à época em que a educação dada à mulher era quase nenhuma e em que não iam além das primeiras letras as próprias senhoras da mais alta posição social.

Os pais não a puseram na escola para não aprender a escrever a namorados. Inteligente, conseguiu às ocultas tomar lições com uma vizinha que morava na mesma praia de Água-Maré, em Macau, onde ela nasceu, e assim, vencendo dificuldades aprendeu a assinar o nome e ler qualquer livro” (ANTUNES, 2003, p. 41).

O resgate das figuras paterna e materna, como pessoas que valorizavam a cultura, serve de parâmetro de comparação para a personagem, que, no presente da narrativa, reconhece sua imaturidade e irresponsabilidade.

O livro é uma prestação de contas aos pais, devolvendo, simbolicamente o investimento que fizeram com a educação dela. Entre os irmãos, Madalena foi quem demorou mais a apreender o benefício que eles lhe proporcionaram, numa época em que não se investia em estudos de meninas. *Oiteiro* paga a conta de sobra!

MÃE PRETA

“Feíssima! Diziam todos.

Linda! Dizia eu...

Cheirava a murta e manjeriço”.

(Antunes, 2003, p77)

Patuca foi o apelido que Madalena deu a sua mãe preta, Francisca. Presença marcante na vida da menina, presença constante no texto da narradora. A mãe preta e Sinhá Lica - apelido que Patuca deu a Madalena - estão enleadas numa teia de amor e cuidado que as palavras buscam alcançar.

Dedicada à família Antunes, Patuca negou-se a abandonar o engenho *Oiteiro* quando foi libertada e lá viveu até o fim de sua vida.



A escritora dedica-lhe espaços generosos em seu livro e penitencia-se pelas indelicadezas que lhe fez quando adolescente, renegando o apelido de Sinhá Lica, que, com autorização de sua mãe, a ex-escrava lhe dera.

A relação entre as crianças e suas mães pretas é um capítulo importante da formação do povo brasileiro, tema estudado por diversos autores. A estratégia de sobrevivência de uma escrava, separada da família, era a transferência afetiva. No leite materno, vinham inoculados amor e dor. Essa dor ainda está viva, sangrando nas ruas.

A outra face de Patuca é a da contadora de histórias, que Cascudo chamou, no prefácio, de “Sheerazade de ébano”. Patuca parece dominar o repertório das histórias orais que circulavam pelo país, o qual enriquece com suas próprias criações, como acreditava Madalena e o próprio Câmara Cascudo, que acompanhou e incentivou Madalena na publicação do livro. Essa história, a preferida da escritora, realmente não faz parte dos “romances palacianos” pesquisados por Deífilo Gurgel e publicados no livro *Romanceiro Potiguar*.

A narradora transcreve, no capítulo 24, a história dos príncipes “Diniz e Rosina”, que lhe ditou Patuca pouco antes de morrer.

TONHA

Tonha, negrinha “já de ventre livre, minha companheira permanente nas travessuras e apenas mais velha do que eu dois anos”... (Antunes, 2003, p. 38).

Tonha foi a companheira inseparável de Madalena nos primeiros anos de sua vida. Criativa e astuciosa, estava sempre planejando aventuras, que nem sempre acabavam bem, como a antológica fuga para a cidade de “Olindra,” magistralmente narrada pela escritora:



- Tonha, você conhece essa cidade?

E ela com um muchocho e alguma gravidade:

Ora, se eu não conhecesse não falava; e mesmo a gente só fala do que conhece? Já vi perfeitamente a cidade de “Olindra,” em livros da estante do Doutô Meira. Quando vou lá com Tetê, minha avó, levá presentes da Sinhazinha pra mulhé do doutô, assim que tenho uma escapula, remexo nos livros!

Fazia uma pausa, revirava os olhos e continuava:

Sinhá Lica não sabe daquela moda que fala numa rua de briante só pra meu bem passíá. Pois aquela rua é na Olindra...” (Antunes, 2003, p.82).

Para Câmara Cascudo, Tonha era uma “boneca Emília de carne de olhos de jabuticaba, cheia de imaginação e credulidade” (Cascudo *apud* Antunes, 2003, p. 21).

Tonha é uma referência recorrente no texto. A todo momento, a narradora se indaga: o que Tonha pensaria disso? por onde andaré Tonha?

A vivacidade e a independência da amiga marcaram definitivamente a vida de Madalena. Esta chega a dizer, textualmente, comparando as limitações sociais de sua vida de sinhazinha à da companheira; “Eu sim, é que parecia ser uma escrava” (Antunes, 2003, p.163).

Quando da abolição da escravatura, Tonha foi levada pela avó, único familiar que tinha, para Angicos, e a narradora nunca mais a viu.

As duas personagens negras iluminam a vida de Madalena com afeto e alegria e apontam para a contradição – injusta e dolorosa – do sistema escravagista, que colocava em campos opostos patrões e escravos, brancos e pretos.



ESTAÇÃO RIBEIRA

Ao concluir este passeio pelos tempos remotos no vale do Ceará-Mirim, levada pela mão de Madalena Antunes, só posso agradecer essa nova oportunidade que a autora me dá de trabalhar com sua obra. A literatura do Rio Grande do Norte ressentiu-se da falta de obras em prosa e, talvez, do peso excessivo da poesia, que desequilibra os pratos da balança literária. A escritora, quem sabe, podia ter escrito mais livros. Talento não lhe faltava. Câmara Cascudo reconheceu! Tarcísio Gurgel reconheceu! Eu e minha parceira de pesquisas sobre o tema Mulher e Literatura, Constância de Lima Duarte, reconhecemos também! Porém Madalena casou muito cedo e teve filhos. Não podia, de acordo com os valores da época, dispor de seu tempo para dedicar-se à literatura.

A primorosa qualidade literária do livro *Oiteiro* é uma garantia de que, em tempos atuais, uma mulher com o talento de Antunes pode profissionalizar-se e ocupar o papel de sujeito de sua história.

Chama atenção para o fato de que esse pequeno grande livro só teve, até hoje - sessenta anos após seu lançamento - , duas edições: a primeira, de 1958, é obra rara, objeto de culto de colecionadores; a segunda, de 2003, há uma década, praticamente, desapareceu do mercado. É necessário que se tomem as providências para editar urgentemente o livro mais uma vez.

Os principais pontos levantados por este trabalho foram:

- que o eu narrativo é um eu ficcional;
- que a voz da mulher levou tempo para ser ouvida;
- que *Oiteiro* tem como fio condutor as peripécias de uma sinhá-moça, a narradora, desinteressada dos estudos;
- que o pai, fugindo ao modelo patriarcal de seu tempo quer que sua filha seja instruída;



- que o livro é um importante documento da época e tem por pano de fundo a escravidão, motor da economia canavieira, e as consequências da libertação dos escravos para a economia local;
- que as relações de afeto que a narradora mantém com as duas negras, Patica e Tonha, é uma contradição, dentro do sistema escravagista, e até hoje afeta nossa sociedade racista;

que a palavra feminina tem o poder de criar, com tempo, teto e talento, obras raras.

Destacou-se que o livro pode ser abordado por diversos ângulos, oferecendo material para várias áreas de estudos, pela riqueza dos assuntos tratados, que vão das peripécias inacreditáveis de uma simples viagem para Recife à inesquecível visita do bispo a Ceará-Mirim e à descrição minuciosa e rica da feira dessa cidade. Material importante a ser explorado pelos pesquisadores.

Em maio de 2017, o livro foi escolhido, pela revista digital Super Interessante, como o mais representativo do Rio Grande do Norte: “é isso que faz a literatura ser um dos mais importantes símbolos para a formação da identidade cultural de um lugar” (Carbonari, 2017).

Reafirmo que, em *Oiteiro*, Madalena ajusta as contas com os pais pelo investimento que fizeram em sua educação e também reembolsa os negros nas inesquecíveis personagens de Tonha e Patica.

Enfim, paro por aqui, porque é preciso parar. Agradeço, mais uma vez a Madalena pelo bilhete de trem que me levou de volta a Ceará-Mirim e desço nesta estação.



BIBLIOGRAFIA

CARBONARI, Pamela. Revista Digital Superinteressante. Disponível em <<https://super.abril.com.br/blog/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/>>. Acessado em 06/02/2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. Oiteiro (memórias de uma “sinhá-moça”) - transcrito d’A República, órgão oficial do Estado. In: ANTUNES, Madalena. Oiteiro: Memórias de uma Sinhá-Moça. 2 ed. Natal: A. S. Editores, 2003. (Col. Letras Potiguaras). p 19.

DUARTE, Constância Lima e MACEDO, Diva Maria Cunha Pereira de. Escritoras do Rio Grande do Norte. Antologia. 2 ed. Natal: Jovens Escribas, 2013.

GURGEL, Deífilo. Romanceiro Potiguar. 1ª ed. Natal(RN): Fundação José Augusto, 2012.

GURGEL, Tarcisio. IV Parte: Literatura em festa. In: Informação da Literatura Potiguar. Natal/RN: Argos, 2001. P.113

PEREIRA, Nilo. Carta de Nilo Pereira. In: ANTUNES, Madalena. Oiteiro: Memórias de uma Sinhá-Moça. 2 ed. Natal: A. S. Editores, 2003. (Col. Letras Potiguaras). P23/24.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A autoficção e os limites do eu. In: Mutações da literatura do século XXI. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.209

DIVA CUNHA é poeta, escritora e professora aposentada da UFRN. Autora de “Canto de Página”, “Resina” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura.

AS VIAGENS DE NÍSIA FLORESTA: MEMÓRIA, TESTEMUNHO E HISTÓRIA

Constância Lima Duarte

Era-me necessário percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências.¹

É triste ver-se, querer-se bem, para deixar-se logo em seguida! São, assim, no entanto, as ligações de turistas! Meu espírito ama as viagens, meu ser físico nelas se compraz, mas meu coração nunca será viajante.²

Percorrendo as páginas da história da literatura brasileira do século XIX, poucas são as referências que encontramos acerca de relatos de viagens.³ Apesar de inúmeros brasileiros terem estudado em Coimbra e em Lisboa e viajado pela Europa nessa mesma época, a verdade é que bem poucos registraram sua experiência. Entre os que publicaram alguma narrativa de viagem estão: Araújo Porto-Alegre, que divulgou em revistas da época rápidas anotações de sua excursão a Roma e Nápoles; e Pereira da Silva, que reuniu os apontamentos de sua ida à Europa, em 1851 e 1852, no livro *Variedades literárias*, publicado pela Garnier em 1862. Neste livro, além de poemas e contos, encontram-se 12 cartas suas sob o título “Impressões de viagem” que tratam das semanas passadas em Por-

1 Nísia FLORESTA, 1998a, 37.

2 FLORESTA, 1998a, 116.

3 Este artigo encontra-se ampliado em Constância Lima DUARTE, 1995.



tugal, Londres e Paris e também um outro texto, “Viagem pela Alemanha em 1837”, que contém seu depoimento sobre a Alemanha romântica. Também viajaram Marcos de Macedo (*Viagem ao Egito e lugares santos*), Conselheiro Lisboa (*Viagem às repúblicas do Pacífico*) e Nestor Vítor (*Paris*). E outros o fizeram pelo próprio país, como Couto de Magalhães (*Viagens ao Araguaia*, de 1863), João Severiano da Fonseca (*Viagem ao redor do Brasil – 1875-1878*) e Gonçalves de Magalhães (*Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão, desde 1839 até 1840*, de 1848).

E, dentre tantos nomes masculinos, destaca-se a presença de Nísia Floresta no rol dos viajantes brasileiros ilustres do século XIX. Nascida no interior do Rio Grande do Norte, em 1810, com o nome de Dionísia Gonçalves Pinto, Nísia Floresta residiu também em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro antes de se mudar para a Europa, em 1849, e residir em Portugal, Inglaterra, Itália e França, e viajar incansavelmente pelos países do Velho Mundo até falecer, em 1885, em Rouen, no interior da França.

Nísia Floresta foi pioneira em várias frentes, por exemplo, foi uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos na grande imprensa, pois, desde 1830, seu nome era presença constante em periódicos nacionais, comentando questões polêmicas, como o direito das mulheres – e, também, dos índios e dos escravos – a uma vida digna e respeitável. Aliás, nesse gosto pela polêmica e no fato de viver sempre à frente de seu tempo, estariam, também, traços de modernidade da autora. Entre os principais títulos que publicou estão: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), que denuncia o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira e desmistifica a ideia dominante da superioridade masculina; o *Opúsculo humanitário* (1853) e *A mulher* (1859), que discutem questões relativas à educação e à condição feminina; e o poema *A lágrima de um caeté* (1849), que, diferente da maioria dos textos indianistas, traz o ponto de vista do índio consciente de sua derrota histórica e inconformado com a opressão do invasor.

Foi no ano da publicação deste livro que Nísia seguiu para a Europa, onde viveu praticamente o resto de sua vida. Apenas duas vezes ela voltou ao Brasil – em 1852 e 1872 –, quando aproveitou para rever os familiares e a cidade do Rio de Janeiro e também vender terras e publicar novos livros.

Se o registro de suas viagens não se tornou conhecido pelo público nacional, isso se deve, principalmente, por ter sido escrito em língua estrangeira e ficado muitas décadas esgotado; são eles: *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* e *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. O primeiro foi publicado em Paris, em 1857, e traduzido para o português somente em 1982. O segundo, também publicado em Paris, em dois alentados volumes, em 1864 e em 1872, apesar de considerado por mais de um crítico uma obra-prima, em que a autora teria alcançado a culminância de seu esplendor intelectual, permaneceu inédito em língua portuguesa até 1998, quando teve o seu primeiro volume traduzido e lançado em português.⁴

Em ambos os livros, ela realiza o caminho inverso dos estrangeiros que aqui vinham “descobrir” o Brasil. Escritos sob a forma de diário ou de cartas aos parentes distantes, seus relatos revelam, bem ao gosto da época, as emoções e as impressões da autora diante de cada cidade ou país que visita, bem como reflexões diante das ruínas e dos fatos históricos que presencia. Nísia Floresta realiza, portanto, muito mais que simples relatos, pois descreve com sensibilidade e erudição cada cidade, igreja, museu, parque, biblioteca e monumento, e os tipos humanos que encontra.

Porém, se entre os escritores nacionais há poucos exemplos de diários e impressões de viagens, na Europa do século XVIII e XIX essa foi uma modalidade literária das mais fecundas e exercitada por grande número de escritores. Aliás, foram precisamente os europeus em viagem ao Brasil que mais contribuíram para a formação de uma biblioteca de narrativas referentes ao nosso país, apesar de nem todos terem a intenção (e mesmo habilidade) de realizar literatura quando faziam anotações

⁴ O segundo volume apenas recentemente foi traduzido pela professora Selma Pereira e encontra-se no prelo.



a respeito da nova terra. Pretendiam, sim, registrar suas observações e estudos acerca da geografia, da fauna e da flora tropical, e revelar à Europa alguns dos mistérios dessa terra que tanto fascínio exercia sobre os pintores, naturalistas, literatos e aventureiros do Velho Mundo. Ainda assim, as memórias, os diários ou os relatórios que fizeram tiveram uma inusitada importância no desenvolvimento do nosso romantismo. Tais textos colaboraram para ensinar os olhos nativos a ver e a valorizar a própria paisagem, bem como as expressões mais adequadas para descrevê-la. Foram eles, com certeza, os primeiros a mencionar a “natureza exuberante” ou o “espetáculo pitoresco” referindo-se às coisas do Brasil.

De Jean de Léry e André Thévet, no século XVI, a Carl von Koseritz, Daniel Kidder, Hermann Burmeister, Maria Graham, Jean-Baptiste Debret, Charles Ribeyrolles, Ferdinand Denis, Auguste Saint-Hilaire e o casal Jean Louis e Elizabeth Agassiz, na segunda metade do século XIX, foram muitos os que vitalizaram o gênero literário relativo às viagens enquanto escreviam sobre as explorações científicas em nosso país. Dentre as reflexões acerca do procedimento a ser adotado pelos viajantes destacam-se as de Jean-Jacques Rousseau. Segundo o autor,

Observa-se toda a região; olha-se para a esquerda e para a direita; examina-se o que apraz e a gente se detém quando se agrada do lugar. [...] Não basta para se instruir percorrer os países; é preciso saber viajar. Para observar é preciso ter olhos e voltá-los para o objeto que se quer conhecer. [...] Há muita diferença entre viajar para ver terras e viajar para ver povos. O primeiro objeto é o dos curiosos, o outro é apenas acessório. Deve ser o contrário para quem quer filosofar. A criança observa as coisas à espera de que possa observar os homens. O homem deve começar por observar os homens; depois observará as coisas, se tiver tempo.⁵

5 Jean-Jacques ROUSSEAU, 1968, p. 494, p. 544 e p. 548.

A arte de viajar incluía também a realização de longos passeios a pé, observando o que se apresentasse no trajeto, como os fósseis, as plantas, a natureza, a cultura e os costumes do País. Nísia Floresta, veremos, assimilou essas lições rousseauianas e viajará *comme il faut*.

Vejam os dois livros de viagem de Nísia Floresta. Com o título de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, esse livro foi publicado em Paris em 1857, e quem assina o prefácio é Eugénie Pelsef, que revela, entre outras coisas, a intenção da autora em não publicar o texto. Essas “impressões de viagem” sob a forma de cartas pretendiam apenas “dar expansão a suas emoções junto ao coração da família”, o que explicaria a intimidade contida em suas páginas. À medida que a narrativa se desenvolve, percebemos que essa correspondência diária, quase um relatório do dia-a-dia, cumpria a função de preencher a solidão da viajante, convertendo-se num quase diário, no qual a autora, além de registrar as impressões do que vê, deixa-se levar pelo devaneio, tornando-se cada vez mais intimista.

Itinerário de uma viagem à Alemanha trata, pois, da primeira excursão realizada por Nísia Floresta ao país de Goethe, passando pela Bélgica e pelo interior da França, entre agosto e setembro de 1856. Ao todo, são 34 cartas escritas diariamente e dirigidas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. A primeira é datada de Bruxelas, 26 de agosto, e a última é de 30 de setembro de 1856 e foi escrita em Estrasburgo. O trajeto escolhido ela nos explica: preferiu entrar na Alemanha pela Bélgica e sair por Kehl para ir de Estrasburgo a Montbéliard. Nelas, a narradora descreve os momentos mais marcantes de seu percurso, reiterando em quase todas as páginas a saudade que sentia, o quanto desejaria estar fazendo tal passeio com toda a família e não só em companhia de Lívia, a única filha presente.

E as razões que a levaram a realizar tal viagem também são reveladas logo de início: a aproximação do primeiro aniversário de morte da mãe, o desejo de conhecer outros países e, também, de fazer uma peregrinação ao túmulo “do venerável amigo, o sábio e bom Duvernoy”, falecido no ano anterior. “Era-me necessário



percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências”.⁶

Interessante observar que a morte a impulsiona para as viagens, que, por sua vez, conduzem-na de volta à vida. Toda a narrativa conserva uma tensão entre morte e vida, bem perceptível no clima fúnebre que preside o *Itinerário*. “Viajar, repito-lhes, é o meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente”.⁷ Porém, à medida que o roteiro avança, ela fica menos melancólica e se refere cada vez menos à mãe e aos familiares, pois, sem perceber, deixa-se envolver pela movimentação normal da viagem:

Passando de paisagem em paisagem, de ruínas em ruínas e de cidade em cidade, nesta poética Alemanha, contemplando suas magnificências naturais e artísticas, o espírito arrebatado pelo requinte da arte e pelos encantos da natureza ora risonha e ora garrida, ora austera e recatada, minha alma se prosterna, cada dia, perante o gênio benfazejo que me inspirou a ideia de visitar essas terras e me deu a coragem de executá-la.⁸

O país escolhido não poderia ter sido outro. Quem, naquela época, buscasse novas emoções necessariamente ia ao berço do movimento romântico, à poética Germânia, pátria de Leibnitz e Kant, que preenchia com lirismo, tradição e exotismo, na dose certa, os espíritos românticos sedentos de aventura. A Alemanha era, não só para Nísia Floresta como para os demais escritores do tempo, o país da sensibilidade e da filosofia e, também, em suas palavras, “da poesia, do devaneio e amor, tanto quanto país de maravilhas do trabalho e do gênio humano”.

6 FLORESTA, 1998a, p. 37.

7 FLORESTA, 1998a, p. 129.

8 FLORESTA, 1998a, p. 165.

A autora refaz o percurso de Mme. de Stäel (*De L'Allemagne*, 1810), Victor Hugo (*Voyages*, 1840) e de outros viajantes e, como eles, também revela suas *impressões*. Realiza assim o sonho de sua época ao conhecer a “terra-modelo”, a terra de Werther, de Goethe; de *Os salteadores*, de Schiller; e, mais ainda, a terra do *sturm und drang*, cujo fascínio sobre a imaginação romântica ainda não havia se esgotado.

Como Victor Hugo, ela revela a preferência por locais históricos e medievais e a emoção diante de cada monumento, cada ruína. Em Aix-La-Chapelle, por exemplo, Hugo rende homenagens a Carlos Magno, tal como faz nossa autora. Aliás, o *Itinerário* nisiano em vários trechos dialoga com o texto hugoano, acompanhando de perto as descrições que o escritor francês faz do túmulo real e da história dos despojos, despedaçados pela igreja para melhor explorá-los. Só que a narradora se coloca no centro da narrativa e faz parecer que tudo gira à sua volta. O que realmente importa para ela e, por consequência aos leitores, são as emoções e as impressões que sente diante do que vê e do que ouve. Ela não só seleciona o que vai contar como explicita a maneira de fazê-lo: sua emoção diante dos acontecimentos funcionará quase como um filtro e só por meio dela conhecemos cada aspecto de sua viagem.

Esse, portanto, não será um simples roteiro de viagem. Muito mais que o trajeto percorrido entre uma cidade e outra, esse *itinerário* conterà em suas páginas as diversas *viagens* que a narradora empreende ao mesmo tempo. A viagem propriamente dita, que configura o presente da narrativa, é feita por meio das aldeias, cidades e vilas e nos é comunicada nas descrições que a narradora faz das paisagens, dos castelos ou das igrejas que visita. Mesmo as informações mais prosaicas – o meio de transporte utilizado, as distâncias percorridas, os preços dos bilhetes, a qualidade dos hotéis, os atropelos burocráticos das bagagens e das alfândegas – aí estão. Nesses momentos vem à tona o caráter de crônica própria ao gênero:



Deixamos hoje Aix-la-Chapelle, pelas três horas da tarde, depois de haver visitado ainda algumas curiosidades. Chegando aqui, descermos no Hotel Clemente, cujo dono é casado com uma senhora agradável, que fala francês bastante bem. Tão logo ficamos instaladas em aprazível quarto no primeiro andar, de frente, dirigimo-nos a Deutz, aldeia do outro lado do Reno, que se comunica com Colônia através de uma ponte de barcos muito comprida.⁹

Porém, o momento presente da viagem é apenas um ponto de partida e um estímulo para se alcançar o passado do lugar que visita. A visão de um monumento, de uma estátua ou de uma praça, por exemplo, tem o poder de provocar na viajante a lembrança de um vulto histórico ou de uma guerra acontecida séculos antes, no mesmo local. E é no momento da viagem pela história antiga da Alemanha que melhor pode se observar a erudição da cicerone, a pesquisa que realizou e o vasto conhecimento que possui da história.

Uma terceira *viagem* realizar-se-á por meio de incursões na própria subjetividade, quando a narradora reflete a respeito do que está vivenciando ou dá vazão à nostalgia dos entes queridos. Nesse momento, ela se autocontempla romanticamente e se faz espetáculo de si mesma e dos leitores. Busca conscientemente a solidão, os recantos mais escondidos dos bosques, dos campos, à margem dos rios e dos lagos, para melhor dar vazão à introspecção. É o momento intimista da meditação, em que o presente interior é revelado.

Aqui, como aí, a imagem de vocês se reflete em meus olhos sobre os lençóis argênteos e riscados de ouro pelo sulco dos barcos que contemplo na vasta ponte enegrecida, em cujo centro se eleva a velha e austera estátua avermelhada de Carlos Magno. A imaginação, faculdade benfazeja, triunfa sobre a dis-

9 FLORESTA, 1998a, p. 79.

tância que nos separa, representando vocês, constantemente ao meu lado, por toda parte a que dirijo meus passos¹⁰

Além das reflexões sobre sua condição de viajante e dos devaneios que a fazem se lembrar dos parentes, essa narradora-personagem recua ainda mais para dentro de si pela memória para procurar reminiscências da infância ou para ir ao encontro de familiares distantes, estejam eles vivos ou não, até como forma de novamente reviver um momento de felicidade. Está configurada, assim, mais uma *viagem*: a que conduz ao passado íntimo da personagem. Talvez seja essa a mais importante se se considerar que é a que mais nostalgia provoca e a que permitirá à personagem elaborar analiticamente suas perdas e a própria solidão.

Quase me esquecia de tratar com vocês da impressão que, antes de deixar Stuttgart, produziu em mim a visão dos lagos que se acham nas proximidades da cidade. Os de meu país natal fizeram-se presentes a meu espírito com toda a poesia dos anos de minha infância.¹¹

A narradora desfaz, pois, ao longo do trajeto de sua viagem-escritura, a linearidade temporal, fundindo muitas vezes o passado, o presente e o futuro cronológicos. Seu compromisso com o mundo real e o espacial é relativo, pois manipula-os subjetivamente, e cada momento do presente parece conter os momentos anteriores. A simultaneidade de planos que caracteriza a escrita moderna encontra-se, de certa forma, já neste *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, assim como *quase* a reprodução do fluxo da consciência e *quase* um monólogo interior. Se o narrador não desaparece do texto, por outro lado, identifica-se com o EU autobiográfico que, afinal, é quem comanda a cena textual.

10 FLORESTA, 1998a, p. 117-18.

11 FLORESTA, 1998a, p. 178.



Examinemos o outro livro de viagem – *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. O *séjour* italiano de Nísia Floresta inicia-se em 19 de março de 1858 e termina em meados de 1861, tempo mais que suficiente para percorrer o território da Península mais de uma vez e conhecer também a Sicília e a Grécia. Permite-nos supor também que, assim como alguns locais foram visitados mais de uma vez, a narrativa pode ter sido revista, apesar das reiteradas negativas da autora sobre modificações do texto. Em todo caso, dada a demora de sua publicação, foram necessárias algumas anotações de pé de página atualizando informações, como quando a autora descreve o “desagradável trajeto de sete horas, por uma estrada árida e deserta” a caminho de Roma e depois informa que “no momento em que publicamos estas páginas uma estrada de ferro transporta passageiros, em duas horas, de Civita-Vechia a Roma”. O segundo volume, no qual aparece o maior número dessas observações, traz uma advertência aos leitores: informa que o livro havia sido escrito *antes* dos “grandes acontecimentos” (a luta pela independência) que então estavam sendo contados.¹²

Naturalmente, antes de Nísia, muitos tinham sido os escritores que visitaram o solo italiano e que fizeram apaixonados relatos de sua estada. Entre os mais ilustres lembramos Chaucer, que por duas vezes cruzou esse território no século XIV para conhecer Petrarca e a Renascença Italiana, e Montaigne, que descreveu tudo com pormenores em *Journal de voyage en Italie*. A segunda metade do século XVIII, considerada a “idade de ouro da viagem à Itália”, registrou um sem-número de relatos, como o do astrônomo francês Lalande, que publicou um livro de enorme repercussão, *Voyage d'un françois en Italie* (1769); o abade Coyer, autor de *Voyages d'Italie et de Hollande* (1775); e Goethe, que perambulou durante dois anos, de 1786 a 1788, e depois escreveu *Italienische reise*, composto de cartas dirigidas a Charlotte von Stein. Este livro é importante principalmente por conter a “educação do *olhar*” goetheano que tal viagem propiciou e alguns princípios da “arte de viajar”, pre-

12 FLORESTA, 1872, p. 47.

conizados anteriormente por Rousseau. Entre os franceses, Victor Hugo e Chateaubriand também conheceram de perto esse país, assim como George Sand, Musset, Michelet, Lamartine e Mérimée, cujas obras revelam influências da excursão em terras italianas.

Assim, após tantos viajantes, era chegada a vez de Nísia Floresta conhecer a Itália. Diferente de outros, que percorrem o país em algumas semanas, e ela mesma fez em sua excursão à Alemanha, demora-se agora por três longos anos, um tempo mais que suficiente para conhecer e rever os lugares que lhe interessavam, fazer amizades e residir ora em Roma, ora em Veneza, Florença ou Milão. Em *Trois ans en Italie* ela inicia como um *diário de viagem* e termina o segundo volume como uma *crônica histórica*. Opera ainda nesse texto uma singular fusão entre as duas formas de diário, “o de viagem” e o “diário íntimo”, além de guardar uma semelhança com o gênero epistolar, quando se dirige a outra pessoa. Mesmo no diário, aqui e ali surge um vocativo que se refere à pessoa com quem a narradora dialoga (ou “monologa”), que tanto pode ser alguém de seu relacionamento, como um personagem histórico, uma cidade ou um cidadão qualquer.

Essa oscilação entre diário íntimo, diário de viagem e mesmo carta vem caracterizar a narrativa dessa escritora que parece não tratar um tema objetivamente sem se colocar no centro da questão. Em praticamente toda a sua obra, os sentimentos e os pensamentos mais íntimos são divulgados, pois ela não hesita em registrar dados autobiográficos e revelar seus pontos de vista em letra impressa. Essa subjetividade poderosa também vai estar presente nesse texto, pontuando-o com reflexões, opiniões e, principalmente, referências à sua vida particular.

Como a maioria dos escritores de narrativas de viagens, que buscavam conhecer o que os viajantes anteriores tinham dito, Nísia Floresta ao registrar suas impressões da estada em terras italianas também vai mencionar os livros dos que a precederam. Afinal, referir-se a eles representava uma amostra de erudição e uma atitude de reverência para com esses textos.



Onde tantos grandes gênios, tais como Goethe, Byron, C. Delavigne e Lamartine vieram entreter-se com a sombra lastimosa do sublime cantor da *Jerusalém Libertada!* A minha pobre pena nada poderia acrescentar. Mas uma lágrima sinceramente derramada nunca é demais para uma desgraça e essa lágrima foi, sem dúvida, a primeira derramada *por uma mulher brasileira* na prisão de Tasso.¹⁵

Assim, em *Trois ans en Italie* ela intertextualiza o próprio relato com os mais conhecidos, principalmente os de Byron e Goethe, citando-os e comentando os pontos comuns entre seu comportamento e o deles. Não deixa também de mencionar a existência de outros textos de viajantes, dos quais discorda, que emitiram opiniões apressadas ou alteravam significativamente a realidade do país. E apesar do numeroso repertório que encontra, ainda assim ela inovará o gênero, principalmente na abordagem sensível que faz do tempo presente italiano. O passado é importante sim, mas como referência para se compreender e valorizar o momento presente. Da mesma forma ela age com relação à Grécia: apesar de as fantásticas ruínas estarem diante de seus olhos, não deixa de observar como os jovens se comportavam e de se inteirar da situação política, social e cultural do país.

Não é, portanto, apenas uma turista que aí está, mas uma mulher portadora de uma consciência política forjada num passado de lutas contra o preconceito e as injustiças sociais. Nísia Floresta, é bom lembrar, desde a infância conviveu com fases revolucionárias em que se defendiam propostas liberais (em 1817 e 1824, em Pernambuco; de 1835 a 1838, com a Farroupilha, em Porto Alegre; e em 1848, com a Revolução Praieira, também em Pernambuco), responsáveis, aliás, pelas inúmeras mudanças de domicílio ao longo de sua vida. O fato de ela já conhecer Garibaldi desde a época em que residia no Sul do Brasil, por ocasião da Re-

13 FLORESTA, 1864, p. 227, grifos meus.

volução Farroupilha, torna mais elucidativo seu entusiasmo pelo revolucionário italiano, quando ele toma a frente dos combates.¹⁴

Também em *Trois ans en Italie* podem ser observados alguns níveis narrativos. O primeiro conteria a viagem propriamente dita, com as informações acerca de cada cidade, os contrastes, os passeios, as festas populares, as novas amizades, os salões, os assuntos discutidos, enfim, o conjunto de pormenores que preenchem cada instante presente de uma viagem. O segundo traria a incursão que realiza em seu interior, seja em busca de lembranças de um passado familiar, seja nos instantes em que se isola do presente exterior próximo e se refugia em experiências de caráter íntimo. E em um último nível, o terceiro, teríamos a sua *imersão* pela História, com reflexões e tomadas de posição acerca dos acontecimentos político-sociais. A narradora revela-se uma sutil observadora e analista de comportamentos, ao perceber os prenúncios da revolução que se aproximava, nesse momento-limite em que se encontrava o povo italiano. *Trois ans en Italie* é precisamente o livro em que melhor se delineia a ideologia política da autora, tanto por ter sido realizado num momento de maturidade intelectual, como por refletir as transformações sociais e políticas italianas. Nísia Floresta, como *cronista* da história italiana, expõe seus pensamentos liberais, toma partido e defende com paixão seu ponto de vista.

Porém, por vezes o relato de viagem transforma-se em *diário íntimo*. Nesse momento, a autora registra os pensamentos de caráter pessoal, os devaneios, a confissão de saudades dos parentes e da pátria ou a alegria pela chegada de notícias. Trata-se, portanto, do espaço narrativo no qual encontramos informações nitidamente autobiográficas, como as lembranças de aniversários e morte dos entes queridos. Segundo a autora, os desabafos e as confidências só encontrariam eco entre aqueles que, como ela, estavam distantes da pátria e dos seres queridos, pois:

14

DUARTE, 1995.



Somente para essas pessoas têm sentido as poucas linhas que acabam de escapar deste coração, hieróglifo indecifrável para o vulgo, que talvez me lerá indiferente a essas coisas emanadas do coração e que buscará nessas páginas somente a narrativa das coisas, tão repetidas por outros viajantes, com talento e um gosto formal refinado, que não pretendo exibir de maneira alguma.¹⁵

Em todo caso, os momentos autobiográficos são aqui bem menos numerosos do que os que aparecem no livro anterior, que relata a viagem à Alemanha e abriga lembranças de toda ordem. Em 10 de abril, por exemplo, ela recorda o dia em que partiu do Brasil para a Europa pela segunda vez. Refaz mentalmente as circunstâncias da partida, as despedidas no porto do Rio de Janeiro, pelo simples prazer de se lembrar do passado e referendar alguns momentos de sua vida: “retomei o vôo para o velho mundo, onde procuro, em vão, através das viagens, adormentar a tristeza d’alma. E quanto mais se sucedem os dias, os meses e os anos, mais sinto o vazio que se faz em torno de mim.”¹⁶

A *persona* que predominou no *Itinérário de uma viagem à Alemanha* – a da mulher romântica, melancólica e solitária – parece surgir nesse livro quase como uma imposição estética, pois não deixa de ser contraditória a confissão de tristeza à noite quando escreve no diário e o entusiasmo pelas belezas artísticas que viu durante o dia. A imagem que se impõe sobre as demais, em *Trois ans en Italie*, é, acima de todas, a da mulher intelectual e amadurecida, autora de livros conhecidos, que ocupava seu tempo estudando os novos países, escrevendo ou frequentando os mais diversos cursos. Essa imagem de mulher *pública* fica ainda mais evidente quando nos deparamos, ao final do livro, com a transcrição da “carta de despedida” a Florença, que publicou nos jornais da cidade em 10

15 FLORESTA, 1864, p. 104.

16 FLORESTA, 1864, p. 40.

de julho de 1861, dia de sua partida, dando conta do seu carinho pelo país e pelas pessoas que conheceu. Como seu *séjour* nessas terras não se passou de maneira discreta, nem limitado ao âmbito privado de alguns poucos relacionamentos, de certa forma, justificou-se sua despedida pública.¹⁷

Se em *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, a autora tentou recompor as próprias “ruínas” interiores, despedaçadas no sentimento de perda que então a dominava, dois anos depois, em *Trois ans en Italie*, ela parece buscar a superação do individualismo em prol do social e do coletivo. Natural, pois, que neste livro manifeste preocupação com os destinos dos povos. As “ruínas morais” que percebe estão expressas principalmente nos sistemas de governo autoritários, na exploração do trabalho escravo, na dominação tirânica de um país sobre outro, no abuso da força física e em todos os tipos de tortura que se pratica sobre os vencidos. “Quando os bárbaros desaparecerão da terra?” é a pergunta que faz, instigando o leitor à reflexão.

Ó futuro, futuro! quanta doce consolação não se experimenta ao pensar na melhoria e na felicidade que reservas a esta pobre Humanidade, já sujeita a tantos flagelos naturais e inevitáveis, arrastando ainda o pesado grilhão da escravidão física e moral, com o deplorável cortejo de desgraças!¹⁸

Voltar-se para o futuro equivalia, segundo a lógica do espírito romântico, a projetar para depois o desejo de justiça e de paz que não era possível no seu tempo. Havia entre os românticos uma preocupação de cunho libertário que ultrapassava a questão regional e até a nacional, pois queriam abarcar a defesa de todos os oprimidos, de todas as raças. Essa herança utópica da ideologia progressista, cuja visão era universal, data dos fins do século XVIII e do início do XIX.

17 DUARTE, 1995.

18 FLORESTA, 1864, p. 147.



Possam os governos de todos os países civilizados escutar os gritos da agonia prolongada desses desgraçados oprimidos, brancos e negros! E que a libertação geral dos escravos no Novo Mundo como no Velho Mundo, assinalando uma das mais gloriosas épocas nos anais da Humanidade, evidencie a elevação das ideias do século dos maravilhosos progressos intelectuais.¹⁹

A autora está em Messine, na Sicília, quando surgem nos jornais as notícias da deflagração do movimento revolucionário pela unificação italiana. Seu texto, a partir de então, reforça uma feição de crônica histórica por conter não só transcrições de matérias jornalísticas relativas aos avanços e às vitórias dos liberais como também cartas de Garibaldi à população e comentários da autora com “os votos mais ardentes” pelo triunfo completo da revolução. A cronista toma partido e não esconde em nenhum momento o quanto estava envolvida pelos acontecimentos. O *Monitore Toscano*, *Il Movimento*, *Constitutionnel* e *La Nazione* são alguns dos jornais de onde extraiu notícias, contribuindo para atestar a veracidade dos fatos históricos que serviram de base ao seu texto. Em maio de 1860, por exemplo, *La Nazione* publicou um apelo às mulheres italianas para que elas demonstrassem seu “amor à causa” doando seus adereços, supérfluos em tempo de guerra, para a compra de armas, assinado por Garibaldi, que Nísia Floresta fez questão de incluir em suas anotações. O tom panfletário da matéria jornalística parece contaminar o texto nísiano, que, mais do que nunca, mostra-se partidário defendendo suas ideias com entusiasmo.

Por tudo isso, esse “diário de viagem” se constitui num valioso documento para o estudo da História italiana, principalmente porque contém em suas páginas a história observada pela perspectiva dos dominados. *Trois ans en Italie*, envolvido por um discurso

19 FLORESTA, 1864, p. 158.



de caráter histórico, guarda análises sensíveis e eruditas acerca do passado, do presente, da vida social e política, dos costumes do povo, das tradições, enfim, de tudo que mais caracterizava a vida na Itália naqueles idos de 1860, além das citações de autores e obras e da multiplicidade de nomes de personalidades. O livro termina por compor um painel social e político, tornando-se uma importante fonte de pesquisa para estudos de natureza científica, referentes, por exemplo, à história, antropologia, sociologia, política, história da literatura e das artes.

As referências à experiência pessoal ou ao caráter autobiográfico presente nos *Trois ans* não chegam a comprometer de forma decisiva o testemunho de época que o livro possui, pois não impediram o registro da crônica política, da crítica cultural e das reflexões sobre a história daquele país. É nesse aspecto que reside a maior das diferenças entre este livro e o anterior. O autobiografismo aqui não se manifesta de forma individualista como no *Itinerário*. É a autora que narra, mas ela ultrapassa as limitações de um diário para se revelar uma cronista que faz a documentação das experiências históricas de um povo. A autora se inclui deliberadamente na trama do mundo e passa a fazer mesmo parte do espetáculo ao emitir opiniões, tomar partido ou vibrar com a vitória dos revoltosos.

Enfim, esta é Nísia Floresta. Uma brasileira de olhar viajante e reflexivo; sujeito periférico, perspicaz e ousado, que dialoga de igual para igual com o discurso das metrópoles. Em sua trajetória de vida ela nada mais fez que ampliar os passos da jovem autora de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que já anunciava, em 1832, uma postura altiva diante do olhar estrangeiro.



Referências:

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora da UFRN, 1995.

FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: E. Dentu, 1864. v. I.

_____. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: E. Dentu, 1872. v. II.

_____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.

_____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. 2. ed. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Apresentação e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998a.

_____. *Três anos na Itália*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Apresentação de Constância Lima Duarte. Natal: Editora da UFRN, 1998b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE é escritora, professora e pesquisadora. Residente em Minas Gerais, viveu em Natal de 1979 a 1997, havendo lecionado na UFRN. Autora de “Literatura do Rio Grande do Norte” (em parceria com Diva Cunha), “Nísia Floresta: Vida e Obra” e outros livros.



A MULHER E A MÚSICA NA ACADEMIA

Leide Câmara

Para esta edição especial da Revista da ANRL escolhi como pesquisadora de música, o tema **“A Mulher e a Música na Academia”**.

Na História da Música e dos Músicos do Rio Grande do Norte, temos muitas mulheres musicistas, para mais de oitocentas catalogadas no Acervo da Música Potiguar em que registramos suas trajetórias. Na Academia Norte-rio-grandense de Letras fundada em 1936, sob liderança de Câmara Cascudo, há desde então até a presente data, em seus 83 anos de efemérides, nove acadêmicas e três patronas. Destacamos na musicalidade a Patrona Auta de Souza, com seus poemas musicados, tanto do Horto, quanto de poemas psicografados; as duas musicistas, Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley e nosso trabalho como pesquisadora de música brasileira.

Nossa homenagem pelo Dia Internacional da Mulher de 2019.



A PATRONA AUTA DE SOUZA

Auta de Souza

(Auta Henriqueta de Souza)

Pseudônimos: Hilário das Neves e Ida Salúcio.

Nasceu na cidade de Macaíba RN, em 12 de setembro de 1876. Faleceu em Natal, no dia 7 de fevereiro de 1901, com 24 anos, sendo sepultada no Cemitério do Alecrim, e, 1904, seus restos mortais foram trasladados para o jazigo da família, na Igreja-Matriz, de Nossa Senhora da Conceição, em Macaíba. É filha de Eloy Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza, e irmã de Irineu Leão Rodrigues de Souza, Eloy de Souza, Henrique Castriciano e João Cântio Rodrigues de Souza. Auta estudou em Estância, no Recife, no Colégio de São Vicente de Paula, dirigido por religiosas francesas. A partir de 1893, a poetisa começou a fazer versos. Colaborou em jornais e revistas de Natal e do Recife. Auta de Souza, usou o pseudônimo de “Hilário das Neves” e de “Ida Salúcio”, como colaboradora da Revista “A Tribuna”, do Congresso Literário, no ano de 1896. Em 1897 reuniu seus versos num livro, que denominou “Dhálías”, mas publicado com o nome de “Horto” com prefácio de Olavo Bilac, em 1900, o livro esgotou-se em dois meses. Autora de um único livro, Auta foi chamada de “Poetisa mística do Brasil” por Câmara Cascudo. “Horto é a história de uma grande dor” disse Henrique Castriciano. Em 1930, Chico Xavier (Francisco de Paula Cândido (1910-2002) recebeu a mensagem mediúnica de Auta de Souza, o soneto Nossa Senhora da Amargura, que publicou no Almanaque de Lembrança, Lisboa, edição de 1931. O primeiro livro psicografado lançado em 1932, trouxe poemas dos maiores gênios da literatura luso-brasileira, cada um em seu estilo inconfundível, trazendo do além túmulo a mensagem de que a morte não existe... (o livro já teve 19 edições). Nele consta o poema “Jesus,”

atribuído a Auta de Souza , tendo sido psicografado por Chico, e tantos outros poemas que lhe são atribuídos pelo próprio Chico Xavier . O livro “Parnaso de Além-Túmulo” foi objeto de estudo para a tese de mestrado em literatura na Universidade Estadual de Campinas Unicamp , em 2001, de Alexandre Caroli Rocha .”Em 3 de fevereiro de 1938, saiu a primeira edição do livro “Lira Imortal”- Lake, com vários poemas, de Auta de Souza, inclusive “ A Jesus” e em tantas outras obras, no gênero. Em 1961, Luís da Câmara Cascudo, publica “ Vida breve de Auta de Souza”, com prefácio de Edgar Barbosa. Em 19 de novembro de 1911, foi publicado o Decreto Estadual de nº 255 criando um Grupo Escolar em Macaíba com seu nome; em 12 de setembro de 1925 é fundado na Escola Doméstica o “Grêmio Lítero-Musical Auta de Souza”, (reorganizado em 14 de abril 1954 na Ala Feminina do Colégio Estadual) .Auta de Souza é nome de rua no bairro da Cidade Alta, em Natal, pelo Decreto Lei Municipal nº 14, na Gestão do Prefeito Omar O’ Grady, sugestão do IHGRN, representado por Antônio Soares e Nestor Lima. Auta de Souza é nome da editora espírita em Brasília-DF, é ainda nome de inúmeros Centros Espíritas no Brasil. Auta de Souza é patrona da cadeira 20, fundada pela Imortal Palmyra Wanderley, sucedida por Mário Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes Filho e atualmente ocupada pelo poeta Jarbas Martins.

EDIÇÕES DO HORTO

1898 Dhálias (manuscrito). Acervo da Escola Doméstica de Natal RN

1900 Horto, 1ª edição (com prefácio de Olavo Bilac) Biblioteca do Grêmio Polimático – 1893-1899 . Tipografia Natal - A República, Natal 222, páginas.

1910 Horto, 2ª edição (com prefácio de Olavo Bilac) Ilustração de D. O. Widhopff Ailland Alves & Cia – Paris – Francisco Alves & Cia . 279 páginas



1911 Horto, 2ª edição- outra tiragem- Ailland Alves & Cia – Paris

1936 Horto, 3ª edição - com prefácio de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) Tipografia Batista de Souza – RJ – 279 páginas

1970 Horto, 4ª edição - Natal FJA

2000 Horto Cem anos de poesia - 5ª edição- Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza .Editora Auta de Souza DF

2000 Horto, 5ª edição especial - Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza DF.

2001 Horto, 5ª edição Coleção Nordestina EDUFRN

2009 Horto, outros poemas e ressonâncias - obras reunida- EDUFRN

2009 Horto, outros poemas e ressonâncias - EDUFRN - outra tiragem com CD e DVD)

QUEM MUSICOU POEMAS DE AUTA DE SOUZA

Alvamar Medeiros, Carlos Homem de Siqueira, Cirineu Joaquim de Vasconcelos, Cirilo Lopes, Claudio Galvão, Carlinhos Santa Rosa, Diogenes da Cunha Lima Eduardo Medeiros, Genildo Costa, Heronides de França, Jacob Melo (poema psicografado por Carlos Baccell) e Mirabô Dantas.

QUEM GRAVOU AUTA DE SOUZA

Alvamar Medeiros, Fátima de Brito, Glorinha Oliveira, Genildo Costa, João Paulo, Julianna Menezes, Lane Macedo, Lysia Condé,



Maria Augusta Calado e Braz W. P. de Pina Filho, Mirabô Dantas, Quarteto de Cordas da UFRN, Seres Imortais e Wigder Valle.

DISCOS COM MÚSICAS DE AUTA DE SOUZA

Discos com poemas musicados do Horto e psicografados por Chico Xavier, Allan Nasser (Comunidade de Murici- Extremoz RN), entre outros

2005

Auta de Luz - poemas de Auta de Souza (do Horto e psicografados) musicados por Alvamar Medeiros. Interpretação de Alvamar Medeiros: **Gravação CD**

2007

Auta de Souza Caminho do Sertão – (poemas de Auta de Souza musicados por Alvamar Medeiros). Interpretação de Alvamar Medeiros: **Gravação CD**

2009

Horto em Canto - (poemas de Auta de Souza musicados por Alvamar Medeiros). Interpretação de Alvamar Medeiros: **Gravação CD**

2015

Cancioneiro de Auta de Souza - (poemas de Auta de Souza musicados por Eduardo Medeiros, Heronildes de França, Cirilo Lopes, Cirineu de Vasconcelos e Claudio Galvão. Intepretação de Glorinha Oliveira e Declamação de Quitéria Kelly, Margot Ferreira e Khystal Saraiva: **Gravação CD**

2016

Presença do Amor – (poemas de Auta de Souza psicografados por Chico Xavier - musicados por Carlinhos Santa Rosa). Arranjos de Eduardo Taufic. Intepretação Wigder Valle e Julianna Menezes: **Gravação CD**



2019

Caminhos do amor – (uma releitura dos poemas do Horto de Auta de Souza musicados por Carlinhos Santa Rosa). Interpretação de Wigder Valle, Lysia Condé, Lane Macedo, João Paulo. Arranjos de Eduardo Taufic : **Gravação CD (Inédito)**

POEMAS DE AUTA DE SOUZA MUSICADOS. PARTICIPAÇÃO EM DISCOS

São poemas do Horto que foram musicados e poemas de Auta de Souza psicografados e gravados fazendo parte da seleção dos discos.

A Pátria das harmonias. Poemas de Auta de Souza. Música de Diogenes da Cunha Lima. Interpretação de Liz Nôga no CD Flor de Liz. Gravação independente em 2001.

Ao Pé de um berço. Poema de Auta de Souza, música de Alvarado Medeiros. Interpretação de Alvarado Medeiros no CD A Arte de Nascer em Canto. Gravado em 2012

Ao sol do amor. Poema de Auta de Souza (psicografado por Carlos Baccelli) Música de Jacob Melo. Interpretação de Seres Imortais no CD A maior história de amor. Gravação independente em 1999.

Caminho do sertão. Poema de Auta de Souza. Música de Abdon Trigueiro. Interpretação de Fátima de Brito no LP Cancioneiro potiguar. Gravado pela UFRN em 1983.

Caminho do sertão. Poema de Auta de Souza - Música de Abdon Trigueiro. Interpretação do Quarteto de Cordas da UFRN no CD *Do quarteto da terra do sol*. Gravado pela UFRN/Helisom em 1993.

Caminho do sertão. Poema de Auta de Souza - Música de Genildo Costa. Interpretação de Genildo Costa no CD Camboar.



Gravação Independente 2013.

Meu pai. Música de Heronides de França. Interpretação de Fátima de Brito no LP Cancioneiro potiguar. Gravado pela UFRN em 1983.

Simbólicas. Poema de Auta de Souza. Música de Mirabô Dantas. Interpretação de Mirabô Dantas no CD Auto do Natal – Jesus de Natal . Gravado pela Fundação Capitania das Artes-Funcarte em 2005.

Róseo menino. Poema de Auta de Souza (sem referência de quem musicou). Interpretação de Maria Augusta Calado e Braz W. P. de Pina Filho no LP Cantos de presépio - Fontes culturais da música em Goiás 4. Gravado pela Universidade Federal de Goiás em 1985.

LIVRO

2001 - Cancioneiro de Auta de Souza, reúne poemas musicados de Auta de Souza numa edição do pesquisador Claudio Galvão.

POEMAS DE AUTA DE SOUZA PUBLICADOS NO LIVRO “A MODINHA NORTE-RIO-GRANDENSE” DE CLAUDIO GALVÃO

Modinhas:

Á Eugênia, poema de Auta de Souza, musicado por autor desconhecido

Agonia do coração, poema de Auta de Souza, musicado por Heronildes de França

Ao cair da noite, poema de Auta de Souza musicado por Heronildes França



Caminho do sertão , poema de Auta de Souza, musicado por Abdon Trigueiro

Caminho do sertão, poema de Auta de Souza, musicado por Deolindo Lima

Caminho do sertão, poema de Auta de Souza, musicado por Eduardo Medeiros

Desalento, poema de Auta de Souza, musicado por Cirineu de Vasconcelos

Nunca mais, poema de Auta de Souza, musicado por Heronildes França

Olhos azuis, poema de Auta de Souza, musicado por Heronildes França

Palavras tristes, poema de Auta de Souza, musicado por Heronildes França

Regina Coeli, poema de Auta de Souza, musicado por Heronildes França

Rezando (Róseo menino), poema de Auta de Souza musicado por autor desconhecido.

PARTITURA AUTA DE SOUZA

Rezando (Róseo menino) poema de Auta de Souza musicado por autor desconhecido.



POEMAS PUBLICADOS EM JORNAIS E OU PERIÓDICOS

Anno bom, Verso: Auta de Souza - Música: Carlos Homem de Siqueira. Publicado: Do livro HORTO- Publicado no jornal “O Trovador Potyguar” (ORGAM DOS BOHEMIOS) Ano 1 – Rio Grande do Norte – Natal – dezembro de 1923, exemplar Nº 08. Doado por Bob Mota, encadernação de 14 exemplares. Acervo AMP.

Teus anos, Verso: Auta de Souza -Música: Cyrillo Lopes, data: Angicos, 2 de maio de 1896 – Publicado: Do livro HORTO. Publicado no jornal “O Trovador Potyguar” (ORGAM DOS BOHEMIOS) Ano 1 – Rio Grande do Norte – Natal – julho de 1923, exemplar Nº 02. Doado por Bob Mota, encadernação de 14 exemplares. Acervo AMP.

Desalento, Verso: Auta de Souza - Música: Joaquim Ciri-neu de Vasconcelos.

Publicada letra e partitura no Livro Modinhas do Passado de Baptista Siqueira, 1956, RJ

Ao luar, Verso: Auta de Souza - Música: Heronildes França. Publicada letra e partitura no Livro Modinhas do Passado de Baptista Siqueira, 1956, RJ



ACADÊMICA PALMYRA WANDERLEY

*“O voto da páscoa chegou com Aleluia, e cheira a rosa fresca
da madrugada de um dia de ressurreição”*

Disse Palmyra Wanderley, quando a mulher votou pela primeira vez.

*Informação nos foi dada pelo cantor e compositor Chico Acari
(13/02/2019)*

Palmyra Wanderley

(Palmyra dos Guimarães Wanderley)

(Palmyra Wanderley França)

Pseudônimos: Mirthô, Li Lá, Masako e Ângela Marialva

Nasceu em Natal RN, em 6 de agosto de 1894 e faleceu no Hospital São Lucas vítima de insuficiência cardiorrespiratória e vascular cerebral, no dia 19 de novembro de 1978, com 84 anos de idade, foi sepultada no Cemitério do Alecrim, com discursos de Diogenes da Cunha Lima, poeta e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Acadêmico Veríssimo de Melo. Muitos autores dão datas diferentes do seu nascimento, Isabel Cristina Machado de Carvalho, publicou em sua tese Palmyra Wanderley, a educação da mulher no cenário norte-rio-grandense (1914-1920) uma Certidão de Nascimento feita por Palmyra no dia 30 de agosto de 1937 no Cartório 1º Ofício de Notas em Natal, no Livro nº 52, Assento de nascimento, folha, 59v sob o nº 2422, onde consta 6 de agosto de 1899. Palmyra é filha do Juiz Federal, Desembargador e poeta açuense, (autor do livro de versos, Auroras de 1889), o Dr. Celestino Carlos Wanderley nascido em 06/11/1862 e falecido



em 11/07/1942 e da amazonense, (Nana)Ana de Freitas Guimarães Wanderley, que tinha quatorze anos quando do seu casamento com Celestino em 14/01/1988. São onze filhos três faleceram ainda criança : Marta dos Guimarães Wanderley, Lauro dos Guimarães Wanderley e Amélia Wanderley (Bebé) irmã de criação, os demais: Eponina dos Guimarães Wanderley , Palmyra dos Guimarães Wanderley, poeta Jayme dos Guimarães Wanderley, Maria Cármen dos Guimarães Wanderley que casou em 1925 com o primo Sandoval Wanderley (1893-1972), Olavo dos Guimarães Wanderley, o médico cardiologista, Lauro dos Guimarães Wanderley, Cônego Luís dos Guimarães Wanderley, o teatrólogo José dos Guimarães Wanderley, Renato dos Guimarães Wanderley, as freiras, Rosilda dos Guimarães Wanderley (Irmã Rosali), e Francisca Carolina dos Guimarães Wanderley (Irmã Marta) . Palmyra casou , provavelmente, em 1945 com o advogado Raimundo de França, Diretor Regional dos Correios do RN, que faleceu no dia 5 de dezembro de 1981, sendo sepultado no Cemitério do Alecrim no túmulo de seus pais Luiz Ferreira de França (1869-1917) e Joaquina Cordeiro de França (1863-1940), assim com seu irmão o jornalista Aderbal França, o “Danilo”(1895-1974). Não tiveram filhos . Poeta, conferencista, cronista, ensaísta, teatróloga, compôs hinos patrióticos e sacros, além de modinhas, é compositora e cantora, considerada por Câmara Cascudo como a “poetisa oficial” da Cidade do Natal. Colaborou com os jornais natalenses, entre eles: A República, A Imprensa ,Diário de Natal e Tribuna do Norte. Foi precursora do jornalismo feminino no Rio Grande do Norte, com a publicação da primeira revista editada apenas por mulheres “Via Láctea”, em 1914, em parceria com a prima Carolina Wanderley e Anilda Vieira, Stella Gonçalves, Stellita Melo, Joanita Gurgel e Maria da Penha, que circulou até o ano de 1915. Seus livros de versos “Esmeraldas” (1918) e “Roseira brava” (1929), consagraram-na no País. A crítica nacional sempre se manifestou elogiosamente sobre a sua obra poética. Com “Roseira brava”, ganhou, em 1931, menção honrosa no concurso de poesia da Academia Brasileira de Letras - ABL. É irmã do imortal Jaime dos Guimarães Wanderley, (cadeira 23), prima da imortal Ca-



rolina Wanderley, (cadeira 6). Palmira Wanderley é uma das fundadoras e primeira ocupante da cadeira 20, permaneceu por 42 anos na Academia (1936 a 1978). A cadeira foi depois ocupada pelos Imortais, Mário Moacyr Porto, Dorian Jorge Freire e José Hermógenes, atualmente pertence ao Acadêmico e poeta Jarbas Martins. Palmyra Wanderley é nome de rua no bairro das Quintas, em Natal.

OBRAS PUBLICADAS

1914 Via-Láctea (Palmyra Wanderley com a prima, Carolina Wanderley, Anilda Vieira, Stella Gonçalves, Stellita Melo, Joanita Gurgel e Maria da Penha,)

2003 Via-Láctea, (com a prima, Carolina Wanderley - Edição fac-similar (Organizado por Constância Lima Duarte e a Acadêmica e poeta Diva Cunha de Macedo)

1918 Esmeraldas (versos) Tipografia Comercial

1965 Esmeraldas (versos) 2. ed.

1929 Roseira brava (prêmio de poesia em 1931 da Academia Brasileira de Letras-ABL)

1965 Roseira brava e outros versos (2. ed.)

PUBLICAÇÕES (TEATRO)

1924 A glorificação

1924 A coroação da cor verde

1924 A festa das cores (opereta infantil encenada no Teatro Carlos Gomes, atualmente Teatro Alberto Maranhão)

PUBLICAÇÕES S.D

O feminismo em Natal (conferência), Ação da mulher cristã (conferência), A Dama do século (conferência), A vida de Auta de Souza (conferência), Discursos e conferências. Álbum de família (versos e crônicas), A vida de Madame Laiseus, e A história da imagem de Nossa Senhora da Apresentação (teatro)

OBRAS INÉDITAS

Neblina na vidraça (versos), Panorama histórico (prosa e versos), O sonho da menina sem sonho (teatro), Rosa mística (versos), Sutilezas femininas (crônicas), Minha canção auriverde (versos), Ecos do bicentenário (prosa), Espelho partido (versos), Vidro de muitas cores (crônicas), Contos e lendas de tia Neném

QUEM GRAVOU PALMYRA WANDERLEY

Coral de Acari, Chico Acari, Dodora Cardoso, Fátima de Brito, Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas, Grupo Coral de Santana de Caicó, Orquestra Sinfônica do RN, Paulo Lúcio e Roberto Lima.

QUEM MUSICOU PALMYRA WANDERLEY

Gumercindo Saraiva, Felinto Lúcio Dantas, Joaquim Galhardo, Paulo Lyra, Professor Manoel Fernandes, Roberto Lima e Waldemar de Almeida

MUSICOGRAFIA DE PALMYRA WANDERLEY

Luar de agosto. Poema de Palmyra Wanderley musicado por autor desconhecido. Intepretação de Fátima de Brito (canto) acompanhada por Gerardo Parente ao piano. LP Cancioneiro português gravado pelo Projeto Memória 13 UFRN em 1983.



Eu quero ainda sonhar. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Gumercindo Saraiva. Livro Trovadores Potiguaros de Gumercindo Saraiva, São Paulo – Impresso nas Oficinas Gráficas de Saraiva S. A – Livreros Editores - 1962

Palma da ressurreição. (canção) Poema de Palmyra Wanderley musicado por Waldemar de Almeida, musicado em Paris. Waldemar de Almeida concorreu a um concurso na Argentina, sendo muito aplaudido e a música muito difundida. Livro Trovadores Potiguaros de Gumercindo Saraiva, São Paulo – Impresso nas Oficinas Gráficas de Saraiva S. A – Livreros Editores – 1962

Valsa rubra. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Paulo Lyra. Interpretação da soprano Maria Amorim no Rádio Clube de Pernambuco. Tem partitura.

Hino de Sant’Ana de Caicó. Poema de Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, musicado pelo Professor Manoel Fernandes.

Hino a São José. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Felinto Lúcio Dantas .

Hino de Sant’Ana Caicó. Poema de Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, musicado pelo Professor Manoel Fernandes. Interpretação de Dodora Cardoso no CD Registro de Fé. Gravação SD.

Hino de Nossa Senhora da Apresentação Poema de Palmyra Wanderley musicado por Joaquim Galhardo . Publicado no Jornal A República – 21 de novembro de 1937

Hino de Nossa Senhora da Apresentação (em ritmo de baião) Poema de Palmyra Wanderley musicado por Roberto Lima . Interpretação de Roberto Lima 1968 no (Site <http://www.dhnet.org.br/nivaldomonte1/apresentacao3.htm>)

Hino de Sant’Ana Caicó. Poema de Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, musicado pelo Professor Manoel Fernandes. Interpretação de Grupo Coral de Santana Caicó no CD 249ª Festa de Sant’Ana - Caicó, 17 a 27 de julho de 1997. Gravado em 1997.

Hino de Nossa Senhora da Guia. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Felinto Lúcio Dantas . Interpretação de Coral de Acari no CD Lembrança da Festa de Nossa Senhora da Guia em 2003 . Gravado em 2003.

Hino de Sant’Ana de Caicó. Poema de Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, musicado pelo Professor Manoel Fernandes. Interpretação de Dodora Cardoso. CD Melhor de três . Gravado em 2005.

Hino de Nossa Senhora da Guia. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Felinto Lúcio Dantas. Interpretação da Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas no CD Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas. Gravado em 2007.

Hino de Sant’Ana Caicó. Poema de Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, musicado pelo Professor Manoel Fernandes. Interpretação de Paulo Lúcio Dantas no CD Paulo Lúcio e seu violão mágico – volume 06 Gravado em 2008.

Hino de Nossa Senhora da Guia. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Felinto Lúcio Dantas. Interpretação de Chico Acari no CD Agosto em Acari. Gravado em 2013.

Hino de Nossa Senhora da Apresentação. Poema de Palmyra Wanderley musicado por Roberto Lima. Interpretação de Roberto Lima no CD Poetas em Cantoria – Roberto Lima e Poetas Potiguares. Gravação 2016



Nasceu em Açú RN, no dia 4 de janeiro de 1891 e faleceu em Natal RN, no dia 25 de agosto de 1976, aos 85 anos de idade. Filha do professor Lucas (Luiz Carlos Wanderley Filho (1859 – 1929) e Maria Amélia Wanderley. Seus irmãos, Sandoval Wanderley, (1893-1972), tocava violino e era teatrólogo, Alberto Wanderley (1892-1981), foi professor de música, tocava violino. Era solteira, poeta, professora, compositora, musicista tocava piano, violão e bandolim. Musicou o belo poema “Alice” do poeta e imortal Othoniel Menezes, publicado no Jornal A República em (11/11/1922), no livro de Othoniel Menezes, Jardim Tropical de 1923 e também no jornal “O Trovador Potyguar” (Orgam dos Bohemios) Ano 1 – Rio Grande do Norte – Natal – junho de 1923, exemplar Nº 01, modinha que até hoje faz parte do cancionário potiguar. Formada pela Escola Normal de Natal, em 15 de novembro de 1911. Foi professora no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, de Açú, depois foi removida, para o Grupo Escolar Frei Miguelinho, em Natal, época em foi nomeada, em 10 de janeiro de 1935, como Regente do Canto Orfeônico, onde permaneceu como professora até sua aposentadoria. Escreveu a peça “Revista Escolar”, que foi levado a cena pelos os alunos do Grupo Escolar Frei Miguelinho, no Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão). Em 1914, Junto com sua prima Palmyra Wanderley, fundou A Revista Literária Via-Láctea, em que ela e apenas mulheres publicavam suas produções intelectuais. Foi nessa Revista que publicou seus primeiros poemas do livro “Alma em Versos” (Tipografia ‘Augusto Leite’, Natal, 1915-1919). Waldemar de Almeida, compôs o hino dos estudantes norte-rio-grandenses, com letra da poeta Carolina Wanderley, que foi executado pela primeira vez no dia 11 de agosto de 1936, na solenidade realizada no Salão da Confederação Católica, pela Banda de Música da Polícia Militar, cantado pelas alunas da escola feminina do Comércio e do Instituto de Música pelos alunos. Era sobrinha da poetisa Sinhazinha. Carolina Wanderley fundou a cadeira 6 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, escolheu como patrono seu avô Luiz Carlos Lins Wanderley. Carolina Wanderley permaneceu por 40 anos na Academia (1936-1976). A cadeira foi depois ocupada pelo Imortal Gumercindo Saraiva, atualmente



pertence ao Acadêmico João Batista Pinheiro Cabral.

OBRAS PUBLICADAS

1914 Via- Láctea (em parceria com Palmyra Wanderley - revista)

2003 Via- Láctea (em parceria com Palmyra Wanderley - 2. ed.)

1919 Alma em versos (poesia)

2013 Alma em versos (poesia) (2. ed. fac-similar)

1926 Rimário Infantil

2013 Rimário infantil (2. ed. fac-similar, Editora Azymuth. introdução de Wandyr Villar)

CAROLINA WANDERLEY MUSICOU OS POETAS

Othoniel Menezes e Sebastião Fernandes

QUEM MUSICOU CAROLINA WANDERLEY

Professor Manoel Fernandes, Waldemar de Almeida e Maestro Waldemar Soares da Costa.

QUEM GRAVOU CAROLINA WANDERLEY

Dodora Cardoso, Fátima de Brito, José de Almeida, Grupo Coral de Santana Caicó, e Waldemar de Almeida.

MUSICOGRAFIA DE CAROLINA WANDERLEY

O Teu nome inda guardo na minh'alma (Alice) (modinha). Poema de Othoniel Menezes. Interpretação de Fátima de Brito no LP Cancioneiro potiguar. Gravado pela Projeto Memória UFRN em 1983.

Alice (valsa) Poema de Othoniel Menezes musicado por Carolina Wanderley. Interpretação de José de Almeida, CD Príncipe Plebeu Othoniel Menezes - Poemas e Canções. Gravado em 2010.

Luar de agosto. (modinha) Carolina Wanderley letra e mú-



sica. Interpretação de Fátima de Brito acompanhada por Gerardo Parente no LP Cancioneiro potiguar. Gravado Projeto Memória 13 pela UFRN em 1983.

Alados (modinha) Poema de Sebastião Fernandes musicado por Carolina Wanderley.

Amargura (modinha - letra e música) Carolina Wanderley.

Minh' Alma em versos (modinha – letra e música) Carolina Wanderley.

Não voltou (modinha – letra e música) Carolina Wanderley.

Volta (modinha letra e música) Carolina Wanderley.

Canção do Cinquentenário do Escotismo no Rio Grande do Norte-Poema de Carolina Wanderley. Música do Maestro Walde-
mar Soares da Costa.

ACADÊMICA LEIDE CÂMARA

Leide Câmara (Maria Leide Câmara de Oliveira)

Nasceu em Patu RN. Filha de Luiz Antônio de Oliveira e Luiza Câmara de Oliveira. Pesquisadora de Música Brasileira, Arte-educadora, professora municipal e estadual. Formada em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1980. Título de Cidadã pelo resgate da memória da música do Rio Grande do Norte, em 2002; Prêmio Clio de História, pela memória da música, outorgado pela Academia Paulistana de História, em 2002. Idealizadora e fundadora do Instituto Leide Câmara - Acervo da Música Potiguar-AMP. O Acervo abriga mais de um século da produção musical do estado. São cinco mil e setecentos músicos, (5.700), 39 mil músicas, catalogadas de gravações na voz de artistas do estado, de fora que residem aqui com trajetória musical. O Acervo é composto de partituras, fitas K7, discos em acetato, discos de cera, os Longs Plays, compactos, dis-



cos de papelão, filmografia dos músicos fotografias, além de um biblioteca de autor potiguar, instrumentos musicais e troféus, que pertenceram a músicos .O Acervo da Música Potiguar é singular .

OBRAS PUBLICADAS

2001 Dicionário da Música do Rio Grande do Norte - AMP

2010 A bossa nova de Hianto de Almeida - Sesc

2013 Luiz Gonzaga e a música potiguar - FJA

2014 Ademilde Fonseca - a potiguar no choro brasileiro – Caravela e Editora 8

2016 Praieira - a Canção da cidade do Natal- 93 anos - AMP

2017 Memória Acadêmica - Editora IFRN

PRODUTORA MUSICAL CD

2003 Serenata do Pescador - Todos cantam Praieira CD

2007 Praieira – Trio Irakitan CD

LEIDE CÂMARA é pesquisadora de música brasileira, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Feminina de Letras e de outras instituições culturais, Fundou e mantém o instituto Acervo da Música Potiguar (AMP). É diretora da ANASPS RN.



MARIA SYLVIA: UMA POÉTICA SINGULAR

Rizolete Fernandes

1. TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Maria Sylvia de Vasconcelos Câmara nasceu em Mossoró (RN), em 06 de março de 1908, sendo seus pais o jornalista, poeta e compositor José Martins de Vasconcelos e Dona Silvia Amélia Fernandes Freire de Vasconcelos.

Cursou o primário entre os anos de 1915 a 1918 no Grupo Escolar 30 de Setembro, onde teve como professora Celina Guimarães Viana, que voltaria a lhe ensinar na Escola Normal de Mossoró, então com aulas de desenho, artes aplicadas e educação doméstica. Celina Guimarães passaria à história como a primeira brasileira a se alistar para votar em 1927 e Maria Sylvia lhe seguiu os passos, figurando no quarto lugar da mesma lista eleitoral. Por toda a vida, a ex-aluna guardou especial apreço pela primeira mestra.

Era diretor da Escola Normal no período em que a frequentou, o Dr. Eliseu Viana, conhecido incentivador das atividades esportivas, musicais e literárias, tendo criado a Revista A. B. C, com a colaboração de professoras e alunos. Nela Maria Sylvia começou a mostrar seus escritos, que dali passaram aos suplementos juvenis de jornais, como O Festeiro, do O Nordeste e O Correio Festivo, do O Mossoroense; O Potengy de Natal; no próprio O Nordeste, de Mossoró e jornal homônimo de Fortaleza e, nesta cidade, na Revista Jandaia. Foi correspondente de um jornal de modas de São Paulo e chegou a publicar trabalho na Revista Por um Mundo Cristão, de Belo Horizonte - MG. Assinava-se sob pseudônimos, alguns deles masculinos, segundo o jornalista e escritor Anchieta Fernandes, seu amigo e correspondente, outros como Massylvia ou Sulamita.



Maria Sylvia diplomou-se em 1924 na primeira turma da Escola Normal, que teve como paraninfo o Dr. Antônio de Souza, governador do Rio Grande do Norte entre 1921-23 ⁽¹⁾. Logo começou a exercer o magistério na Escola Rudimentar Alto da Conceição, em sua cidade, onde permaneceu de 1925 a 1927, mudando para o Grupo Escolar 30 de Setembro, aquele mesmo onde iniciara seus estudos. Enquanto isso, dava aulas particulares e substituiu um professor licenciado no Colégio Diocesano Santa Luzia. Estava há onze anos no 30 de Setembro quando foi surpreendida com a transferência não solicitada para o Grupo Escolar Antônio Carlos, em Caraúbas (RN), cidade distante 78 km de Mossoró ⁽²⁾. Escola essa, por coincidência, fundada em 1909, mesmo ano do Grupo 30 de Setembro de onde ela procedia ⁽³⁾.

Os amigos de Massylvia eram unânimes em afirmar que ela sabia como poucos fazer e cultivar amizades e, assim sendo, não tardou a se fazer adotar pelos habitantes do burgo onde passou a residir. Contava ao chegar à terra das caraúbas 30 anos de idade e, um biênio depois, contraiu núpcias com o próspero comerciante local Miguel Câmara que, junto com o acréscimo do “Câmara” ao seu nome, lhe presenteou numerosa prole oriunda de casamento anterior.

Em 1944, a professora assume a direção do Antônio Carlos, cargo que irá ocupar até atingir a aposentadoria, em 1957. Mesmo fora do serviço público, substituíva professores de licença no Ginásio Municipal Sebastião Gurgel e escrevia versos infantis e dramatizações para as festas do Antônio Carlos. Costumava viajar com o marido em visita a familiares residentes em Belém do Pará, presença noticiada na imprensa daquela capital; e ao Rio de Janeiro, onde não deixava de procurar o grande amigo, contemporâneo da Escola Normal, advogado e escritor Raimundo Nonato, que aí habitava. Em 1977, enviúva e, desolada, retorna à Mossoró e ao convívio com os irmãos.

Mas Maria Sylvia não deixa para trás os amigos caraubenses e pessoas próximas, como a neta Josinete Câmara, criada em



sua casa e que passaria a visitá-la regularmente em Mossoró. Dizia sentir enorme falta e saudade, afinal, lecionando, amando e escrevendo, entre eles vivera por quase quatro décadas que dizia terem sido as mais felizes de sua existência. A cidade por ela chamada carinhosamente de “minha Passárgada” adotaria mais tarde como Hino Oficial a letra de sua “Homenagem à Caraúbas”, musicada por Sebastiana de Oliveira e Silva, funcionária do Correio local. O reconhecimento ao trabalho da professora e escritora seria ainda expresso com a aposição de fotografia e seu nome na Biblioteca do Grupo Antônio Carlos, na concessão do título de Cidadã Caraubense pela Câmara Municipal, além da nomeação de logradouro público e, bem assim, a partir de 1998, da Escola Estadual Maria Sylvia de Vasconcelos Câmara, do primeiro grau de ensino.

2. VIDA LITERÁRIA

Desde cedo, seguindo os passos do pai, Massylvia se mostrou uma leitora voraz e exercitava a escrita. No testemunho de quem com ela conviveu, era uma mulher culta, de estatura intelectual rara, oradora erudita, conversa fluente e agradável. Parte do embasamento desse lastro cultural ela creditava aos seus estudos na conceituada Escola Normal de Mossoró, onde, como vimos, cursou o magistério e iniciou-se no mundo literário. No período caraubense, inda dividida entre a família, o trabalho e a vida social, cuidou da atividade, participando da Antologia “Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense”, compilada pelo assuense residente em Natal, Rômulo Chaves Wanderley e publicada em 1965. Nesse mesmo ano, na capital do estado surgiu a Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, na qual passa a ocupar uma cadeira.

No regresso de Caraúbas para Mossoró, entristecida com a partida do marido e distante dos amigos, ela se refugia na escrita, intensificando a produção não só de poemas e sonetos, mas também trovas, haicais, hinos e outros textos que vão sendo publicados.



Como resultado, seu nome passa a figurar em antologias espalhadas pelo país, a exemplo da “Antologia dos Grandes Poetas Norte – Brasileiros”, do paraense Oswaldo de Souza e da “Ponta de Lança na Praça”, de Joaquim José de Miranda Borges, de Uberaba-MG.

Além dessas, participou de cinco edições das coletâneas organizadas pelo escritor norte-rio-grandense Aparício Fernandes, residente no Rio de Janeiro, nos anos de 1979, 1981, 1982, 1984 e 1986, figurando ainda em 1982, no livro “Escritores do Brasil” desse mesmo autor. Na condição de trovadora, contribui com as coletâneas “Primavera em Trova” e “Saudades em Trova”, do escritor Artur Francisco Batista, SP e seus trabalhos podem ser encontrados em livros de outros autores, a exemplo do jornalista e poeta José Pinheiro Fernandes, de Valença-RJ.

Chamava a atenção em Maria Sylvia a intensa atividade epistolar com seus pares no Brasil, Portugal e África, dos quais, invariavelmente, recebia elogios e perguntas sobre seu livro. Mas, apesar da repercussão positiva da participação em obras coletivas, a Poetisa da Saudade, como era chamada, rejeitava a ideia de publicar livro próprio. Exigente, dizia que os poemas da juventude haviam perdido o sentido com o passar dos anos e os mais recentes eram tristes demais, não reunindo, portanto, qualidade para uma publicação de vulto. Afirmava sentir-se confortável entre os “poetas maiores” das coletâneas, o que lhe permitia passar despercebida. Condição que não conseguiu sustentar em sua própria terra, onde foi agraciada por destaque na poesia com o troféu “Cocota Lopes” que lhe foi entregue pelo Monsenhor Américo Simonetti, seu ex-aluno.

Incentivo para dar à luz o primeiro livro jamais lhe faltou, desde velhos amigos como o poeta martinense Cosme Lemos, passando por Walter Wanderley, o Prof^o. Rodrigues Alves e Raimundo Soares de Brito, estudioso caraubense, residentes em Mossoró, ao trabalho contínuo de persuasão do casal amigo Vingt - Un Rosado e esposa, Dona América Rosado e os professores Raimundo



Nonato e Ozelita Cascudo. Todos a instavam a coligir o material espalhado em jornais e revistas para a publicação, mas ela continuava irredutível.

E Massylvia continuou inédita até 1983, ano em que foi comemorado o Primeiro Centenário da Abolição dos Escravos em Mossoró. Da intensa programação para a ocasião, fez parte o lançamento de nada menos que cem títulos, dentre os quais cinquenta livros editados pela Fundação Guimarães Duque e Coleção Mossoroense, momento conhecido na cidade como “a noite da cultura”. Dessa vez ela não resistiu à pressão dos amigos, à frente Vingt - Un e capitulou. Veio a lume Tempo de Romance e Outros Tempos. Para a ocasião, por solicitação do Prefeito da cidade, Dix - Huit Rosado, escreveu o Hino do Centenário da Abolição de Mossoró, que ganhou bela melodia da ex-aluna, professora e amiga residente em Fortaleza, Dalva Stella Nogueira Freire.

3. TEMPO DE ROMANCE E OUTROS TEMPOS

Tempo de Romance e Outros Tempos reúne o que a autora conseguiu reaver do seu trabalho desde jovem e por toda sua trajetória sem, contudo, obedecer à ordem cronológica. Em gênero diversificado, contém poemas em versos livres, sonetos, haicais, trovas e prosa poética, fechando com textos epistolares de jornalistas, editores dos volumes coletivos que lhe publicaram e de congêneres. Sua poesia obedece aos requisitos de forma e estética, é rica em ritmo e sonoridade, os sonetos, decassílabos ou alexandrinos, são exemplares e a prosa, marcada pela poeticidade. A autora dizia não se enquadrar na rigidez das escolas literárias, embora reunisse elementos parnasianos e românticos nos sonetos, em que era considerada exímia. No todo, sua singular poética, perpassada por uma lírica saudosista, é vista como inovadora, inventiva. Seguem-se exemplos:



Soneto Último Refúgio:

Poesia – amparo de ânsias e agonias,
urna do pranto amargo e solitário.
Poesia – contas mágicas de um rosário
de ardentes preces, pela noites frias.

Acolhes maternal, as litánias
da alma que enfrenta o sofrimento vário
e se agasalha no hiemal sudário,
deslembada de risos e alegrias.

Mesmo que eu seja a última a venerar-te,
humilde ancila, fiel em procurar-te,
constante seguirei os teus caminhos.

Pois contigo, em estradas de mil flores
descrevi minhas ilusões, cantei amores
sob o teu manto de veludo e arminhos.

Noutra vertente, a autora dá mostra de preocupação com as questões sociais, no poema Sem Retoque:

O velho imóvel e distante
em sua enorme solidão.
A criança esquelética e triste
na sua fome sem tréguas.

Esfarrapado e doente
o homem sem proteção
não tem remédios nem leito
que vague nos hospitais.

E já na tarde tão fria
a velhinha estende a mão



mas confrange o coração
pois a recolhe vazia.

Antenada com o que acontecia no mundo e, tal qual sua antecessora francesa Christine de Pisan (1364 – 1430), alerta as mulheres sobre riscos dos excessos amorosos, no Haicais de Muito Amor:

Madame Butterfly
fez hara – kiri
sem soltar um ai!

Pelo amor perdido
Ana Karenina
sem um adeus se vai!

Madame Bovary
que também se mata
- ai que dó de ti!

Ó mulheres tristes
que dormis em paz
- vede o que o amor faz!

E expressou-se em Trovas:

Auras gentis de setembro
Fazei-me tal como eu era
Nessa feliz primavera
Que em meu inverno relembro

Em suas Palavras de Gratidão, Amor e Saudade com que inicia o “Tempo de Romance”, Maria Sylvia afirma: “Neste ensejo que não se repetirá, meu espírito é atraído para a esfera do mundo afetivo, do passado e do presente” E foi esse, de fato, o único livro



que publicou. Quatro anos depois, internada na Casa de Saúde Santa Luzia em sua terra, após breve enfermidade, parte em definitivo. Era 02 de maio de 1987.

4. REGISTROS PÓSTUMOS

Ainda no ano de sua partida, é publicado em Mossoró o livro “Maria Sylvia a Poetisa da Saudade”, organizado por seu irmão Francisco Freire de Vasconcelos, com anotações do historiador e pesquisador Raimundo Soares de Brito. Este estudioso mantinha importante biblioteca, a cujo acervo Massylvia expressara o desejo de que seu legado literário fosse incorporado. Do livro constam dados biográficos e depoimentos de familiares, amigos, jornalistas e escritores de vários estados do país. Em 1988, fundada a Academia Mossoroense de Letras, é indicada patrona da cadeira nº 8.

Já no início dos anos 2000, Maria Sylvia torna-se verbete na antologia “Literatura Feminina do Rio Grande do Norte – de Nísia Floresta a Zila Mamede” entre as vinte e cinco autoras relacionadas. Organizada em Natal pelas professoras Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha P. de Macedo, foi a primeira a se editar no RN dedicada às autoras, tornando-se indispensável ao conhecimento da expressão literária das mulheres potiguares. Atualizada em 2013, incluiu outras autoras e mudou o título para “Escritoras do Rio Grande do Norte: antologia”.

Em 2014 passou a figurar no “Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade”, da professora natalense Conceição Flores; e em 2017, no livro “Tece-lãs – Tejedora”, de nossa lavra, que reúne em forma de versos, informações sobre a vida de vinte mulheres escritoras ou que de algum outro modo legaram sua marca à história. No prefácio, a escritora e tradutora salmantina Jacqueline Alencar, destaca Massylvia como educadora, poeta e “outra inconformada com seu destino”, referindo-se às mulheres que contribuíram com a luta que

visa eliminar a condição de subalternidade a que foram relegadas ao longo do tempo (4).

MARIA SYLVIA DE VASCONCELOS CÂMARA, nominada pelo escritor norte-rio-grandense Gumercindo Saraiva (1915 – 1988) o “Rouxinol Mossoroense” (5), foi uma delas.

(1) O Dr. Antônio José de Melo e Souza governou o RN em várias ocasiões, a partir de 1907 e concluiu sua última gestão, iniciada em 1920, em dezembro de 1923. Em 1922 havia fundado a Escola Normal. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, exerceu cargos nessa área sobre a qual escreveu. É autor de livros de novelas, poesias e romances, dos quais *Gizinha* é o mais festejado. Adotava o pseudônimo de Polycarpo Feitosa.

(2) No discurso em agradecimento à Câmara Municipal de Caraúbas pelo título de Cidadania, quando já se passavam cerca de 40 anos de sua chegada à cidade, Maria Sylvia, em raro momento, alude ao motivo da transferência. Começa lembrando que esse foi o tempo que durou a peregrinação dos hebreus guiados por Moisés pelo deserto, mas que a coincidência se encerrava aí, pois que não viera “à procura da terra miraculosa da promessa Divina e onde manavam leite e mel”. Acrescenta: “Antes tangida pela perseguição política, exilada sem crime, pagando por pessoa querida, que possuía ideias no cérebro privilegiado e puros ideais no coração, grande, confiante e generoso”. Seu pai Martins de Vasconcelos sofrera perseguição política nos conturbados anos da década de 1930 no Brasil e, particularmente, no RN.

(3) A Escola foi inaugurada pelo Governador Alberto Maranhão (1872 – 1944), em segundo mandato à frente do executivo do RN, sucedendo ao Dr. Antônio Souza, que governara entre 1907 e 1908.

(4) *Tecelãs – Tejedoras*, pag. 21-22.

(5) Depoimento ao livro “*Maria Sylvia, a Poetisa da Saudade*”, pag. 26-29, em que alude a uma visita de Massylvia à Academia de Trovas do RN em Natal (onde ela ocupava uma cadeira), seguida de sarau em casa de amigos. O autor foi compositor, musicólogo, folclorista, pesquisador, professor e poeta.



LIVROS CONSULTADOS:

Tempo de Romance e Outros Tempos. Maria Sylvia de Vasconcelos Câmara. Mossoró (RN), Fundação Guimarães Duque – Coleção Mossoroense, Volume CCXCI, 1983.

Maria Sylvia, a Poetisa da Saudade. Francisco Freire de Vasconcelos, Organização; Raimundo Soares de Brito, Anotações. Mossoró (RN), Coleção Mossoroense, Volume CCCL XVIII, 1987.

Literatura Feminina no Rio Grande do Norte – De Nísia Floresta a Zila Mamede. Antologia. Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha P. de Macedo, Organizadoras. Natal (RN), Sebo Vermelho – UNP, 2001.

DICIONÁRIO de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade. Conceição Flores. Natal (RN), EDUNP, 2014.

Polycarpo Feitosa. O excêntrico Dr. Souza. Manoel Onofre Jr. Presença - ensaios biográficos. Natal (RN), Caravela Sebo Cultural e 8 Editora, 2016

Tecelãs / Rizolete Fernandes. = Tejedoras / tradutora, Jacqueline Alencar. Poesia - Mossoró (RN): Sarau das Letras; Salamanca (Espanha) Trilce, 2017

www.pontodevistaonline.com.br/centenário-de-gumercindo-sarava-ii/ Post de 30/05/15

www.wikipedia.org/wiki/ListadegovernadoresdoRiодоNorte. Consulta em 15/01/2019

RIZOLETE FERNANDES é poeta, escritora e socióloga. Autora de “Luas Nuas” e “Tecelãs”. Sócia da UBE/RN, participante do ICOP/Mossoró e do Coletivo Mulherio das Letras.

ALZIRA SORIANO - MULHER DE UM GRANDE LEGADO

Eulália Duarte Barros

Os antigos homens de antigas gerações valorizavam as “primícias” que significavam os primeiros frutos, as primeiras colheitas, o começo.

Os que se organizam primeiro, o principio, o início, eram ações para o «primórdio».

Os homens de hoje, os literatos, procuram guardar em suas estantes, as primeiras edições de livro que valorizam o acervo de suas bibliotecas.

Os “pioneiros”, aqueles que abrem o caminho para que os sigam na busca e na caminhada. Aqui no Rio Grande do Norte mulheres salientaram-se neste pioneirismo no setor social, intelectual e político, em diferentes regiões do estado. Maria do Céu Fernahdes 1ª deputada da região do Seridó - Currais Novos, Celine Guimarães 1ª eleitora - Mossoró, Maria Nazaré de Andrade Duarte - 1ª Vice Prefeita - Goianinha e Alzira Soriano - Angicos. Elas foram pioneiras no que fizeram e outras tantas que de alguma maneira foram primordiais nos seus jeitos de fazerem história.

Luiza Alzira Teixeira de Vasconcelos Soriano nasceu em Jardim de Angicos no dia 29 de abril de 1887, região central do Rio Grande do Norte que na época era centro comercial da região e lugar de passagem para os viajantes do sertão.

O Coronel da Guarda Nacional, Miguel Teixeira de Vasconcelos e Margarida de Vasconcelos, foram seus pais. Casou-se aos 17 anos com Tomaz Soriano de Souza Filho, de tradicional família pernambucana e foram morar em Ceará-Mirim onde seu marido fora designado promotor. Com a morte do seu esposo ela foi para a Fa-



zenda Primavera, em Angicos, próxima a fazenda do seu pai, e tinha apenas 22 anos. O seu pai era um chefe político da região e ela foi se entrosando na política com a convivência dos correligionários amigos e foi ali, amadurecendo a sua visão sobre a luta dos contrários.

A situação de Angicos já não era a mesma perdendo a sua autonomia política e passara a ser um distrito de Lajes.

Fatos novos aconteciam como a campanha de 1927, para o direito de votos às mulheres com o apoio do Governador Juvenal Lamartine e seus aliados e isso serviu como plataforma política. Quando foi admitido alistamento eleitoral das mulheres, elas acorreram para tirar o título, o que fez surgir o interesse em promover uma candidatura feminina.

Foi então em sua Fazenda Primavera que foi elaborado um plano com as lideranças do Dr. Juvenal Lamartine e Bertha Lutz de promover interesse e vontade em uma candidatura da mulher. Como resultado dessa e outras reuniões em sua fazenda, Alzira foi escolhida para ser candidata à Prefeitura de Lajes, pelo Partido Republicano.

A Campanha foi conflitante, para não dizer perversa. Os adversários não pouparam agressões e ofensas pessoais a Alzira: “Mulher pública é prostituta; Uma senhora de família não se mete com política; A mulher perde a família para a política; Invés de ser chamada senhora será chamada chefona”. Apesar dessas grosserias, Alzira foi eleita com 60% dos votos válidos no município.

A posse na Prefeitura de Lajes, em 1 de janeiro de 1929, foi amplamente noticiada pela imprensa nacional e estrangeira. Até o *The New York Times*, edição do dia 8 de setembro de 1928 publicou uma nota onde destaca a eleição de Alzira como a primeira mulher a assumir um cargo eletivo no Brasil.

No seu discurso de posse Alzira demonstrou habilidade política. Primeiro dizendo: “Abro mão dos proventos do cargo, seja qual for a natureza destes” e também convocando os adversários “para juntos melhorarmos o município e mostrando que o papel

da mulher estava mudando de forma definitiva com a sua isenção nos destinos da vida pública”. “Não me preveleco do cargo para fazer favores a amigos e ainda menos negar justiça aos adversários”.

Alzira governou Lajes por apenas dois anos e conseguiu realizar obras de infraestrutura e melhoria nas condições da vida da população com os próprios recursos do município.

Quando veio a Revolução de 1930, Alzira deixou a prefeitura, embora o comando do Movimento Revolucionário lhe tivesse oferecido o cargo de Interventor Municipal, o que não foi aceito por ela.

De volta à vida privada, mudou-se para Natal. Retornou à sua Fazenda Primavera, onde refez seu prestígio político, participando das articulações políticas com os líderes locais.

Em 1945 ela candidatou-se à Câmara Municipal pela UDN - União Democrática Nacional tornando-se líder de sua bancada e reelegeu-se vereadora em sucessivas eleições.

No final do ano 1961, Alzira ficou gravemente doente e passou seu último ano de vida entre Rio de Janeiro e Natal em tratamento. Morreu em sua Fazenda Primavera no dia 28 de maio de 1963. Deixou para as mulheres e homens do Rio Grande do Norte e do Brasil um legado de probidade, dignidade, coragem e liderança.

Referências

Mulheres- Brasil - História - Rio de Janeiro - Zahar 2000

Acervo Particular da Professora Margarida Cabral Morgantini.

SEBRAEE/RN - Construindo Futuros - Adriano de Souza e Flávia Assif.

EULÁLIA DUARTE BARROS é escritora e professora aposentada da UFRN. Autora de “Uma Escola Suíça nos Trópicos” e outros livros. Membro do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



ROSA LA FRANCE*

Sônia Faustino

Uma pequena “nesga” da realidade parece romper-se mas ela apenas esgarça-se, o fio primordial não se parte, apenas se torna invisível. O ser torna-se sensação, sentimento puro.

Dos momentos vivenciados, o mais forte, presente e inescusável, remete-me a uma manhã de mai o orvalhada e luminosa no Jardim, réplica ampliada de uma pequena palheta onde meu olhar fixava as cores das dalias, das maravilhas, dos mimos do céu, dos bulgaris, dos sorrisos de Maria, das espirradeiras, dos girassóis, das entradas de Jerusalém, das rosas prata, rosas mem na, rosas amélia ... meu Deus ! Quanto perfume! Quanta cor!

Lindalva e eu juntas ao pé de “rosa la france”, a que ela mais gostava, enquanto suas lindas mãos iam colhendo as rosas que vestiam aquela planta, cultivada e regada por ela. Uma após outra, eu ia colocando em uma bacia de ágata até enchê-la inteirinha. A seguir, ela sugeriu que as levasse para enfeitar o altar de Nossa Senhora. Era uma manhã de 25 de maio, dia do seu aniversário. Às primeiras horas daquele luminoso dia, ela havia sido despertada com uma alvorada da banda de música. Carloto, o maestro, junto com Benjamim, o saxofonista, fizeram uma seleção de valsas, entre outras, lembro-me de Royal Cinema e Saudades do Matão.

Durante anos e anos, por ocasião do encerramento da Festa da Padroeira, ela remetia de Natal, sem propaganda, as rosas para enfeitar o andor de N. S. da Conceição, bem como, periodicamente, ela mandava centenas de livrinhos do ofício de Nossa Senhora para serem distribuídos com suas contrérrneas católicas. Ela acreditava no poder da oração. Quando eu passava por algum problema, costumava encontrar na minha mesinha de cabeceira um daqueles livrinhos, eram as mãos silenciosas dela quem as depositava. Nada comentava, mas entendia o recado.

Ainda hoje, em Pau dos Ferros, um grupo de mulheres da Pastoral de Orações, quando termina de rezar o ofício, inclui o nome de Dona Lindalva no rol das intenções do dia...

Voltando a falar sobre aquela manhã onde meu ser vibrou com a explosão de energia emanada da minha heroína, como se aquele cenário de vida e cor representasse um pequeno recorte do grande milagre produzido da teologia Deus/homem/natureza. Justamente naquele recanto do Brasil profundo, estigmatizado pela seca, onde a água para beber era “botada” em pequenas pipas amarradas nos lombos dos jumentos, havia pessoas que, como ela, plantavam rosas e hortaliças com a mesma alegria e cuidado com que cultivava suas amizades com gente simples e gente graduada. Não havia ressentimento de classe, exploração, “mais valia”, pelo menos naquela casa, e sim colaboração, sinceridade e bem-querer.

As bandas, nas cidades brasileiras, antes do advento dos meios de comunicação de massa, tinham uma função emblemática. Era uma função integradora e não manipuladora, como queriam os marxistas de plantão nas mesas de barzinho. Aqueles que não reconheceram em Marx o grande humanista que ele foi, e continua sendo, porque as idéias não morrem...

Nas casas onde Lindalva morou, uma imagem não podia faltar. Era a da sua devoção, a de N. S. de Fátima. Mas ela reverenciava a figura da N. S. da Conceição por ser a padroeira da sua querida terra adotiva, lá onde se configurara definitivamente o seu perfil político. Antes de ser um papel a ser vivenciado em um mundo das aparências, a política era uma projeção do seu ser mais profundo.

-Quando nas leis de aumento procurava corrigir injustiças salariais;

-Quando orientava os estudos dos seus vinte irmãos;

-Quando aconselhava sabiamente as suas irmãs Maria Zélia, Maria José, Ruth, Socorro, Enói, Sara, Débora e Eucária;



-Quando buscava, para mulheres, bolsas de estudos e participação em cursos de outros centros acadêmicos;

-Quando participava de cerimônias públicas de apoio às mulheres;

-Quando colaborava na construção de instituições para crianças excepcionais;

-Quando educava suas netas;

-Quando apoiava suas cunhadas;

-Quando distribuía receitas de tortas vienenses às suas comadres e remédios que o Dr. José receitava;

-Quando distribuía sementes de hortaliças ou leite do Fisi;

Lindalva Torquato Fernandes não foi nenhuma feminista erudita, aliada à tradição de uma Simone de Beauvoir. Não foi nenhuma revolucionária da estirpe de Rosa de Luxemburgo. Creio até que ela nunca ouviu falar da ação política dessas duas mulheres notáveis. O seu dia-a-dia não foi pontilhado de ações heróicas. O seu cotidiano foi marcado, sim, por gestos profundos de solidariedade manifesta:

- Quando custeava os estudos dos filhos das suas amigas pobres, ajudando-os até às suas formaturas (Eu não sei quem era mais feliz: se Socorro ou se sua Mandalva, que comentava comigo: você precisava ver, Sônia, como Socorro estava alinhada de *tailleur de linho* na formatura de Conceição).

-Quando ensinava às mães do Círculo Operário a cortar suas roupas e costurá-las;

-Quando bordava de bastidor os pontos de sombra nos vestidos de organdi suíço de Sônia, Nia e Virgínia;

-Quando ajudava nos estudos superiores da prima (filha adotiva) Maria Lopes e seus irmãos;

-Quando ensinava às suas conterrâneas como planejar o nascimento dos filhos;

-Quando, com seu marido, colocava verbas para escolas e hospitais comunitários;

-Quando fazia e distribuía enxovais de recém nascidos;

-Quando ensinava noções de higiene às mães pobres de Pau dos Ferros;

-Quando criava e confeccionava os enxovais de noivas e de internatos das suas filhas e irmãs;

-Quando dava entrevistas para jornalistas.

Enfim, poderíamos listar aqui centenas de ações positivas, capazes de tornar a vida humana, com seus pesares e seus gemidos, menos sofrida, mais suave e mais significativa.

Uma vida que se encantava com a felicidade das mulheres e com a formosura de uma rosa la france.

*Excerto do livro “Rosa La France”, sobre a trajetória biográfica de Lindalva Torquato Fernandes, segunda Deputada Estadual (RN), primeira Conselheira do Tribunal de Contas (RN) e primeira mulher a assumir a presidência de um Tribunal de Contas no Brasil.

SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO é poeta, escritora, artista plástica e professora aposentada. Autora de “Ressonância” e outros livros. Membro do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



BREVE CARTA A HILDA HILST *

Marize Castro

Hilda, para te escrever coloquei, novamente, o Nazareno Gabrielli, o seu perfume preferido, em meus pulsos. E a sensação é sempre a mesma: a vida é líquida, como você disse no seu intenso-belo livro *Alcoólicas*. O seu corpo a corpo com a Vida sempre me trouxe para a sua poesia. Você viu Deus em algum lugar. Por isso, penso, a vida, a morte, o amor e o sentido da poesia no mundo sempre te interessaram. Todos em intensidade absoluta!

Amo quando você escreve tais versos:

*Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito
Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado
Salpicado de negro, de doçuras e iras.
Te amo, líquida, descendo escorrida
Pela víscera, e assim esquecendo*

Fomes

País

O riso solto

A dentadura etérea

Bola

Miséria

*Bebendo, Vida, invento casa, comida
E um Mais que se agiganta, um Mais
Conquistando um fulcro potente na garganta
Um látigo, uma chama, um canto. Ama-me.
Embriagada. Interdita. Ama-me. Sou menos
Quando não sou líquida.*



Hilda, sua incessante busca por Deus levou você ao erótico. Então, você nos deu *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, depois, *A obscena senhora D* – o primeiro livro seu que li, lá nos anos 1980. Lembro que a cada página sentia calor e frio quase ao mesmo tempo. Diante de tanto desamparo, eu vislumbrava a nossa precariedade humana. E isso me interessava profundamente. O meu exemplar, amarelado pelo tempo, está todo grifado com uma caneta azul. Sim, a viva compreensão da vida é segurar o coração. Em sua ficção a poesia reina, a metalinguagem se espalha. Foi essa obscena senhora quem me levou a você, essa senhora que perguntou a Deus: Deus, você me entendeu? Foi ela quem me sacudiu e me levou aonde eu queria ir: ao abismo. O abismo que nos faz criar asas! Certa vez, perguntei-lhe: Senhora D posso chorar ao seu lado?

Hilda, você me enchia de contentamento quando afirmava em suas entrevistas: “A poesia não vem daqui, você recebe a poesia – ela vem de algum lugar que você não conhece. [...] existe sim, inspiração. Você fica mesmo com febre quanto a poesia acontece. Durante alguns dias você fica tomado por alguma coisa que você não sabe o que é, com uma espécie de febre interior. Me vem o primeiro verso e depois, durante dias, vêm os outros, difíceis de trabalhar. Eu fico vermelha, passo mal. Acontece esse milagre”. Sim, Hilda, a poesia é um milagre! Pulsar no rio da linguagem é um milagre. Um milagre realizado por nossa bela-horrível humanidade.

Você se inicia nesse milagre, ainda sob influência parnasiana, com o livro *Presságio*, em 1950, aos vinte anos de idade, e se aprofunda ainda mais nesse milagre ao abandonar a capital de São Paulo, no ano de 1963, aos 33 anos, já com inúmeros livros escritos, indo para o interior do estado, onde construirá a sua Casa do Sol e toda sua obra. Você parte em direção a si mesma, certa de que essa solidão te trará concentração e fará com que você escreva a obra que escreveu. De 1967 a 1974, nenhum livro, mas quando retorna, você retorna cada vez mais plena de si mesma e traz consigo *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, no qual o erotismo é o nervo primordial. Para mim, um dos mais belos chamados eróticos da



literatura brasileira. Depois virão muitos outros livros. Entre eles, os dois que talvez eu mais ame em sua poesia: *Alcoólicas* e *Amavisse*.

Por fim, Hilda, você se despede do milagre de escrever em *Cantares do sem Nome e de Partidas*, no ano de 1995. Portanto, são quase cinco décadas transcendendo os limites da sua linguagem. Nessa linguagem, a decodificação não é fácil, mas comunica-se de imediato com o leitor, como lembrou a querida Nelly Novaes, por sua grande carga de paixão e emoção concentrada em imagens e ritmos, cuja beleza e fascínio não podem ser explicados racionalmente. Hilda, pelo racional não se chega a você. Quem ousar enquadrar sua obra, estará perdendo a oportunidade de mergulhar em sua vastidão vertiginosa. “Meu negócio é com Deus”, você afirmará até o final de sua vida.

Mas que Deus é esse, Hilda? Aquele que ampara ao desamparar para nos tornar mais humanos, mais obscenos e mais sublimes?

Finalizando esta carta, Hilda, eu digo: vertigem e fé, herdei de sua poesia.

*** Nota da autora: Essa carta foi lida durante o Festival Literário de Natal, no ano de 2017. Naquele dia, conheci umas das leitoras mais apaixonadas por Hilda Hilst, a sensível cantora e compositora Zélia Duncan.**

MARIZE CASTRO é poeta, escritora e jornalista. Editou nos anos 1980 o jornal *O Galo* e, nos anos 1990, a revista *Odisseia*. É autora de “Marrons Crepons Marfins”, “Esperado Ouro” e outros livros. Edita seus livros por sua própria editora, a UNA.



PARA ALÉM DA SOLIDÃO E DA ANGÚSTIA:

NOTAS SOBRE A LITERATURA DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

Midiã Ellen White de Aquino

Sinto-me hoje serena e por isso estou de novo a escrever a mim própria. Quem, a não ser eu, perderia tempo a ouvir-me? Quem, se a minha vida ficou vazia de todos?

(Trecho do conto “Tanta Gente, Mariana”)

A solidão, segundo o filósofo francês Comte-Sponville (2001, p. 20-30), é o destino de todo ser humano, é um mal do qual ninguém pode escapar, ela é “o esforço de existir”, já que só o indivíduo pode carregar o seu próprio fardo: “Todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós” (CARVALHO, 2011, p. 13).

Mariana, que aos quinze anos descobre o gosto amargo da solidão, é a voz que inaugura, em 1959, a literatura da portuguesa Maria Judite de Carvalho (1921-1998). “Tanta Gente, Mariana” (CARVALHO, 2011, p. 7) trata-se da novela que abre uma coletânea de narrativas curtas em que o insulamento das personagens e a atmosfera de angústia existencial aparecem como categorias que vão perpassar por toda a escritura juditeana.

Escritora do pormenor, da interioridade e em especial da condição feminina, Maria Judite era também uma exímia observadora das relações sociais. Segundo o esposo da autora, o escritor Urbano Tavares Rodrigues (1923-2013), ela possuía um “discurso económico, por vezes mansamente cruel” o qual deixava transparecer, sutilmente, a sua “ácida ironia”.



De temperamento reservado, sempre com gestos comedidos e tímidos, a autora levou para os seus textos toda a palavra sufocada por seu gênio extremamente discreto e silencioso. Sua obra é carregada de não ditos, das “palavras poupadas” que deixam o leitor seduzido e instigado à busca de respostas para o que não é totalmente revelado, para o que fica apenas sugerido. Suas personagens são arredias, não habituadas a comunicar-se com o outro, reclusas em si mesmas, por isso, há em suas narrativas certa predominância do discurso interior, do fluxo de consciência.

Por baixo da superfície das personagens juditeanas estão as agruras e a frustração de seres sempre incompreendidos pelo outro, este representado sobretudo pelos parentes mais próximos, pelos amigos, pelos amantes. São personagens dominadas pelo medo, pelo descaído e por “situações de revés e falência: a falência do amor, a falência da esperança, a falência dos projectos” (ESTEVEVES, 1999, p. 23).

Para além da solidão e da angústia das suas personagens, a literatura de Maria Judite é original pela maneira como a escritora encara o mundo: ela consegue dar intensidade e relevância a assuntos aparentemente banais; dispõe de cenas pequenas e insignificantes do dia a dia e transforma em arte, mostra a face e dá voz ao esquecido, ao desprezado, ao parvo. Massaud Moisés (1999, p. 358) a delineou como “uma escritora de antenas ultrapoderosas” e escreveu que “a mestria invulgar da escritora se manifesta exatamente em surpreender no cotidiano rotineiro os grandes dramas anônimos e mudos”.

Assim, pensar a escrita de Maria Judite de Carvalho é refletir sobre a construção de um discurso que, feminino em seu cerne, traz em si uma voz de alteridade e diferença. Lucia Castello Branco (1995, p. 74-75) chama-o de “discurso da margem” porque é concebido às bordas de um discurso oficial falocêntrico e, por essa razão, construído de maneira “dissonante, sempre desterritorializado” e “questionador”.



Por esse prisma, é possível observar na literatura juditeana as marcas desse discurso “da margem”, uma vez que sua obra é constituída por uma escrita de transgressão: com uma linguagem fragmentada e abundante de implícitos, uma dimensão temporal sempre irregular, cheia de lapsos e personagens nunca completas, sempre em falta consigo e com o outro, ocas de esperanças, reforçando a “noção de sujeito não pleno, não acabado”. Portanto, “uma escrita que não nega o vazio que a constitui, mas que antes o exhibe, o apresenta, e faz dele matéria de linguagem” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 74).

No conto “Câmara Ardente” (CARVALHO, 1961, p. 179) pode-se ver essas marcas do discurso de ruptura quando a autora relaciona os destinos de várias personagens a um único acontecimento: a morte do pai, pondo em destaque a desconstrução do discurso falocêntrico, centrado na figura masculina castradora do chefe de família. Aqui, a temática social é apresentada por meio de uma linguagem que resulta em uma crítica sutil, mas expressiva; sem alardes, contudo provocadora. A cena familiar é simples: desenha-se ante o leitor a descrição de um velório, do luto e da penumbra, no entanto, entre os silêncios ouve-se os pensamentos dos vivos que ali avaliam as suas vidas a partir daquele momento, e, aos poucos, vão revelando como era em vida aquele homem implacável, tirânico, que possuía “aquela voz forte que dominava todas as vozes, as envolvia, as matava definitivamente, as abandonava depois de caídas.” (CARVALHO, 1961, p. 187).

Em “Câmara Ardente”, de forma irônica, o sentimento de liberdade experimentado pelo o filho, a irmã e a esposa do defunto é posto à prova ante uma indagação: será que o homem realmente estava morto? Essa quebra de expectativa na narrativa impulsiona as primeiras ações dessas personagens para a concretização de suas emancipações, e, somente após a confirmação do óbito: “A viúva soltou um leve suspiro e encolheu-se mais no banco, entre a irmã e a cunhada. Jaime ofereceu-se então para ir a uma farmácia de serviço, sem se dar conta de que esse seu gesto tão prestável era afinal



de contas a contribuição que dava para a morte definitiva do pai.” (CARVALHO, 1961, p. 190).

O tom irônico nas narrativas juditeanas é arquitetado por meio do discurso de transgressão aos costumes e do questionamento aos valores da sua época, a escritora consegue a partir de assuntos difíceis e dolorosos, como a morte, trazer à reflexão temas que envolvem, por exemplo, a condição feminina, as adversidades da vida moderna, os desatinos políticos do seu tempo. A “ácida ironia” de Maria Judite está na ambiguidade do comportamento das suas personagens, nos seus argumentos que aparecem como contrários às suas ações em relação as situações que as envolvem.

É o que se pode observar no conto “A Noiva Inconsolável” (CARVALHO, 1961, p. 153) em que há a representação de uma sociedade dominada pela dissimulação e aparência, por uma falsa preservação de costumes os quais são usados especialmente para oprimir o mais fraco. No enredo do conto, a protagonista Joana é uma moça que passou da idade de se casar, uma jovem que não é bela nem possui talentos especiais. Criada em uma família de base nuclear, tem na mãe um exemplo de subordinação e renúncia de si, já as figuras do pai e do irmão representam a soberania no lar e o sucesso pessoal. Desprezada por seu jeito reservado e pela sua falta de atributos físicos, Joana e todos a sua volta são surpreendidos quando um jovem se interessa por ela, no entanto o relacionamento não vinga e na manhã após ser alertada do possível término do noivado, a moça recebe a notícia de que o seu noivo morrerá vítima de afogamento.

O teor irônico em “A Noiva Inconsolável” está exatamente entre o ser e o parecer, a protagonista que perdera o noivo, na verdade não fica desolada, não sente angústia por sua morte, ao contrário, ela sente plenitude e uma profunda sensação de liberdade: “O seu atual pensamento flutuava levemente numa atmosfera mansa, batia ao de leve as asas, aflorava as coisas. Toda a angústia desaparecera. Sentia essa calma no rosto que não via, nas mãos quietas, na voz

que lhe saía direta, quase rígida. A serenidade que ele lhe negara!” (CARVALHO, 1961, p. 163). Graças ao acontecimento trágico com o noivo, ela não seria mais vista como escória, como a mulher desprezada; a sociedade e a sua própria família começaria a tratá-la com outros modos, a vê-la como uma noiva em luto, não mais como uma solteirona: “Apetecia-lhe sorrir mesmo sem estar alegre, sorrir precisamente porque estava triste. Sorrir à mãe quando ela entrasse com os trapos pretos que nunca mais havia de despir. Sorrir ao pai, ao irmão, às amigas que tinham acabado de descer a escada, sorrir a toda gente. Era de súbito outra pessoa. A noiva inconsolável do homem que morrera” (CARVALHO, 1961, p. 163).

Essa preocupação com a situação social da mulher é uma constante em Maria Judite de Carvalho. Suas personagens predominantemente femininas são, conforme define Inês Fraga, neta da escritora (em entrevista à Isabel Lucas), “pessoas muito presas nos rectângulos das suas casas, confinadas aos rectângulos das janelas, que se pontuam pela imobilidade.”

A casa, como espaço que se sobressai nas narrativas juditeanas, é o lugar em que o tempo se manifesta em um fluxo contínuo de memórias. Espaço sempre presente nas obras das escritoras portuguesas de sua época, segundo Isabel Allegro de Magalhães, a casa é “*pivot* do universo, sítio fixo de onde as mulheres constantemente partem para viagens no tempo” (MAGALHÃES, 1995, p. 36). Lugar de segredos, ermo e frequentemente melancólico, onde as mulheres, em especial as idosas, passam o tempo presente em reiterada ligação com o passado.

De acordo com Magalhães (1995, p. 37), “este lugar central que é a casa funciona metonímica e metaforicamente como lugar da escrita e do corpo das mulheres”. Como metáfora do corpo, na narrativa juditeana prevalece o corpo/casa em abandono, onde as “sombras” ou as “vozes” de um universo fantástico ou de um instante longínquo se tornam as únicas companheiras de mulheres esquecidas, sozinhas. Contudo, muito mais que desamparo e solidão,



a casa na obra de Maria Judite além de símbolo de denúncia da condição feminina é também símbolo de resistência, lugar de desconstrução da imagem de subalternidade e fragilidade da mulher.

Veja-se, por exemplo, o conto “A Cidade do Êxito” (CARVALHO, 2018, p. 219) onde as personagens habitam um mundo futurista em que os progressos científicos da humanidade avançam ao ponto de serem comuns e lucrativos os negócios com outros planetas, como Marte. Nesse ambiente distópico, uma mulher idosa e sua casa antiquada destoam de tudo que há de moderno e avançado na cidade: “Era a última casa velha da cidade e desfeava-a na verdade muito. Uma espécie de dente podre numa bonita boca jovem”. Em meio aos “altos prédios quadriculados de metal e vidro”, era inconcebível que aquela casinha ainda existisse, então uma luta acirrada entre dois grandes empresários e a protagonista é iniciada.

Os dois homens jovens, representando o capitalismo selvagem, entram em conflito com aquela “velha senhora”, representante das raízes culturais de um povo, única voz da tradição, do passado o qual, de tão quieto, todos pensavam que já havia morrido: “A senhora Bruce era, de certo modo, a casa” (CARVALHO, 2018, p. 220). E ela resiste, na sua calma e complacência, mesmo na miséria rejeita as grandes propostas de dinheiro que lhe oferecem pela demolição da casa, resiste aos argumentos de que já estava quase a morrer e precisava desfrutar de um ambiente mais luxuoso, resiste ao tempo: “Mas quando é que morre, Mrs. Bruce? Dizem por aí que a senhora é eterna!” (CARVALHO, 2018, p. 224).

Mesmo com noventa anos, a protagonista de “A Cidade do Êxito” consegue sobreviver aos seus adversários, os dois homens que aguardam ansiosos pela morte da senhora Bruce falecem, ironicamente, antes desta, que resiste até os cento e quinze anos, quando suas forças já não eram mais suficientes para enfrentar, sozinha, toda uma geração de alienados: “tinha deixado de lutar e entregara-se nas mãos frias da morte porque viver já não lhe era necessário.” (CARVALHO, 2018, p. 225).

A morte de Mrs. Bruce, representa a morte simbólica da razão, do patrimônio imaterial de uma nação. Essa narrativa como distopia denuncia os regimes opressores controlados pelo desenfreado consumismo, pela ganância e corrompimento do ser humano pelo poder: “Quando o negro automóvel a veio tirar de casa, a cidade inteira respirou tão fundo que quase se ouviu. Agora podia ser uma cidade sem mácula, rica, próspera, livre de recordações desagradáveis ou mesmo inferiorizantes. Uma cidade que podia esquecer os avós sem conta nos bancos ou elevador ou até avião. A cidade do êxito. Uma das muitas cidades do êxito.” (CARVALHO, 2018, p. 225).

Nesse conto, a cidade futurista e distópica, tão assustadoramente real e atual, evidencia o posicionamento político da escritora, o qual aparece bastante nítido e forte em sua obra, mesmo que na sua vida social e pública ela tenha mantido certa discrição e não tenha se envolvido ativamente nos movimentos políticos do seu país, a exemplo do seu marido Urbano Tavares. Sobre isso, Baptista-Bastos (1989) escreve que em Maria Judite de Carvalho “todos os livros são políticos ou refletem mal-entendidos políticos”, uma vez que o sentido de *político* em sua obra “reside na soma de informações triviais que reúne sobre a sociedade portuguesa”.

Além do forte teor político e social presente na escrita juditeana e da construção de espaços tão significativos para a abordagem dos temas, merece destaque também a maneira como a autora relaciona o espaço com a estrutura temporal de seus textos. As personagens sentem-se presas a um tempo que nunca as agrada, parecem sempre deslocadas em um presente que para elas não tem muito sentido. Insatisfeitas com o tempo em que vivem recorrem ao passado, em sucessivo *flash-back*, almejando encontrar algo capaz de dar sentido à vida atual ou ao porvir.

Sobre essa característica do tempo em Maria Judite de Carvalho, presente em grande parte das narrativas de autoria feminina, Magalhães (1995, p. 40) explica que “estamos perante narrativas que, na sua fragmentação, na sua errância e aparente desordem, manifestam a



associação constante de várias redes semânticas não hierarquizadas na memória”. Isso significa que a construção do sentido dessa (des)ordem narrativa está relacionada ao estabelecimento de uma ligação entre o vai e vem temporal e a luta existencial das personagens.

Nas narrativas juditeanas o passado é de grande relevância porque os problemas das personagens são explicados a partir do desvelamento dos dilemas gerados outrora. A respeito disso, é pertinente o que afirma Elódia Xavier (1991, p. 13) ao dizer que “o resgate da memória é um dos caminhos para o autoconhecimento; a volta às origens, através do tempo passado, faz parte da busca de identidade, pulverizada em diferentes papéis sociais”.

No conto “George” (CARVALHO, 2007, p. 31), a viagem interior entre o que foi, o que é, e o que virar a ser é o conflito que move o enredo, o qual a primeira leitura parece fragmentado e meio caótico. A protagonista, ao retornar a sua antiga casa em uma cidadezinha do interior, após sucessivas fugas que a distanciaram das suas raízes, tem um encontro consigo mesma, isto é, com a moça interiorana que foi no passado e com a mulher que será no futuro. O tempo funciona nessa narrativa como um jogo de espelhos, instigado pela força emocional que o espaço representa.

A personagem principal da narrativa é construída por meio de três versões díspares de seu próprio eu, cada uma representando uma consciência independente e uma condição social: a adolescente (Gi = passado) que almeja casar e ter uma vida acomodada com marido, filhos e um lar para cuidar; a mulher independente (George = presente) com um trabalho promissor, um grande currículo de viagens pelo mundo e uma vida sem regras; e a mulher velha, solitária e vazia (Georgina = futuro), sem vínculos, que sofre com o medo e o abandono.

Como herdeira da casa, George é obrigada a voltar depois de mais de duas décadas a sua cidade natal para vender o patrimônio da família, logo após a morte de seus pais. O retorno à sua antiga vila faz a personagem principal ingressar em um embate psíquico e

espiritual por meio de uma experiência insólita: “Caminham pois lentamente, George e a outra cujo nome quase quis esquecer, quase esqueceu” (CARVALHO, 2007, p. 31).

A jovem Gi representa toda a calma e lentidão rejeitadas pelo homem moderno, seus traços ainda indefinidos e sua face em formação não se mostra clara para a outra, “por isso a vai vendo pior à medida que ela se aproxima”. Apesar disso essa falta de nitidez não impede que George contemple em Gi tudo que ela desejou e depois desprezou sem perceber: ao renegar a moça que foi, a protagonista também deixou para trás os laços familiares, a pureza de sua alma e uma vida pautada pela simplicidade e pelos vínculos afetivos. Ao contrário da mulher que foi, George transforma-se em alguém que preza mais pelos bens materiais do que pelos relacionamentos humanos, alguém que para conquistar sua independência vai deixando pelo caminho partes de sua essência até não mais se reconhecer: “o esquecimento desceu sobre ambas” (CARVALHO, 2007, p. 39).

Ao tentar se desligar do passado e fugir das lembranças, George tem um novo encontro, dessa vez com Georgina, senhora de idade que a espreita com um sorriso que “não tem nada a ver com o de Gi”. A face madura e experiente dessa versão da protagonista surge para alertá-la sobre a solidão, a efemeridade da vida e sobre a importância de se cultivar os laços humanos: “Também tenho muitos encontros, eu. Não quero tê-los mas sou obrigada a isso, vivo tão só. Cheguei a ignomínia de pedir, a pessoas conhecidas, retratos da minha família. Não tinha nenhum, só um retrato meu, em rapariguinha. E retratos de amigos, também. De amigos desaparecidos, levados pelas tempestades, os mais queridos, naturalmente [...]” (CARVALHO, 2007, p. 42).

Tanto para a inocente Gi como para a experiente Georgina a essência da vida baseia-se nos relacionamentos interpessoais, elas tentam alertar a George que a razão do seu vazio existencial e da sua busca de unidade está exatamente nessa rejeição ao outro, nessa aversão em manter-se ligada às suas raízes e à vida simples.



No desfecho da narrativa a protagonista renega seus outros eus (passado e futuro) e escolhe por viver o seu momento presente, cheio de futilidades e prazeres. Nessa guerra interior de George, vence o eu que melhor representa a sociedade moderna e capitalista, na qual o ser humano é posto em desvantagem ante os objetos que simbolizam o ter e o poder material: “O dinheiro no banco, nos bancos, é uma das suas últimas paixões. Ela pensa – sabe? – que com dinheiro ninguém está totalmente só, ninguém é totalmente abandonado. A velha Georgina já o deve ter esquecido. A velhice também traz consigo, deve trazer, um certo esquecimento das coisas essenciais, pensa” (CARVALHO, 2007, p. 43).

Maria Judite de Carvalho com sua obra põe em questionamento o que, de fato, é essencial e deixa que o leitor reflita sobre as situações narradas, que de tão corriqueiras, em qualquer tempo, é sempre uma leitura que se renova pela atualidade dos temas e pela qualidade com que foi escrita.

Ante a vasta produção literária da escritora, quase inacessível ao público devido as poucas edições de seus livros, qualquer leitor iniciante de sua obra percebe que há uma forte presença da temática da solidão, que suas personagens são invadidas por uma angústia existencial muito profunda e perturbadora. Todavia, apurando-se mais o olhar percebe-se que a literatura juditeana vai muito além disso, sua “magoada sobriedade”, como afirma José Cardoso Pires (1969), possibilita que ela fale da interioridade, sem “nada de apelos diretos à comoção do leitor”.

A escrita de Maria Judite de Carvalho é dura, às vezes cruel, mas ela possui uma força comunicativa que cativa o leitor, que o seduz pelo mistério e por seu olhar perspicaz de quem sabe observar no seu entorno e captar os detalhes certos para aproveitar em sua obra, de quem escreve com a convicção “de que, apesar de tudo o que tem de agressivo e dilacerante, viver merece a pena”, conforme escreve Baptista-Bastos (1989).

Referências

BAPTISTA-BASTOS. **Toda a Eternidade**. Ler-Livros & Leitores, 1989, nº 5, inverno, pp. 29-31. In: CARVALHO, Maria Judite. **Obras completas de Maria Judite de Carvalho**: Paisagem sem Barcos; Os Armários Vazios; O seu Amor por Etel. Lisboa: Minotauro, 2018. vol. II.

BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literaterras**: as bordas do corpo literário. São Paulo: Annablume, 1995.

CARVALHO, Maria Judite de. **Tanta gente, Mariana** [1959]. Lisboa: Leya, 2011.

_____. **As palavras poupadas**. 1ª Ed. Lisboa: Arcádia, 1961.

_____. **Paisagem sem barcos**. 1ª Ed. Lisboa: Arcádia, 1963.

_____. **Tempo de mercês**. 1ª Ed. Lisboa: Seara Nova, 1973.

_____. **Além do Quadro**. 1ª Ed. Lisboa: O Jornal, 1983.

_____. **Seta despedida** [1995]. Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.

_____. **Obras completas de Maria Judite de Carvalho**: Flores ao telefone; Os Idólatras; Tempo de Mercês. Lisboa: Minotauro, 2018. vol. III.

COMTE-SPONVILLE, André. **O amor a Solidão**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTEVES, José Manuel da Costa. Seta Despedida de Maria Judite de Carvalho: Uma forma abreviada sobre a dificuldade de viver. In **O Imaginário de Maria Judite de Carvalho**. Aveiro: Câmara



Municipal de Aveiro, 1999. p. 23-29.

LUCAS, Isabel. **Maria Judite de Carvalho**: A escrita certa da angústia feminina. Cultura Ípsilon, 25 de maio de 2018. Disponível em < <https://www.publico.pt/2018/05/25/culturaipsilon/noticia/maria-judite-de-carvalho-a-escrita-certeira-da-angustia-feminina-1831161#gs.bKThAGLI> >, acesso em 10 de janeiro de 2019.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. **O sexo dos textos**. Lisboa: Caminho, 1995.

MOISÉS, Massaud. **O conto português**. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

RODRIGUES, Urbano Tavares. **Maria Judite de Carvalho, princesa da ironia**.

PIRES, José Cardoso. **Solidão Inteligente**. Diário de Lisboa, 30 de janeiro de 1969. In: **Obras completas de Maria Judite de Carvalho**: Flores ao telefone; Os Idólatras; Tempo de Mercês. Lisboa: Minotauro, 2018. vol. III.

XAVIER, Elódia. **Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

MIDIÁ ELLEN WHITE DE AQUINO é escritora e pesquisadora. Servidora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Mestre em estudos da linguagem (UFRN). Atualmente cursa doutorado em Literatura Comparada na mesma instituição.



OS VERSOS DE JEANNE ARAÚJO, OU UMA POÉTICA DE CORAGEM:

O CORPO SERÁ LIVREMENTE POÉTICO OU CORPO NÃO SERÁ

Carmen Vasconcelos

Desde o ano de 2011, com a publicação de *Monte de Vênus*, seu primeiro livro de poemas, Jeanne Araújo já trazia em sua poética a aventura de cantar o corpo como uma festa. Disse Eduardo Galeano uma vez que o corpo se reconhece como festa, desmentindo Igreja, ciência e publicidade. Na poética de Jeanne, o corpo se reconhece como festa e aventura, e reconhece nessa aventura o perigo que é ser. Mas também tem a coragem de seguir. Na verdade, poder-se-ia dizer, simplesmente: na poética de Jeanne, o corpo se reconhece. E se anuncia.

Jeanne Araújo nasceu em Acari, no interior do Rio Grande do Norte, no ano de 1968, um ano tristemente emblemático para o país, pois foi o ano do endurecimento do regime militar ditatorial que se implantara em 1964. Foi em 1968 que a ditadura militar editou o Ato Institucional nº. 5, que diminuiu ainda mais drasticamente os direitos e liberdades individuais, tentando tornar o Estado senhor de todos os corpos, com poder para persegui-los e para destruí-los, o que de fato aconteceu com muitos dos que ousaram desafiar o governo. Ao lado da repressão política e a despeito dos movimentos feministas mundiais, àquela altura bastante ativos pela libertação feminina, havia aqui uma violenta repressão moral que visava impedir a autonomia que a mulher queria conquistar. Mas o ano de 1968 também trouxe sementes de liberdade e com sua escrita Jeanne se revelaria mais tarde uma dessas sementes.

Era, então, muito perigoso reconhecer no corpo uma fonte de alegria. Jeanne cresceu em um país oficialmente repressor. Porém, o corpo é intrinsecamente livre. Além de festa, é um convite ao re-conhecimento. Para quem aceita e quer pensá-lo, ele avisa:



sinto, logo existo. Jeanne, escrevendo, escolheu aceitar o convite. As palavras, na poesia de Jeanne, partiram para a aventura de re-conhecer e cantar o corpo.

Sinta-se e descubra-me, diz o corpo na poesia de Jeanne Araújo, que publicou, além do já citado *Monte de Vênus*, os livros *Corpo Vadio*, também de poemas, em 2015, e *Combustão*, livro de prosa no formato epistolar, escrito a quatro mãos com o escritor Cefas Carvalho, em 2018. Jeanne atualmente mora em Ceará-Mirim, também no interior do RN e é professora da rede pública.

Um caminho sem fim é o caminho desse re-conhecer corporal. Assim, as palavras de Jeanne têm o infinito para cantar. E cantam: “O meu desejo seria par de asas/colocadas aos meus pés/um carro de boi cantante/selado à minha língua.” (*Monte de Vênus*, 2011). O poema “Fome”, que tem esses versos e também fala de “uma fome antiga de palavras” e “uma sede assoberbada de cantigas”, simboliza a busca existente na poética singular de Jeanne. Uma busca que vai se fazendo erótica a cada verso. Afinal, é uma busca por re-conhecer significantes e significados que são, para nós, humanos, o domínio de Eros.

Essa aventura erótica em busca de re-conhecer e anunciar as coisas do corpo faz do amor, nos poemas de Jeanne, um seguidor do erotismo, que se coloca como farol e guia. Não é o sexo, mas o erotismo, que anuncia: “Outra, deliciosamente outra,/provocante, sedutora,/mesmo que me fira,/me debata, me apavore./Que a outra venha e me aposse,/pretensiosamente./Porque quando ele me olha/sou inteira monte de vênus.” (*Monte de Vênus*, 2011).

Em um festejado livro, *A Chama Dupla – Amor e Erotismo*, o escritor mexicano Octavio Paz discorre profundamente sobre as interseções e separações entre sexo, amor e erotismo. Enquanto o sexo é a base animal, instintiva, primeira chama corporal, o erotismo é a construção humana que compreende o corpo além das pulsões sexuais, presentes na animalidade. O erotismo é o que nos diferencia dos animais, é a cultura do desejo, nasce da imaginação

humana, diz ainda Paz. Já o amor é descrito como o desejo que se dirige para um único objeto, uma única pessoa.

E justamente tal compreensão erótica é anunciada nos versos de Jeanne. Seguindo a construção de Octavio Paz, podemos dizer que as palavras da poetisa de Acari se fazem com base em um mais além do sexo, o erotismo, já que, embora os desejos guiem as palavras, elas são crias da imaginação. Importante pontuar também que predomina claramente o desejo corporal do eu-lírico sobre as eventuais causas que possam desencadear esse desejo, os “musos inspiradores” que, na poesia de Jeanne são seres difusos, mesmo que muitas vezes os poemas se destinem a um “tu” imaginário. Esse “tu”, porém, é vós, é múltiplo, personifica os diversos objetos a que se destina o imaginário erótico. O erotismo, em si, é o “muso inspirador”. Mesmo quando não falam de corpo ou sexo, os poemas pulsam a vida e a pulsão primordial da vida é o erotismo.

Muitas vezes, nos poemas de Jeanne, esse erotismo se faz sagrado, por isso há uma atmosfera de reverência ao corpo em toda a sua poética: “Desabitada de recatos/planto flor no baixo ventre/acendo incensos, velas/ponho sabres, lápis, mel/entro em transe/astro, pétala, pérola/emplasto”. (*Corpo Vadio*, Penalux, 2015). A poetisa se abriga em palavras de culto do sagrado para exaltar uma alma que seria profana. Mas o que se revela de seus versos é que esse profano corporal é o próprio sagrado. Há um culto do desejo pulsando nos poemas.

Assim, o que se conclui dos versos de Jeanne é um merecimento. O corpo é sujeito merecedor de toda reverência, pois conduz ao prazer, e o prazer é festa: “toma o que sou e o que regozijo/êxtase, pele/oferenda e riso/e a palavra em desacato/consumada.” (*Corpo Vadio*, Penalux, 2015). O corpo mais do que convida ao re-conhecimento: íntima. O desejo se faz imperativo.

Mesmo a dor, que está para o corpo também como um imperativo, aparece nos versos da poetisa como a antessala do prazer, o pedágio do gozo: “Meu horror é teu mandamento/consentido em

meu corpo inteiro./Se preciso eu uivo, sibilo/acendo tua vela, teu pavio, tua adaga/porque és armadilha de cilício/no meu ventre.” (*Corpo Vadio*, Penalux, 2015). Jeanne ecoa algumas vezes a poética de João da Cruz e Teresa d’Ávila. Porém, sua poética é despida da reverência a uma entidade metafísica. João da Cruz e Teresa faziam versos em que as palavras ardiam pelo gozo de Deus e em Deus. O erotismo em Jeanne é terreno, o gozo é humano, entre humanos, com humanos. E a alma, pelo gozo, também se faz física.

O corpo é festa. Foi feito, como diria Clementina de Jesus, para vadiar. Um dos antigos significados da palavra vadeio, difícil de ser encontrado em dicionários, quase imemorial, é o de reunião festiva. Vadeio, palavra ligada a vadiar, seria, então, uma festa. Vadiar é, nos dicionários, andar à toa, passear, andar ocioso, como na música de Clementina. Mas também na música ecoa seu outro significado, a festa. “Vou vadiar, vou vadiar, vou vadiar”, pois o progresso do mundo só traz confusão, anuncia Clementina. O corpo é vadio: feito para passear e festejar. O nome do segundo livro de Jeanne, *Corpo Vadio*, é uma celebração.

Uma das direções do feminismo é afirmarmo-nos empoderadas para vadiar como bem entendermos e fazermos sexo de acordo com as nossas vontades. Nessa política de corpo, nesse corpo político, inscreve-se a poética de Jeanne. Talvez não tenha sido proposital, mas o título do seu segundo livro é marcadamente político dentro das dicções feministas. Seus poemas o são, igualmente. Porque afirmam a existência e a liberdade do desejo feminino. A mulher como sujeito de desejo.

A palavra vadia, adjetivo feminino que a moralidade e o moralismo dominantes na sociedade desvalorizaram para atribuir a mulheres de moral para eles condenável, foi apropriado e ressignificado por movimentos de mulheres que o assumiram como empoderamento. Nasceu daí, dessa apropriação, o movimento “Marcha das Vadias”, iniciado em 2011 no Canadá e que se espalhou por vários países para protestar contra a moral vigente, que atribuía às mulhe-

res e suas roupas a responsabilidade pelo fato de sofrerem estupro. O movimento “Marcha das Vadias” anuncia um corpo que se assume como erótico e festivo, e rejeita que tal condição o faça passível de ser violado. As mulheres protestam contra a ideia de que, para não serem invadidas e subjugadas, precisam obedecer a parâmetros machistas que tentam impor suas vestimentas e comportamentos. As mulheres assumem-se como seres eróticos e, ao mesmo tempo, donos de seus corpos, estejam eles nus ou vestidos. Celebrando uma vontade livre feminina, canta Jeanne: “Quero matar esta fome/do teu amor./Depois, que eu te esqueça”. (*Monte de Vênus*, 2011).

Hoje, quando a mulher canta o seu desejo, já não espanta tanto quanto antes. Mas, aqui, acolá, ainda causa espanto que a mulher tenha juntado à posição de musa uma outra posição, a de ser desejante. Existe já uma tradição de mulheres cantantes, não mais apenas cantadas. Geralmente, evoca-se Gilka Machado como um marco da poesia erótica feminina brasileira, no começo do século vinte. De fato, a poética de Gilka abriu espaço para que outras poetisas começassem a escrever versos expressando o desejo feminino. Mas ainda causaram impacto as composições de Rita Lee que, a partir da década de 1970, começou a escrever músicas em que a mulher aparecia como ser desejante, “sem culpa nenhuma”, como bem disse em “Banho de Espuma”. Era então uma época de empenho de movimentos democráticos pela reconquista de liberdades no país e também de popularização do reconhecimento do desejo feminino. Mas ainda hoje esse desejo é um tabu, e nas duas últimas décadas, o fundamentalismo religioso crescente no Brasil pretendeu aumentar a repressão sobre tal desejo que, para a religião (a Igreja), representa um perigo. Ou, como disse Galeano, uma culpa. Mas, para Jeanne, “Meu gozo é meu rito.” (*Corpo Vadio*, Penalux, 2015).

Neste momento político do país; em que a repressão e a culpa funcionam como instrumento perverso de poder e de controle dos corpos pelo Estado e pela religião; é preciso que se reafirme a natureza subversiva e festeira do corpo. É preciso que se reafirme a cultura saudável do erotismo. Neste momento, é preciso ler Jeanne

Araújo. Não só pela beleza de seus versos, mas pela vibração política que eles contêm, já que neles, palavra e corpo são, juntos, uma busca pela liberdade. E nós precisamos ser livres. Precisamos tecer procuras: “Adentro caminhos inimagináveis/e tateio os santuários de dentro./Algumas vezes eles me guiam/até hoje ando me procurando...” (*Corpo Vadio*, Penalux, 2015).

No mais recente livro de Jeanne, *Combustão*, escrito a quatro mãos com o escritor Cefas Carvalho, o protagonismo das metáforas do erotismo cede lugar ao sexo e ao amor como guias para as palavras. O erotismo segue o sexo ou o amor. Ou ambos. Nas cartas da protagonista feminina de *Combustão*, escritas por Jeanne Araújo, o corpo se faz muito mais sexo e a alma procura muito mais amor e há uma distinção entre corpo e alma que não se vislumbra nos livros de poemas. O corpo obedece diretamente ao instinto, à vontade animal do sexo, satisfazendo-se com os diversos intercursos sexuais vividos pela personagem que, no entanto, tem a alma e o pensamento aprisionados (ou direcionados, como diria Octavio Paz, que defende o amor como uma liberdade) ao único homem que realmente amou, mas de cujas atitudes por vezes se ressentia e de quem cobra romantismo: “Mas você nunca soube amar de verdade, querido. Nunca. Você conheceu o amor carnal, o sexo pelo sexo, a loucura do desejo, a ânsia pelo prazer. Mas não o amor. O que houve entre nós teria sido tudo isso junto, mas não o amor que os poetas cantam.” (*Combustão*, Penalux, 2018).

Combustão é mais romântico do que erótico, e isso inclui a parte escrita por Jeanne, já que há uma preservação do erotismo da protagonista para o ser amado, como se ela de certa maneira se guardasse para ele, embora seus instintos sexuais se satisfaçam livremente com outros objetos. Em *Combustão*, as palavras de Jeanne quebram o esquema descrito por Paz em *A Chama Dupla*, porque erotismo e amor estão unidos e direcionados a um só objeto. Em Octavio Paz, o amor, tão cultural e demasiado humano quanto o erotismo, é quando o desejo é direcionado a um ser único, enquanto que no erotismo o desejo direciona-se a muitos objetos.

É certo que há desejo sexual por várias pessoas na protagonista de *Combustão*. Mas é um desejo animal, instintivo. Erotismo, no sentido de imaginação sobre o desejo, ela dirige àquele que ama. Como metáfora, o erotismo é mais presente nos poemas de Jeanne do que nas cartas do mais recente livro, talvez porque a prosa seja menos prestante a metáforas.

Porém, as cartas de *Combustão* conservam a coragem presente nos poemas dos dois primeiros livros, tão necessária a quem escolhe uma escrita de re-conhecimento do corpo, sendo, nesse sentido, uma continuação da poética de Jeanne que, como todo bom escritor, escolhe um ou poucos temas e sobre eles se debruça em toda a sua obra. É muito necessário - sobretudo nestes tempos de fundamentalismos políticos e religiosos que ameaçam a diversidade humana, a diversidade dos desejos e imaginação humanos - ler Jeanne Araújo, para contemplar, cultivar e preservar a literatura como coragem, pois é a coragem uma das fundamentais características da literatura dessa poetisa.

Bibliografia consultada:

ARAÚJO, Jeanne. Monte de Vênus (Natal, 2011)

ARAÚJO, Jeanne. Corpo Vadio (Penalux, 2015)

CARVALHO, Cefas e ARAÚJO, Jeanne. Combustão (Penalux, 2018)

PAZ, Octavio. A Chama Dupla – Amor e Erotismo (Assírio e Alvim, 1993)

GALEANO, Eduardo. As Palavras Andantes (L&PM, 1994).

CARMEN VASCONCELOS é poeta e escritora. Graduada em Serviço Social e Direito pela UFRN. É mestre em Direito Constitucional também pela UFRN. Autora de “Chuva Ácida”, (poemas), “Uma noite entre mil” (crônicas) e outros livros.

A TRAJETÓRIA POÉTICA DE DIVA CUNHA

Conceição Flores

Este ensaio apresenta, em linhas gerais, a trajetória poética de Diva Cunha, uma das grandes poetisas do Rio Grande Norte, destacando temas e versos que são uma constante na sua obra. Professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde lecionou Literatura Portuguesa de 1971 a 1992, e da Universidade Potiguar (UnP), onde lecionou a disciplina de Literatura Norte-rio-grandense de 1994 a 2001, pesquisadora da literatura do Rio Grande do Norte, membro do Conselho Estadual de Cultura e imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Diva Cunha é uma escritora com mais de uma dezena de títulos publicados, dos quais seis são de poesia.

Em dezembro de 1986, lançou *Canto de página*, uma estreia há muito adiada pela autora, que, desde muito jovem, escrevia poesia. O poeta Luís Carlos Guimarães conta, em texto de abertura do livro, que conhecia Diva desde meados dos anos 1960 e que nesse tempo ela andava com uma pasta “[...] com uns duzentos poemas, no mínimo” (GUIMARÃES, 1986, p. 11). Com uma longa germinação, a poesia brotou esplendorosa. Ela, então, confessava:

Tenho que me revelar
antes que fique doida
antes que fique santa
assim mortal
serei igual
a tantas
(CUNHA, 1986, p. 38)

Acontecia, assim, a estreia de uma poetisa que buscava se reconciliar consigo mesma (PAZ, 1982), ultrapassando o confinamento que impusera à sua poesia. O livro apresenta 61 poemas distribuídos por quatro partes. Na inicial, o leitor depara-se com metapoemas que revelam estarmos perante uma poetisa cuja lírica rescende, sem servilismo, à consciência crítica da professora de literatura portuguesa, leitora dos grandes poetas, como podemos constatar neste poema:

sou todos
os poetas que li
com a devida
ressalva
eles não sou eu
cadeira que ocupo
enquanto escrevo
(CUNHA, 1986, p. 29)

“Coração de lata”²⁰ é o título da segunda parte do livro que reúne versos onde a voz de Eros ecoa. Trata-se de uma lírica assumidamente feminina, em que o corpo e o desejo ganham voz, poesia ousadamente erótica, que segue uma linhagem feminina em que se incluem poetisas como a mineira Adélia Prado, a portuguesa Maria Teresa Horta e a norte-rio-grandense Marize Castro, que estreara em 1984 com o desafiador *Marrons Crepons Marfins*, livro que causou furor na provinciana Natal de então.

O poema de abertura desta segunda parte é composto por um dístico, contensão máxima para sentido pleno:

20 Impossível não nos lembrarmos do homem de lata, do clássico **O mágico de Oz**. Com um “coração de lata”, matéria inerte, revela um coração repleto de humanidade.

Teu sexo
haste em que sou flor
(CUNHA, 1986, p. 33)

A representação da completude perfeita do amor por meio da imagem da flor, que só está viva e completa com a sua haste, é um empoderamento ousado por Diva que faz ouvir a voz do corpo sem a mordada da hipocrisia social. E a voz do desejo, a essência do homem na clássica afirmação de Espinoza²¹, se faz ouvir em diversos versos. Desejo erótico de “morrer afogada / e louca / no céu azul da tua boca”, mas também desejo prodigioso que é “fenda que [me] parte / em duas partes: / a vida e a arte” (CUNHA, 1986, p. 46; 39), revelação da dupla relevância que o desejo ocupa na poética de Diva Cunha.

“Paisagem” é o título dado à terceira parte do livro, cujos poemas dialogam com o espaço geográfico da cidade e adentram no universo intimista da poetisa.

nesta cidade
passo
rosto perdido
vasto sol
céu vasto

21 “O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira.” Espinoza. Ética III, Definição dos afetos I. Apud <https://razaoinadequada.com/2013/12/01/desejar-verbo-intransitivo/>. Acesso em 28 de jan. 2019.

aldeia
província
taba
coração do mundo
laço

o sol
arde no rosto
que era meu

Ó céu
como ardeu
o véu
com que
me abraço!
(CUNHA, 1986, 64)

Natal, cidade que tem o epíteto de “noiva do Sol”, é vista pelo olhar da *flanmeuse* que, “rosto perdido” na multidão, rememora os tempos de outrora - a “aldeia”, a “taba” dos ancestrais indígenas; a “província” dos colonizadores - e canta esse “local da cultura” (BHABHA, 1998), “coração do mundo” de Diva Cunha, onde residem seus afetos.

A quarta e última parte do livro, intitulada “Uivando para a lua”, configura-se como um manifesto poético de dores e angústias vividas pela poetisa. Relembra a morte do marido, ocorrida inesperadamente, no poema “morrer”, cuja força reside na transformação de expressões do cotidiano (“dobrar a esquina”; “voltar já”) em metáforas que simbolizam a imprevisibilidade do encontro com Thanatos.

morrer
como quem dobra
a esquina da vida
sem olhar:
vou ali morrer
não volto já
(CUNHA, 1986, p. 71)

Compondo esta parte, encontram-se poemas feministas, entre eles “Minha mãe diz”, poesia que passa em retrospectiva poética a história das mulheres.

Minha mãe diz
que eu sou da pá virada
da vida torta

os modelos dela são outros:
santa Terezinha do menino Jesus
santa Rita de Cássia,
santas

fora as santas domésticas
que foram sacrificadas
no dia-a-dia
e ninguém viu
sangradas como galinhas
maceradas em vinha d’alhos
postas a dormir no sereno

para secar odores
enfurnadas como bananas verdes
esfregadas nos ladrilhos
claros dos banheiros
costuradas em botões de quatro furos
esbofeteadas e sacudidas
como colchões e almofadas
para desprender o pó das horas

secaram todas
nos linhos brancos
dos lençóis bordados
ao morrer, não morreram
entregaram a alma a Deus,
que provavelmente não as perdoou
pelo gasto inútil
que fizeram dos seus talentos.
(CUNHA, 1986, p. 76)

Sobre este poema, Diva Cunha escreveu que:

[...] era fruto de muitas dores. Há muito tempo eu pensava no tema: mulheres dóceis – domesticadas - *versus* mulheres inquietas – selvagens –, que abalavam o sistema estabelecido. Minha mãe fazia a apologia das santas, com provérbios e ditados, querendo catequizar-me. O poema é a resposta dolorosa à impossibilidade de agradá-la, adequando-me aos seus modelos. É, também, uma reflexão sobre a

história de nosso sexo, suas derrotas seculares e vitórias tão recentes.²²

Da geração de 1960, a poetisa contrapõe-se aos modelos maternos das santas canonizadas e das mulheres que, vítimas de seus maridos e/ou de suas famílias, eram e continuam a ser espancadas e silenciadas. É a partir de metáforas do cotidiano doméstico que Diva expõe a violência sofrida pelas mulheres que foram e são assassinadas, espancadas, trancadas em casa ou em hospícios, por não se adequarem aos modelos de fadas do lar. Sobre essas mulheres, a poetisa diz que “secaram todas”, definharam no confinamento, no silenciamento da dor, dominadas pelo patriarcado. Elas “não morreram / entregaram a alma a deus”, feito monjas em seus lares. Provavelmente, Deus não as terá perdoado, pois não souberam usar “seus talentos”.

O livro de estreia de Diva Cunha apresenta um conjunto de poemas lapidados por quem sabe, como Camões, que não basta o “engenho”, que a “arte” é indispensável. Esse livro também traz os temas fundamentais da obra posterior de Diva: o feminismo, o diálogo com a literatura canônica, o erotismo, a simbiose com a paisagem urbana. Além de, sob a perspectiva da forma, indicar a opção por uma poesia minimalista, que traduz em poucos versos, nem sempre rimados, um conteúdo reflexivo complexo.

Em 1993, a autora lança *A palavra estampada*, livro apresentado pelo escritor Moacyr Cirne, que num breve texto destaca a qualidade e a importância da poesia de Diva Cunha:

22 Este texto foi apresentado no XIV Seminário Nacional e V Internacional Mulher e Literatura, realizado em Brasília em agosto de 2011. O texto foi publicado na revista *Imburana* e está disponível em <file:///C:/Users/Concei%C3%A7%C3%A3o%20Flores/Downloads/6066-15128-1-PB.pdf>.

Um grande livro, uma grande poesia. [...] A limpa poesia límpida que trabalha, com emoção & razão, a verbalidade mais criadora, e não o verbalismo desgastante, e não o verbalismo inoperante.

Depois de Auta de Souza, depois de Zila Mamede, depois de Myriam Coeli, eis a Poeta de corpo inteiro. (CIRNE, 1993, p. 11).

O escritor inscreve Diva Cunha na linhagem das grandes poetisas do Rio Grande do Norte, destacando o trabalho poético e ressaltando o cuidado que ela tem com a palavra. Ela é uma poetisa que “[...] não tropeça na palavra fácil, que não tropeça na imagem redundante” (CIRNE, 1993, p.11). Ciente das exigências que o ofício da palavra impõe, Diva confessa:

não posso tirar poesia do nada
como quem cutuca as estrelas
vendo escorrer lento o leite
das horas

antes afago os cantos do juízo
num murmúrio infindo
para que ocorram os fantasmas
e o choque rápido de uma
saia levantada

(CUNHA, 1993, p. 14)

Ecoando Pessoa, que afirma “De nada nada se tira/ A nada nada se dá” (PESSOA, 1930)²³, a poetisa aguarda a epifania, “o choque rápido de uma / saia levantada” para que a poesia aconteça.

Outro aspecto da poética de Diva Cunha é a “angústia da influência” (BLOOM, 1991), os diálogos estabelecidos com os mestres de sua eleição: Cecília Meireles, João Cabral, Manuel Bandeira e Drummond. Escreve “para João Cabral”, confessando: “não tenho, amigo / a ciência / com que secas o afeto // sou antes / um lenço / torcido de tanta dor” (1993, p. 15), afirmação poética reveladora do “Travo & Paixão”²⁴ (2009, p. 71), “razão & emoção” (CIRNE, 1993, p. 11), dualidade que percorre a sua poesia.

Em 1996, lançou *Coração de lata*. O título é uma retomada da terceira parte de *Canto de página* (1986) e de um poema desse livro em que a poetisa afirma: “de prata é o meu / coração de lata” (1986, p. 44). Retomando temáticas que lhe são caras, como o desejo feminino assumido pela *persona* poética que canta o encontro dos corpos “onda sem paz / que o braço do oceano / leva e traz.” (1996, p. 34).

A responsabilidade da poetisa reflete-se em poemas que expressam as exigências feitas pela palavra poética. Octavio Paz (1982, p. 47) afirma que “A criação poética se inicia como violência sobre a linguagem”, assertiva ratificada por Diva neste pequeno e sublime poema, em que retoma a dimensão sagrada do Verbo²⁵.

23 PESSOA, Fernando. “Se tudo o que há é mentira”. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/4260>. Acesso em 22 de jul. 2018.

24 “Travo & Paixão” é o título que Diva dá à parte do livro **Resina** (2009) em que dialoga com os poetas que constituem seu substrato literário.

25 Em latim, *verbum*, *i* significa palavra. São João abre o seu evangelho afirmando “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”; no versículo 10, “O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele”.

Crucificado
o verbo estremece
sob os pregos da palavra.
(CUNHA, 1996, p. 45)

A analogia entre o Verbo bíblico – a palavra criadora do mundo – e o verbo da criação poética é concebida metonimicamente por meio da palavra inicial do poema – “crucificado” – que nos remete a Jesus Cristo, o Verbo encarnado. Demiurgo, criador e sofredor, é também o poeta que constrói o poema (verbo) por meio do árduo e violento manejo da palavra.

A poesia é exigente, se imiscui no cotidiano de quem lida com a palavra. Diva Cunha contrapõe, metaforicamente, ações do dia-a-dia de dona de casa com a premência da palavra, indagando se faz “[...] poemas / ou bifés à milanesa”. O poema termina interrogando o que fazer “para a sobremesa”, metáfora que remete para o vazio instalado após a criação poética e que demanda um preenchimento aplacador das angústias geradas.

Armadilha de vidro, de 2004, é um livro iniciado sob o olhar inquiridor de Cecília Meireles, que comparece fantasmagoricamente na epígrafe autoral:

Inscrevo-me incompleta, porque o instante existe.
Serei poeta?
(CUNHA, 2004, p. 12)

No conhecido poema “Motivo”, Cecília Meireles afirma que canta “porque o instante existe” e que a sua vida “está completa”. Não é “alegre”, nem “triste”, é “poeta” (MEIRELES, 1973)²⁶. Diva coteja a poetisa de sua eleição, contrapondo às certezas de Cecília as suas angústias. A pergunta que abre o livro é dirigida aos leitores e estes, desde *Canto de página*, sabem como Serejo (1986, p. 7) que “Diva sempre foi poeta”.

O livro está estruturado em três partes - “Rastro fêmea”; “Paisagem-memória”; “Armadilha de letras” – que agrupam temas caros à poetisa. Abrindo a primeira, uma epígrafe autoral, convite ao leitor, declaração de fidelidade e “fervor” de quem, desde “menina”, cultiva a poesia:

Este poema é seu
leia na rima
o meu fervor fiel
sua menina
(CUNHA, 2004, p. 15)

“Rastro de fêmea” reúne poemas inscritos sob o signo de Eros, em que o desejo e a sexualidade feminina explodem em versos que afirmam: “A carne pesa / rompe a casca / faz exigências grosseiras / além do previsto / nos papéis passados” (CUNHA, 2004, p. 21); ou que expõem o desejo e o gozo feminino, experiência interior aqui transposta em palavras:

26 Para a leitura *in extenso* do poema de Cecília Meireles, indico <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceciliameireles01.html>.

Um ligeiro arrepio
na curvatura morna
do ventre
avisa a mulher
que ela (ainda) é:
coisa de asa
coisa de carne
coisa de coisa
que exulta ao toque
do que ousa
(CUNHA, 2004, p. 29)

Em “Paisagem-memória”, são reunidos poemas em que a saudade aflora, seja a da terra Natal, porque foram escritos quando Diva Cunha morou em Barcelona, seja a de entes queridos que a morte já colheu, como em “Pipoca doce”, escrito para a avó materna.

A evocação à paisagem é marcada por ícones – coqueiro, barco, onda azul e sol – que remetem, provavelmente, para lembranças das tardes da Redinha evocadas num poema homônimo.

Na paisagem onde não estou
há um coqueiro, um barco,
uma onda azul,
um sol embarcado
suspendendo o leme do dia
(CUNHA, 2004, p. 49)

A “Armadilha de letras”, última parte do livro, recolhe a metapoesia, tema que comparece em todos os livros. E as cobran-

ças são feitas: ora é o chamado às “Duas ou três da madrugada / [que] a poesia cobra seu pedágio.”; ora é a herança legada pela literatura ocidental, que a poetisa recria neste poema:

Vestes infladas
buscam mares
nunca Dante
navegados.

Vives à moda alheia:
Ulisses o que tece
Penélope a que vagueia.
[...]
Morta a antiga musa
já não canta
a literária flor
o vento levou.
(CUNHA, 2004, p. 89)

Diva Cunha, no seu primeiro livro, afirma: “sou todos os poetas / que li”, mas “eles não sou eu” (CUNHA, 1986, p. 29). Esta afirmação ecoa em diversos poemas, alguns dos quais já comentados, e que ressurge no poema acima por meio de uma engenhosa recriação em que comparece a voz de grandes poetas. A travessia poética é feita de “vestes infladas”, busca o novo e encontra Camões, Dante, Homero e Olavo Bilac. Esse encontro poético está marcado pelas inversões paródicas operadas. Na primeira estrofe, imiscui-se Dante Alighieri no conhecido verso de Camões²⁷; na segunda, invertem-se os papéis de Ulisses e Penélope; na última,

27 **Os Lusíadas**, “Por mares nunca dantes navegados” (canto I, est. 1, v. 3).

comparece novamente o épico português²⁸ ao qual se junta a voz do poeta brasileiro Olavo Bilac²⁹.

Em 2009, publica *Resina*, obra que além dos poemas inéditos reúne os livros publicados anteriormente, que já se encontravam esgotados, com exceção de *Armadilha de vidro*. Nesse livro, surge uma nova vertente da poética de Diva Cunha: a experiência do sagrado.

Quando Deus me habita
cresço para todos os lados

quando Deus me fala
apuro os ouvidos

quando somos um só
desapareço na luz
(CUNHA, 2009, p. 25)

A poetisa vive a experiência mística, superando a dimensão do humano e adentrando no divino. Considerando a dimensão sagrada da palavra – o Verbo pelo meio do qual o mundo e todas as coisas foram criadas – emerge uma analogia entre o demiurgo criador e o poeta. Conforme Paz (1982, p. 170), “Deus [...] jaz oculto no coração do homem” e a poesia é um dos momentos da revelação divina. Para o poeta mexicano, a inspiração, “colaboração fatal e inesperada”, é “uma revelação, porque é uma manifestação dos poderes divinos” (PAZ, 1982, p. 191, 196), geradora de um desassossego que leva a poetisa a indagar: “de quem a voz que

28 **Os Lusíadas**, “Cesse tudo o que a Musa antiga canta”, (canto I, est. 3, v. 7).

29 Olavo Bilac é autor do célebre verso “A última flor do Lácio, inculta e bela”.

me devora / quando não digo o inomeável nome? /// como conter um mínimo ponto no espaço / esse deus que cresce incontido?” (CUNHA, 2009, p. 26).

A preocupação com o fazer poético é uma obsessão pela palavra, verbo criador, “lava incandescente” (CUNHA, 2009, p. 88), por isso a poetisa confessa a sua entrega:

Me entrego toda ao vício das palavras
que cobre minha nudez
de saliva
(CUNHA, 2009, p. 45)

Na primeira parte do livro, há ainda outros temas que são recorrentes, como a memória da paisagem e de personagens que são revividos em poemas como “Ceará-Mirim”, “Mãe Ninha” e “Zefa fumava cachimbo” (CUNHA, 2009, p. 40, 41, 62).

Intitulada “Travo & Paixão”, a segunda parte de *Resina* apresenta uma sequência de poemas com uma unidade temática que revela a consciência da poetisa em saber que o diálogo com grandes poetas que a antecederam é alimento da criação poética. A esses poetas, ela se rende sob o peso da “Angústia da influência” (BLOOM, 1991/ CUNHA, 2009, p. 106), num diálogo poético em que o travo e a paixão revelam “mestres, tutores”, “fidelidade a compactas palavras guias” (2009, p. 106) e “Dívidas”³⁰:

30 “Travo & Paixão” apresenta dois poemas intitulados “Dívidas”, em que a poetisa menciona seus poetas prediletos. Com exceção de Murilo Mendes, que só é nomeado uma vez, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles são os “padrinhos” e a “madrinha” (cf. CUNHA, 2009, p.101) escolhidos pela poetisa. A essa confissão de “dívidas”, somam-se outros poetas e autores cujo rastro é deixado na intertextualidade patente em diversos poemas.

Que João me entenderá
quando estendo a mão?

que Manuel lerá
meus frágeis papéis?

que Carlos escutará
meu chamado aflito?

que Cecília atenderá
a porta do meu grito?
(CUNHA, 2009, p. 108)

Para Diva Cunha:

A poesia é uma dama secular, que exige fidelidade e dedicação. Para ser admitida em seu reino é preciso estar consciente dos deveres e riscos do ofício e submeter-se aos sacrifícios rituais que cercam seu culto.³¹

31 Trecho do texto apresentado por Diva Cunha no XIV Seminário Nacional e V Internacional Mulher e Literatura, realizado em Brasília em agosto de 2011. Disponível em <file:///C:/Users/Concei%C3%A7%C3%A3o%20Flores/Downloads/6066-15128-1-PB.pdf>.

As considerações de Diva sobre a poesia revelam uma poetisa conhecedora das exigências dessa “dama secular” que impõe aos seus súditos “dedicação e fidelidade”, qualidades que a poetisa tem exercido ao longo dos anos. Nesse mesmo texto, ela destaca o papel fundamental da leitura na criação poética, afirmando que “Ler poemas é semear-me de sementes alheias, que, antropofagicamente digeridas, renascem metamorfoseadas, num movimento dialético de paixão e rejeição.”

Em 2017, Diva Cunha publica *Dádiva*, livro que abre com uma epígrafe autoral, sacração do seu percurso poético:

Chego viva
Não tem quem diga!

Reconstrução a todo vapor
De quem fui, de quem sou

Uma pedra, uma folha, um toque de cor
Aqui estou!
(CUNHA, 2017)

Dádiva está dividido em três partes. A primeira “Multiversos” contém poemas com temáticas diversas, que já compõem a poética de Diva Cunha. A introdução é feita por uma nova epígrafe autoral em que a *persona* lírica expressa a sua paixão pela poesia:

Nasci num verso
nele deslizo sem cerimónia
gente de casa, enturmada

Nasci num verso
que me faz poema
mesmo calada

Sobre essa paixão, a poetisa já declarou: “Escrevo por absoluta necessidade. A poesia não precisa de mim, eu preciso dela para viver. [...] Não sei se a poesia é minha mãe, minha irmã, minha filha, sei que sou sua cria e sem ela não sou nada.” (CUNHA, 2013, p. 11, 13). Diva Cunha expressa essa paixão quando afirma: “Encosto meu corpo no corpo do poema / arranho em sua barba / o poema é macho?” (CUNHA, 2017, p. 31). A imagem erótica criada pelo roçar do corpo da *persona* lírica no corpo do poema remete também para um questionamento da tradição poética falocêntrica. Mas a poetisa ao inscrever o corpo da mulher numa erótica verbal, nos lembra Octavio Paz (1995, p. 10) que afirma que “a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela mesma, no seu modo de operar, já é erotismo”.

A poetisa tem plena consciência de que o fazer poético é exigente, de que é necessário o meticuloso manejo da língua e nos brinda com um pequeno poema em que o duplo sentido das palavras põe a claro a complexidade do verso e as suas exigências.

Um sujeito oculto
daria ordem ao caos
mas as flexões da língua
entregam os versos
aos complementos adversos
(CUNHA, 2017, p. 47)

Destaco a dicção feminina que comparece em diversos poemas. Neste que escolhi, o fim de um relacionamento é expos-

to em três estrofes compostas por dísticos, forma minimalista de revelar que uma situação vivida por muitas mulheres que saem de uma relação não porque deixaram de amar os companheiros, mas porque, cansadas, desistiram de continuar a relação.

Uma mulher sai de um homem
pela porta estreita que dá para a rua

Segue inteira na sua solidão
um mundo só portas afora

Uma mulher sai de um homem
Não por desamor, mas por cansaço
(CUNHA, 2017, p. 51)

O trágico cenário da guerra, os horrores sofridos por crianças, atualidade gritante deste nosso tempo, é pesadelo que assombra a *persona* lírica.

Os braços de uma criança sem braços
me apertam no meio da noite

Uma criança sozinha
sangrando em Bagdá
com o nariz escorrendo
sem mãos para o limpar
(CUNHA, 2017, p. 53)

Em resposta ao pesadelo noturno que a assombra, o amanhecer traz a esperança, por isso ela escreve:

Amanheço atenta às necessidades do mundo
onde mora a dor alheia o que fazer da minha alegria

Amolo os instrumentos de corte e sutura
exercito os dedos em exatos movimentos

Farei a escrita do dia decidida
Reescreverei sem medo a própria vida
(CUNHA, 2017, p. 58)

É, pois, à luz da manhã, transmutada em demiurgo, que a poetisa porá ordem no mundo. A sua alegria e a sua escrita são as ferramentas de que dispõe para curar a dor alheia e, assim, a história poderá ser outra.

A segunda parte do livro é composta por um único e longo poema intitulado “Ronda matutina” (são 13 páginas), em que o eu-lírico percorre um trajeto poético repleto de intertextos em que comparecem Manoel Bandeira, seu “muso de papel”, Raul Bopp, “homem do sul”, Gonçalves Dias, Cecília Meireles, Castro Alves, Drummond, Álvares de Azevedo, Joaquim Cardozo, João Cabral de Mello Neto, Fagundes Varela, Tomás António Gonzaga, Ferreira Gullar, Olavo Bilac e os norte-rio-grandenses Jorge Fernandes e Palmyra Wanderley. Desse poema, destaco a homenagem feita às poetisas:

Minhas mulheres sei de cor
releio e recito de olhos fechados
durmo com elas sem receio
tenho pernas finas e fortes
vergonha na cara nenhuma
só safadeza bem guardada
na caixa dos bordados
(CUNHA, 2017, p. 73)

A terceira parte do livro intitula-se “Legado” e é onde a poetisa apresenta suas memórias. Nos poemas comparecem a rua onde morou, a rua Padre Pinto, a vizinha que à janela dava conta do que se passava, a sua família, pai, mãe, avós e bisavós, e Zefa que “fumava cachimbo / nos batentes da cozinha [...] difícil Zefa!” (CUNHA, 2009, p. 62). Fechando o livro e o círculo de lembranças, a “Mangueira”, metáfora do tempo que passa, da memória guardada:

Poderia te chamar por vários nomes
mas sempre serás verde lembrança
flor da memória em ouro resgatada
(CUNHA, 2017, p. 105)

Sobre a trajetória poética de Diva Cunha muito fica ainda por dizer. Por isso, convido-vos a ler a sua poesia e aguardo ansiosa o próximo livro.

Referências:

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Alves *et alii*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CIRNE, Moacy. Apresentação. In: CUNHA, Diva. **A palavra estampada**. Natal: EDUFRN, 1993, p. 11.

CUNHA, Diva. **Canto de página**. Natal: Clima 1986.

_____. **A palavra estampada**. Natal: EDUFRN, 1993.

_____. **Coração de lata.** Natal: Amarela Edições, 1996.

_____. **Armadilha de vidro.** Natal: Una, 2004.

_____. **Resina.** Natal: Una, 2009.

_____. Poesia: um caso pessoal. Disponível em [file:///C:/Users/csisuporte/Downloads/6066-Texto%20do%20artigo-15128-1-10-20141020%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/csisuporte/Downloads/6066-Texto%20do%20artigo-15128-1-10-20141020%20(1).pdf). Acesso em 15 jan. 2019.

_____. **Dádiva.** Natal: Una, 2017.

GUIMARÃES, Luís Carlos. A túnica inconsútil da poesia. In: CUNHA, Diva. **Canto de página.** Natal: Clima 1986, p. 11-13.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Trad. de Olga Savary. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **A chama dupla:** amor e erotismo. Trad. de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

MEIRELES, Cecília. “Motivo”. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceciliameireles01.html>. Acesso 17 de jan. 2019.

PESSOA, Fernando. “Se tudo o que há é mentira”. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/4260>. Acesso 22 de jul. 2018.

SEREJO, Vicente. Coração de lata. In: CUNHA, Diva. **Canto de página.** Natal: Clima 1986, p. 7-9.

CONCEIÇÃO FLORES é escritora, pesquisadora e professora. Autora de “As Aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em Terras de Brasil e Portugal”, “Dicionário de Escritores Norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à Contemporaneidade” e outros livros.

A POESIA MULTIFACETADA DE RIZOLETE FERNANDES

Diulinda Garcia

Rizolete Fernandes, dentre outros, faz parte do universo literário potiguar, no qual se apresenta com fala própria e incontestado talento. Como poeta, cronista e ensaísta, publicou seis livros: *A história oficial omite, eu conto: mulheres em luta no RN* (Natal: Edufrn, 2004); ensaio; *Luas Nuas* (Natal: UNA, 2006), poesia; *Canções de Abril* (Natal: UNA, 2010), poesia; *Cotidianas* (Natal: Sarau das Letras, 2012), crônica; *Vento da Tarde* (Mossoró: Sarau das Letras, 2013), poesia; *Tecelãs* (Mossoró: Sarau das Letras, 2017), poesia. Além disso, tem participação em várias antologias e coletâneas, com trabalhos publicados na revistas *Papangu* e *Brouhaha*.

É necessário apreciar na justa medida a dimensão da poesia de Rizolete Fernandes. Seu texto costura-se em vários sentidos, onde significantes e significados se encontram, tecidos pelos fios multicores dos diferentes modos de poder ser mulher-poeta. Durante o seu processo de criação, defronta-se com a realidade de sua própria existência. A partir de então, sua escrita se faz de uma forma peculiar através da qual se expressa explorando uma multiplicidade temática, ressaltando-se o desejo, a solidão, o erotismo e o feminino. É como se o sujeito poético optasse pelo deliberadamente múltiplo, para compor uma poética que marcasse sua presença no vasto campo literário do Rio Grande do Norte, nos tempos atuais. Sua escrita revela uma mulher atenta, a olhar ora para o passado, ora para o futuro:

LUAR DE ABRIL

“O intenso luar de abril
focou o vão da memória
localizando no tempo
noite de brilho igual

Era baile na fazenda
a senha, o pôr-do-sol”
(Canções de Abril, p. 22)

LUAS NUAS

“Eu te darei luas nuas
lua branca do sertão lua azul solidão
lua cinzenta cidade lua amarelo-saudade
te darei lua vermelha incandescente centelha
lua de mar espumante lua de quarto minguante...”
(Luas Nuas, p.16)

A leitura interpretativa leva o nosso olhar a esmiuçar a construção poética, quando versos desobedientes procuram um lugar no espaço da folha, barrando qualquer possibilidade de mesmice na tentativa de dizer o indizível, aquilo que os outros não souberam ver com clareza ou não souberam sentir com tanta intensidade. Poeticamente a autora explora na sua escrita vertentes temáticas às vezes recorrentes. A partir de seu primeiro livro, o vento do desejo se apropria do texto, percorrendo os abismos, se deparando com seu palco existencial, no qual as sensações de desejo e solidão se contrapõem. A solidão se evidencia pelo exercício das ausências, confessas, ao mesmo tempo que parecem andar de mãos dadas com o desejo. Vejamos os poemas a seguir:

ALTA COSTURA

“Ao te ver desfilar
sinto vestirem-me o peito
metros de desejos
de pôr teu corpo nos moldes
tecidos e fantasia
do meu íntimo atelier...”
(Vento da Tarde, p. 22)

VARAL DO PASSADO

“...aprendi cedo a conviver com ausências...”
(Vento da Tarde, p. 62)

PLACA DE AVISO

“Sigo o passeio entre cercas:
se entrar saiba que há risco
de aprisionamento
não por roubo balbúrdia
subversão
mas porque terá cometido
o grave delito
de penetrar no terreno minado
da minha desmedida solidão...”
(Canções de Abril, p. 29)

A percepção e um olhar mais demorado sobre a obra de Rizoleta Fernandes conseguem compreender e, mesmo, reconhecer os princípios de composição em busca do texto sintético, lúcido e criativo, mesmo quando em temas memoriais, nostálgicos, ou

quando aborda os círculos do inferno subjetivo, onde observa-se uma relação às vezes agônica no momento criativo. Mas aquém da tensão, a poesia não passaria de um lugar-comum.

A feminilidade e a cotidianidade, o erotismo e a religiosidade são facetas presentes no campo literário da autora:

DIÁRIO

“...Na tarde de amarelo
segue o carteiro gritando
pelo duzentos e um

Quando o dia sente sono
e ante a tevê a família se ajoelha
alguém ao telefone
uma prece à alma eleva
e cruza a noite”
(Canções de Abril, p. 46)

FORA DE FOCO

“O zoom aproximado
expõe do meu foco
díspar direção:
olhando-me imersa em fé
como a uma santa
esqueces de me cobiçar
mulher”
(Luas Nuas, p. 58)

ARMISTÍCIO

”No táti(l)co intervalo
da batalha
no leito empreendida
meu olhar solto passeia
o suave contorno
do teu seio...”
(Luas Nuas, p. 27)

A poesia de Rizolete Fernandes caminha numa superfície literária ondulada, através de temas diversos e, sem se distanciar de suas memórias vivenciadas, instaura a dinâmica de uma linguagem depurada, atenta e obsequiosa. Dentre a diversidade temática, nossa leitura procurou recortar, sobretudo, a inserção do feminino, tema recorrente em sua escrita, às vezes nas entrelinhas, onde parece ser desenhada uma cumplicidade entre mulheres, evidenciada na construção de seu último livro, *Tecelãs*, em edição bilíngue (português e espanhol), embora observe-se em outros de seus livros, dentre os quais *Vento da Tarde*, no poema em destaque:

TECELÃS

“Mulheres tecem o tempo
No ir e vir outras não
atinam para a matéria
que edifica destinos...”
(Canções de Abril, p. 42)

Seguindo o fio condutor apreciativo do livro *Tecelãs* (*Tejedoras*), a autora, em versos, cede a palavra a 20 mulheres, que romperam e desafiaram os padrões de *sua* época, para que num passado presente, relatem suas histórias, seus feitos políticos e re-

volucionários. Essas histórias são narradas desde a Antiguidade Clássica, na velha Grécia, antes de Cristo, iniciando com a narrativa da musa Safo (Grécia, entre 630 e 612 a.C.), “[...] com amigos conjuguei estudo e luta para derrubar Pítaco...”; passando por Simone de Beauvoir (França, Paris, 1908-1986), “Vim ao mundo com o Século XX [...]”; Chiquinha Gonzaga (Brasil, Rio de Janeiro, 1847-1935): “[...] Assustei ao nascer e vida afora causei alvoroço [...]”. Entre outras, Nise da Silveira (Brasil, Maceió, 1905-RJ, 1999): “Depois dos estudos com freiras em Maceió, o curso de medicina na Bahia em que ingresso [...]”; Maria Firmina dos Reis (Brasil, Maranhão, 1825-1917): “Não bastasse a histórica subalteridade [...]”; Dona Militana (Brasil, São Gonçalo do Amarante, RN, 1925-2010), além de outras 17 tecelãs cujo legado muito contribuiu para o avanço das conquistas de direitos femininos.

Portadoras de saberes ancestrais, as mulheres fiaram êxitos nas diversas áreas da atividade humana, diz Rizolete Fernandes. Soltar a voz, reinventá-las e reinventar-se, parece ser, dentre outras, uma das metas de um discurso de identidade feminina, que se vai costurando em uma coautoria entre a poeta e as protagonistas de *Tecelãs*. Fragmentos:

“Recusar à mulher a igualdade de direitos
em virtude do sexo é denegar justiça
à metade da população”.

(Bertha Lutz)

“Nem sei de quem preenchi a vaga nesta vida:
Não sei se foi de minha ilustre antecessora
Santa Teresa de Jesus ou se foi Safo...”.

(Laura Brandão)

Na poesia cumpre-se o *presente* sem margens do tempo, tal como sentia Santo Agostinho: presente do passado, presente do futuro e presente do presente. A poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos do Tempo e invoca, evoca, provoca, como acentua Alfredo Bosi em sua obra *O Ser e o Tempo da Poesia*.

DIULINDA GARCIA é poeta, escritora e professora. Autora de “Entrenós” e outros livros. Pertence à UBE-RN e outras instituições.

POESIA SEM RÓTULO

- IARA CARVALHO UM "EU NO MUNDO" DIRETO DO SERIDÓ

Araceli Sobreira

O livro de estreia de Iara Maria Carvalho, *Milagreira* (2011) chegou-me às mãos com carinhosa dedicatória feita com uma caligrafia de professora, bem cuidadosa. À época, vinha eu me localizando em meio à produção literária de autoria feminina no Rio Grande do Norte. Havia descoberto Zila Mamede, Palmira Wanderley, Auta de Souza, Marize Castro, Rizolete Fernandes, Anchella Monte, Nivaldete Ferreira, entre o universo da linguagem poética potiguar. Uma busca iniciada pelos anos de 2006, 2007 e 2008, quando a *mídia* em vigor para *novos poetas* ou *autores nem tão conhecidos assim* era o blog. Pelo blog *Mulher na Janela*, conheci a selvagem Iara Carvalho, através dos blogs de Francisco Sobreira, Bosco Sobreira, e Moacy Cirne, blogueiros ativos, com os quais me comunicava no universo da blogosfera. Pelos comentários às postagens, vi um elogio de Iara e, de blog em blog, comecei a segui-la timidamente. Elogios aqui, elogios ali, em pouco tempo nos conhecemos pessoalmente em um evento da União Brasileira de Escritores/RN em que a autora Iara apresentou-se em uma Mesa de Debates sobre a poesia potiguar, claro, dando destaque ao Seridó.

Fisgada, trocamos figurinhas e, quando vi, já éramos amigas de infância, as mais unidas! Desde então, vislumbrei uma performance poética demarcada por uma palavra forjada pelas transgressões (estilísticas e culturais).

O Facebook aproximou-nos um pouco mais. Muito embora não tenha mais o blog *Mulher na Janela*, para minha tristeza, Iara tornou-se produtora cultural e passou a desafiar as várias pedras que aparecem no caminho de quem abre veredas para a linguagem poética, musical e teatral. Essa seridoense arretada, porém tímida, de voz suave e sorriso aberto, nem de longe revela a alma “ursa”

que existe em sua poesia rasgada. Certeira. Curta e penetrante. Quando a conheci pelo blog, encantei-me pela expressividade de suas metáforas, construídas no exercício de uma criação que rompe com a previsibilidade de algo que poderia ser do cotidiano:

tenho flores roxas na língua
e hematomas líquidos rolando
pelos meus versos

Pedaços de palavras
me amor-
tecem³²

A primeira mulher a destilar poesia em minha vida foi Florbela Espanca (1894-1930), lá no auge dos anos 80, quando mergulhei no universo da poesia. De lá para cá, as vozes femininas assumiram uma torrente caudalosa em minha trajetória de leitora, por isso, surpreendeu-me um quê de Florbela na solidão, na dor e na bipolaridade da mulher-menina Iara.

[...]
o mundo com meu
rastros agridoce
e viver arde bem
quando me ruivo
tardezinha,
desinvento perigos,
horizontes de plantação
intactos.
Pescar rosas me emociona,
Não tristuro meus caminhos.
[...]³³

32 CARVALHO, Iara. *Saravada*. Mossoró –RN: Sarau das Letras Editora, 2015, p.29.

33 CARVALHO, Iara. *Saravada*. Mossoró –RN: Sarau das Letras Editora, 2015, p.78.

Com o tempo, a gente descobre uma ousadia mais serena nos impasses que a autora precisa resolver para não ser apenas *abelha, formiga, água, sangue, ventre, sertão e chuva*. De repente, Iara fala e ressoa Beauvoir, é livre, porque dá liberdade à existência; é mulher, contudo, uma mulher forjada, sertaneja, milagreira:

sou livre.

uma substância sem dimensões
e com bastante mel em plenos lábios.³⁴

Um olhar mais atento procura uma *causa*, um *tema*. Iara teima na experiência. Abundante em metáforas, seu estilo poético ruma paisagens, lugares, memórias:

Meus olhos têm confusa
raiz continental

funda afunda profunda

olhos de água baldeada

[...]

o mundo é um caco
um oco

(um pouco de tudo sozinho)

desde fundada a cegueira
só creio nas flores que espinho³⁵.

34 CARVALHO, Iara. *Saravada*. Mossoró – RN: Sarau das Letras Editora, 2015, p.61.

35 CARVALHO, Iara. *Milagreira*. Currais Novos – RN: Casarão de

Tão bom adentrar o Seridó pelos olhos, bocas e línguas de Iara Carvalho. Ninguém tem medo da morte, da solidão, das ausências. Só ela! Ser uma e ser duas. Ser uma e despidoradamente múltipla, ao trazer o universo bipolar feito espelho de um mundo que está bem ali, mas não se vê. A mulher-poeta precisa dizer para o mundo o quanto o mundo se biparte, se multiplica. Cabe aos leitores encontrarem o ponto exato para perceber a voz contemporânea dos delírios tão lúcidos que chegam a doer no fundo bem fundo da mente:

Sim,
Tenho os olhos doidos.
E me dói muito interná-los
No espetáculo triste do meu rosto³⁶

Gosto dessa Iara exposta. Nas águas, na pele, na vida. Ela aperta a ferida desse mundo alheio ao que se sente e se vivencia. A vida, assim, é polissêmica, na poética da autora. Não dá para se ver somente por um espelho. As lentes de Iara Carvalho me fizeram buscar a mulher-lua, a mulher-bicho (abelha, formiga), a mulher-corpo.

Os leitores – assim como eu – vislumbram o ser, as mãos, a nudez e as ruínas da mulher de hoje e as de ontem também já que a poeta mergulha nas memórias seridoenses, construindo a complexidade histórica de seu lugar no mundo em uma epifania desconcertante do “*eu-mundo*” no “*eu-no-corpo*”. Este corpo de agora protesta pela liberdade da(s) forma(s), do(s) gêneros. Este corpo percorre sozinho e em coletivo. Solta o proibido e o interdito, absorve e absolve, visibilizando identidades femininas líquidas, múltiplas, voláteis que, não obstante, precisam habitar o universo das letras (e do mercado também.)

Poesia Edições, 2011, p.88.

36 CARVALHO, Iara. *Saravada*. Mossoró – RN: Sarau das Letras Editora, 2015, p.79.

Sou só elogios? Sim, por que não? Pretendo ascender à crítica fria e insana (metodológica!) para me aventurar como leitora no quase indecifrável em que se assenta a palavra febril. É assim que li uma Iara que não escreve para si. Como doida, doída, acelerada (hiper, talvez, quem não o é neste mundo?!), encontro nos versos dessa mulher-poeta *o transferir o mundo* – parafraseando Manoel de Barros – inspiração para ela e para mim, nas imagens que figuram as duas obras lidas em menos de uma hora. Essa identificação aproxima a mulher Iara desse mundo desumanamente explorado, desse modo, ela não para: é parceira fundadora do *Casarão de Poesia*, espaço cultural de Currais Novos, no qual a linguagem, em suas várias modalidades, tem conquistado arduamente um espaço de divulgação e eventos literários. É mãe de Iago (que só cresce!) e capricorniana, por isso a determinação em palavrear o mundo, subverter em cânticos matizados a moça da janela a olhar a tarde morna, sob a sombra arquitetada do sertão que alimenta a alma das mulheres.

ARACELI SOBREIRA é poeta e escritora. Autora de “O espelho de Eloísa e outras histórias de mulheres sábias” dentre outros livros. Doutora em Educação pela UFRN. Professora de Literatura da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

UM DOCE CEARENSE A GUIAR A POESIA POTIGUAR

Ângela Gurgel

Antes de começar a escrever sobre Dulcinéa Aguiar Cavalcante e Silva gostaria de avisar que não farei uma biografia, falta-me competência para tal. Deixo essa tarefa para os historiadores e biógrafos. Nosso texto trata-se, apenas, de uma narrativa sobre essa mulher natural de Cedro – Ce, que escolheu o País de Mossoró como palco para seu fazer literário, mas antes de fixar morada na terra de Santa Luzia passou por Iguatu, Quixeramobim, Tauá e Fortaleza no Ceará, Coração de Jesus – MG e Cajazeiras – Pb. Viúva, com sete filhos, onze netos e três bisnetos e pedagoga formada pela UERN é uma cidadã mossoroense de fato e de direito. Leitora voraz. Curiosa. Inquieta e ativa essa adorável e elegante senhora de cabelos cor de nuvens é a cearense mais potiguar que habita as terras dos índios monxorós.

Para além da mulher que discute política, futebol, gastronomia, etiqueta social, economia, literatura, Dulce Cavalcante, poeta e cronista, também é uma exímia quituteira que transforma temperos, especiarias, legumes e tudo mais que “cair” em suas hábeis mãos em poesia degustável. Sua compota de berinjela é digna de ser saboreada de joelhos. À sombra da frondosa árvore de seu quintal gosta de reunir os amigos para, em torno de uma mesa farta, discutir amenidades e falar de literatura. Dulce é uma mulher de mente inquieta. Escritora das melhores. Faz parte do Clube de Leitura “As Traças” – Fortaleza-Ce, desde sua fundação há cerca de vinte e seis anos. Ocupa a cadeira 18 da Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense – AFLAM cuja patrona é a poeta goiana Cora Coralina, que a exemplo dela só começou a publicar na maturidade. Sua primeira publicação foi o livro de poesia Quatro Estações (2002), único em que ela usou seu nome de batismo Dulcinéa Aguiar Cavalcante, em seguida vieram Poltrona Azul,

Bicicletas de Papel, e ...Um Chão para Memórias Soltas (crônicas), todos editados pela Sarau das letras e já usando o nome artístico Dulce Cavalcante. É colunista do Jornal DeFato no espaço Jornalista Martins de Vasconcelos. Participa do Grupo literário Café&Poesia onde participou das Antologias Café e poesia Volumes 1, 2 (foi uma das organizadoras) e 3 e dos Exercícios Literários I e II. Participou, ainda das seguintes antologias: As Traças – 10 Anos (2004) As Traças – 18 Anos – (2012), Uma Janela no Fim do Mundo(2015) Clube de Leituras As Traças – RBS Editora, Mossoró e Tibau em prosa e Versos – Sarau das Letras. Sem Fronteiras Pelo Mundo – Coletânea Literária Internacional Bilíngue – Editora Rede Sem Fronteiras (2016).

Doce Dulce, como a chamamos carinhosamente, é grande na prosa e na poesia. Sua escrita é carregada de um lirismo que se derrama por todo texto, construído cuidadosamente, como uma bela aquarela. Ela consegue transformar as palavras em pinceladas de cores fortes e expressivas e, delicadamente, desenhar para o leitor as belas paisagens/imagens criadas por sua mente. Ler seus textos é mergulhar em um mundo que se desnuda em palavras e se veste de ternura para falar das coisas simples ou complexas com a maestria que só quem domina a arte de escrever e pesquisa sobre o tema escolhido é capaz de fazer. Seus textos têm a delicadeza de quem já testemunhou e viveu o lado feio da vida, mas preferiu levar apenas as lições que a transformaram em uma pessoa leve, espirituosa e capaz de conviver harmoniosamente com o diferente. Como ela mesma gosta de dizer, quando o assunto é chato “faço cara de paisagem e abstraio”.

Dulce é uma “retratista da paisagem humana e social”. Em seus livros, seja numa viagem de volta às lembranças de um período que o tempo não apagou, seja em suas elaborações poéticas, sua alma se delinea nos relevos cearenses, mineiros, potiguares ou qualquer outro lugar visitado por seu eu lírico e desenhando o perfil de uma mulher nordestina que se adapta aos mais diversos ambientes e transita, como uma grande dama, pelo suave chão de suas

memórias, soltas da linha cronológica, e presas pela lembrança de uma mulher que vive a frente de seu tempo revelando uma elegante e bela senhora que não se contentou em ser apenas esposa, mãe e avó. Com linha e agulha ele tece poesias em forma de colchas de retalhos, contornos para espelhos, delicados lenços e saquinhos de embalagens. Como verdadeira artesã ela transforma em arte a palavra, os legumes, os tecidos e linhas fazendo poesia com qualquer material. Para quem acha que ela para por aí, engana-se, nos últimos meses ela vem se dedicando ao teatro. Assim como o tempo ela não para. Segue aprendendo. Criando e se reinventando.

Perguntada sobre por que ela escreve, diz sem pensar “para sair do caixa do nada. Do nada fazer, nada pensar e em seguida acrescenta “escrevo para aliviar as tensões na comunicação com o mundo, acredito ser a escrita a mais eficaz maneira de lidar com as comunicações interpessoais isentas de interferências que maculam o pensamento mais lúcido.” Enquanto muitas senhoras de sua idade estão tecendo roupinhas de lã e crochê, Dulce segue tecendo sonhos. Pintando e bordando com palavras. Cerzindo os versos ao papel e compondo belos poemas. De sua mente brota a poesia que alimenta, anima e encanta.

ÂNGELA RODRIGUES GURGEL é escritora, poeta e animadora cultural. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Mossoró e de outras instituições culturais. Autora de “Confissões Crônicas” e outros livros.

ZILA MAMEDE

ENSAIO CRONOLÓGICO SOBRE O LIVRO NAVEGOS: POESIA REUNIDA,
1953-1978. 1 ED. BELO HORIZONTE: VEGA, 1978. 200P._2
ED. NATAL: EDUFAN, 2003. 278P.

Gildete Moura de Figueiredo

Sexto livro de poesia de Zila [da Costa] Mamede, “Navegos” (1978 1ed.), com dedicatória “A Osman Lins (1924-1978) em memória” e “A José Américo de Almeida (1887-1980), nos cinquenta anos de “A Bagaceira”, (1928). Planejamento visual, capa e ilustrações de Paulo Bernardo Ferreira Vaz deixa sobre as mãos do leitor uma brochura de capa em cores clássicas preto & branco com imagem em nanquim/bico de pena, 44 ilustrações espalhadas aleatoriamente no interior do livro; uma foto de Zila, na quarta capa, crédito de Carlos Lyra. Orelha de Nei Leandro de Castro “nessa reunião que é Navegos (navegação, andanças, nave e ego de Zila Mamede) vê-se claramente a dimensão de uma poeta que João Cabral de Melo Neto inclui entre os maiores do país”. O dorso segue os padrões da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Catalogado na fonte. A autora reúne, àquela época, toda sua obra poética comemorando os 25 anos do seu primeiro livro Rosa de Pedra (1953). O sumário inclui: o livro inédito “Corpo a corpo” (1978, p. 1-25); Exercício da Palavra [em duas partes A Palavra e o Exercício] (1975, p.27-84), com dedicatórias “A Antônio Pinto de Medeiros, poeta que, em 1953, editou o meu primeiro livro, em memória” e a Sílvio Piza Pedroza “22 anos depois, a mesma amizade, crescida em carinho”; O Arado (1959, p.85-112) com dedicatórias: “A meu avô Caçote. A Nova Palmeira, terra mãe, fonte raiz, chão do meu chão”; Salinas (1958, p.113-152) e Rosa de Pedra [em duas partes Mares de infância e Mar Absoluto] (1953, p.153-200). Recebe prefácio de Paulo de Tarso Correia de Melo “*Zila Mamede Itinerário e exercício da poesia*”, datado 14 de Jul. 1978;

mantem a *Apresentação* de Sanderson Negreiros a “Exercício da Palavra”, editado pela Fundação José Augusto, 1975; as *Notas de Luís da Câmara Cascudo* ao Arado, edição da Livraria São José-RJ, 1959, e sem prefácios: Salinas (1958), e Rosa de Pedra (1953), esta obra de estreia, considerado pela autora “intuitivo”, por Manuel Bandeira “um dos melhores livros de versos...produzido, até então, no país”, e Jóis Alberto Silva: “livro de sonhos e sonetos”. Em 1978 vários lançamentos divulgam e festejam o livro: a primeira noite de autógrafos em Natal-RN, no dia 17 out. 1978, na sede do AFC; o segundo no dia 25 out., em João Pessoa na I Semana de Estudos Bibliotecários da Paraíba; em Brasília-DF, 07 de novembro, na Casa do Livro; em Fortaleza, 17 nov. no Náutico Atlético Cearense; em Recife-PE na Livraria Livro Sete; em Currais Novos no CERES da UFRN. Lê-se no colofão: “Acabou-se de imprimir aos nove dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e setenta e oito, nas oficinas gráficas da Editora “Littera Maciel Ltda”, à Rua Cesário Alvim, 391, em Belo Horizonte, Minas Gerais, para a Editora Vegas S.A. (201 p.). Reunindo toda sua obra poética “NAVEGOS A HERANÇA” (2003) inclui a segunda edição de “Navegos” às páginas 19-288. É “a primeira vez que a autora tem um livro de sua autoria publicado pela Universidade” [Edufrn], registra Tarcísio Gurgel, o prefaciador, “Zila a poesia que herdamos”, edição acrescida de “A Herança” (1984) e comemorativa aos cinquenta anos de Rosa de Pedra (1953). Orelha de José Mindlin “num dia ensolarado chegou aqui Zila com sua bagagem, carne seca e manteiga de garrafa, desde logo falando em preparar o almoço, e isso foi o início de uma grande amizade”. O sumário inclui, em ordem cronológica, igual à primeira edição: Corpo a corpo (1978, p. 35-59), Exercício da palavra (1975, p. 61-116), O Arado (1959, p. 119-148), Salinas (1958, p. 149-186), Rosa de pedra (1953, 191-238), A Herança (1984, p. 243-278). Composição e planejamento visual de Afonso Martins: capa branca ilustrada com uma alga marinha, de matizes variados de azul, que se derrama da quarta capa à primeira capa, premiando a plasticidade do dorso do livro, formatado conforme a ABNT. Lê-se no Colofão: “Este livro foi composto na tipografia Zapf Calligraphic, no corpo 11/15, e Gill Sans, no corpo 10/15. Impresso em papel pólen bold 90g/m², na gráfica RN

Econômico para a EDUFRN _ Editora da UFRN, em 2003”. Considerando as duas edições de NAVEGOS (1978 e 2003) organizei um “Índice dos títulos dos poemas e primeiros versos da obra poética de ZM”, nos 25 anos de sua morte (2010). (Este índice está disponível em: < <http://www.substantivoplural.com.br/25-anos-sem-zila/>>).

GILDETE MOURA DE FIGUEREDO. Bibliotecária da UFRN (1965-1995). Possui vários trabalhos publicados, divulgando a vida & obra de Zila Mamede.

MELANCOLIA E CONFLITO NO ESPAÇO URBANO NA POÉTICA DE FERREIRA ITAJUBÁ E PALMYRA WANDERLEY

Ludmila Gesteira

1. INTRODUÇÃO

A poesia norte-rio-grandense e o contexto social em que está inserida possibilitam, a depender da época em que foi elaborada, o entendimento do que ocorreu na cidade de Natal, Rio Grande de Norte, no intervalo de transição entre os períodos literários romântico e modernista, recorrendo-se aqui aos versos do poeta Ferreira Itajubá e da poetisa Palmyra Wanderley. A partir dessa perspectiva, este artigo busca analisar a descrição de ações da época dita nos poemas de ambos os autores, bem como as paisagens locais delineadas sob os olhares voltados à terra, apresentando aspectos positivos e negativos em relação às modificações ocorridas na cidade de Natal.

Os poemas “Terra mater”, de Ferreira Itajubá e os fragmentos de “Passo da pátria”, de Palmyra Wanderley, exibem a valorização da linguagem literária tradicional do fim do século XIX e os versos livres consolidados mediante à renovação artística do século XX. Metodologicamente, este trabalho será conduzido com base nos escritos sobre a ocupação inicial na área urbana de Natal, de Giovana Paiva de Oliveira (2006) em relação à aparência da cidade e à poética dos autores Ferreira Itajubá e Palmyra Wanderley, revelando as transformações importantes de determinados espaços por meio da poesia.

O critério de escolha deste tema deu-se pelo fato de envolver as características do espaço e os costumes da sociedade natalense sob o olhar poético de dois nomes importantes das letras brasi-

leiras, ainda pouco conhecidos no Brasil, em períodos diferentes no desenvolvimento da arte, moldando a realidade local em suas respectivas épocas.

A análise da terra por dois cidadãos potiguares destina-se à produção dos versos muitas vezes esquecidos por seu povo, haja vista as dificuldades enfrentadas pelos poetas e tantos outros nomes da literatura local em relação ao frequente desconhecimento e até mesmo a não aceitação de que no Estado do Rio Grande do Norte existiram/existem personalidades com uma rica e longa trajetória nas letras, trazendo diversas temáticas nos períodos literários que a elas remetem. Esse aspecto condiz com a recorrente história da cidade, pois

[...] o cotidiano da Província, aí incluída a atividade administrativa, tem a marca da passadeira e, à parte a lentidão com que uma ou outra modificação interessante ocorria, os registros, oficiais ou não, eram desoladores [...] nos planos educativos e cultural, então, a situação beirava a indigência. (GURGEL, 2001, p. 31)

A existência dos escritos potiguares não deve deixar de transcorrer à sociedade natalense, muito menos, a qualquer cidadão brasileiro para além das décadas, tendo em vista seus autores manifestarem-se em prol da arte, mesmo com a lentidão da chegada do progresso artístico ao Estado.

2. A CIDADE MELANCÓLICA DELINEADA POR FERREIRA ITAJUBÁ

Manuel Virgílio Ferreira, popularmente conhecido como Ferreira Itajubá (1877? - 1912), filho de potiguares e nascido em Natal, viveu 35 anos na modesta cidade de seu nascimento, onde a

população era reduzida à morada nos bairros da Ribeira e Cidade Alta. Contudo, a vida tranquila, mas árdua, o fez trabalhar desde muito cedo, precisamente aos doze anos, sendo escrevente e de forma agitada, professor, pintor e até palhaço do seu próprio circo montado no quintal de casa.

O homem militante, contribuinte às questões socioeducativas da época, foi um poeta de origem humilde, porém, isto não era um obstáculo para aproximá-lo da literatura e dos intelectuais de seu tempo, tanto que em muitos de seus poemas, vida e obra misturam-se diante da visão romântica que o tomava. Ativo na escrita da terra, ele gostava de declamar os versos nos eventos da cidade, tornando-se Patrono da cadeira nº 19 da ANRL³⁷.

No período em que a poesia brasileira ainda era permeada por temáticas sombrias e intensas, característica romântica, a poética de Itajubá não era diferente. A leitura dos poetas de sua época o influenciou e o fez produzir não só os textos literários publicados em jornais da cidade, como também diversos poemas, mesmo não tendo nenhum livro publicado em vida.

Nesse contexto, Ferreira Itajubá acrescenta à vasta poesia que fora produzida em Natal no início do século XX. Em *Harmônias do Norte* (1927), na edição intitulada *Poesias completas*, tem-se o cenário da cidade vista com base no ardor romântico, como no poema “Terra mater” (2012, p. 193)

Natal é um vale branco entre coqueiros:

Logo que desce a luz das alvoradas,

Vão barra afora as velas das jangadas,

Cessam no rio as trovas dos barqueiros;

37 Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Instituição cultural fundada em 14 de novembro de 1936.

E à tarde, quando os rudes jangadeiros,
Voltam da pesca às praias alongadas,
Começa à sombra fresca das latadas
A palestra amorosa dos solteiros.

Quantas belezas mil Natal encerra!
Deu-lhe a natureza um mar esmeraldino,
Despiu-lhe o morro, aveludou-lhe a serra...

Terra de minha mãe, bendita seja,
Orvalhada do pranto cristalino
Da saudade das moças sertanejas!

Toda a melancolia presente no soneto indica o retrato da cidade ainda “dominada” pela extensa natureza, seja ela exaltada pela presença dos coqueiros, rio e mar. No poema há, nitidamente, apesar do pequeno vocabulário, a constatação do sentimento positivo do autor em relação às características espaciais de Natal. Todavia, as pessoas da cidade ainda viviam de modo restrito, o que ia de encontro à modernização que estava surgindo na época, basta ver que

[...] até o final do século XIX, Natal possuía somente dois bairros, a Cidade Alta, que adquiria características residenciais, com um pequeno comércio elitista, e a Ribeira, área comercial onde residiam os trabalhadores do comércio, da pesca e das atividades administrativas. (OLIVEIRA, 2006, p. 38)

Nos versos da primeira e da segunda estrofe, o poeta refere-se à terra através da imagem mórbida do início de um dia comum entre os indivíduos que configuram a cidade da época, ao narrar a atividade desenvolvida dos trabalhadores no ramo da pesca de forma melancólica, consagrando a paisagem local, como no verso - “Cessam no rio as trovas dos barqueiros”-.

A marca lírica do poeta continua nas demais estrofes do soneto, conforme ele descreve o bom lugar que era a cidade, principalmente em relação à beleza natural, como no verso - “Deu-lhe a natureza um mar esmeraldino” -. Tal adjetivo aplicado ao mar permite ao leitor de sua poesia a visão de parte das “belezas mil” de Natal, bem como Itajubá menciona na terceira estrofe. A linguagem romântica é propensa até o fim do poema, tendo em vista a total inclinação do seus últimos versos, como por exemplo - “Orvalhada do pranto cristalino”-.

Essas palavras cultuam o amor que Itajubá sentia pela cidade de Natal de forma a evidenciar a identidade espacial da região e o relato do cotidiano de seus moradores, sendo, portanto, um verdadeiro autor do sossegado processo em que a capital do Rio Grande do Norte se encontrava no início do século XX.

3. A CIDADE CONFLITUOSA DELINEADA POR PALMYRA WANDERLEY

Palmyra Guimarães Wanderley (1899 – 1978), nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, descendente de um grupo conhecido socialmente, a família Wanderley, oriundo, por sua vez, de Assu. Por isso, com uma história de vida diferente de Itajubá, era filha de magistrado e neta do primeiro médico norte-rio-grandense, o que a fez ser privilegiada com uma boa educação voltada às meninas da época.

A mulher dedicada à vida social em pleno início dos anos 1900 não era um comportamento comum e, obviamente, prestigiado na sociedade natalense. Porém, a ruptura dos paradigmas do

período a fez tomar consciência de que ela podia ser intensa no sentido da produção feminina, e foi o que Palmyra fez, ao dedicar parte de sua vida à literatura e ao jornalismo, não somente local, mas também com interferências em Estados, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Sua criação poética

[...] contribuiu para aumentar a importância no cenário poético do Rio Grande do Norte [...] completa-se uma fase, particularmente rica da nossa história cultural, onde se localizam os poetas que consideramos como sendo os mais importantes desse momento precursor da moderna Literatura Potiguar. (GURGEL, 2001, p. 53)

A atmosfera conflituosa do início do século XX, tanto na crescente urbanização quanto na renovação das artes, rompeu os paradigmas da época. Com isso, a criação e a valorização da linguagem literária foram agentes para a emancipação das letras voltadas ao cunho popular do país. Nesse período, Palmyra também escreveu crônicas, além de ter sido sócia fundadora da ANRL, onde ocupou a cadeira nº 20.

O meio de representar a Natal que tanto amava a fez escrever sobre o processo de ocupação de algumas regiões localizadas no limite urbano da cidade. Palmyra denunciou as estruturas arcaicas da sociedade, tanto na renovação da linguagem literária como na perspectiva espacial, por meio da poesia, mesmo com a concepção de que a produção era

[...] uma atividade de adorno cultivada por homens [...] a literatura era concebida como “coisa de menino”, sendo incompatível, por-

tanto, com a seriedade, ou com alguma determinada função social. Todavia, desde que não fosse uma ocupação profissional, a literatura proporcionava prestígio aos que pleiteavam o *status* de escritor. (ARRAIS, 2017, p. 101)

Nessa conjuntura, a adoção coloquial modernista fez com que Palmyra Wanderley apresentasse seus versos sobre o panorama que se inseria na época, tal como está no poema “Passo da Pátria”, publicado em seu segundo livro, *Roseira brava* (1965, p. 41-42):

Passo da Pátria

É um antro de miséria.

É um passo de dor!

Parece que os apaches de outras terras

Nascem dali.

Que horror!

[...]

Passo da Pátria é a tasca do vício,

Do pecador impenitente.

Tem um cheiro ruim de maresia

E um bafo, muito forte, de aguardente.

Mendigo maltrapilho e esfaimado,

Quase a morrer de fome e abandono,

Aproveita migalhas, como sobejo,

Veste trapos, roupas velhas,

Têima no vício,

Fuma ponta de cigarro, já fumado,

De arrependimento, não há indício.

Mastiga fumo cortado, a remoer,

Cravo, pimenta;
E deixa a baba fedorenta
Pela boca, sem dentes, escorrer.

É bem ali, no fim da ladeira, esquecido
Pobre enjeitado!
Não é bairro, não é nada, é um refugio.
[...]
É uma cousa assim, ao léu, nascida
Num monturo.

No poema há uma denúncia social explícita, haja vista os constantes vocábulos que moldam o que ocorreu no desenvolvimento da região no início do século XX. O teor dos escritos modernistas já é apreendido nas estrofes a partir da inexistência da representação de aspectos formais, tais como rima, métrica, entre outros, o que caracteriza a ruptura do período melancólico nas artes.

A poetisa, apesar de utilizar resquícios do passado, com algumas rimas, como nas primeiras estrofes, em - “É um passo de *dor* [...] *Horror!*” - e - “Do pecador *impenitente*. [...] E um bafo, muito forte, de *aguardente*.” - não se limita e constrói a poesia com as novas técnicas, provocando certa fruição moderna aos leitores da pacata Natal.

A linguagem retratada nos versos de Palmyra diferencia-se da linguagem do poema de Itajubá, pois ela apresenta o bairro formado por pescadores como um espaço ruim para se viver, dotado de ausência das belezas naturais, paisagem bem vista aos olhos de Itajubá e completamente esquecido pelas autoridades. Tal local

[...] foi ocupado a partir da instalação de uma feira semanal que se tornou a mais concorrida da cidade, tornando-a muito frequen-

tada, principalmente à noite [...] pescadores muito pobres construíram algumas ruas e travessas de casas. (OLIVEIRA, 2006, p. 39).

Os indivíduos mencionados no poema destacam-se por representar os problemas a que estavam expostos em um ambiente munido de incertezas, como descrito na terceira estrofe - “Mendigo maltrapilho e esfaimado [...] Aproveita migalhas, como sobejo” -. Contudo, tem-se a descrição das ações do sujeito faminto e sem perspectiva de qualidade de vida.

A poesia de Palmyra representa o mundo tal como ele é, especificamente, no caso dos aspectos de cunho negativo à localidade do Passo da Pátria, zona à margem do Rio Potengi nas imediações do centro da capital norte-rio-grandense. Nesse cenário, a natureza não é exposta, de modo que as paisagens do espaço comprimem-se ao mero cotidiano de pessoas que vivem em um local onde nem é considerado bairro, tal como a poetisa diz na penúltima estrofe - “Pobre enjeitado! [...] Não é bairro, não é nada, é um refugio” -. Por isso, ela ainda o compara, ao referir-se, no último verso - “Num monturo” - a algo que não tem valor e utilidade, ou seja, o lixo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade literária de meados do século XX atribui à cultura do Rio Grande do Norte uma gama de versos dedicados à cidade de Natal, como é o caso da poesia de Ferreira Itajubá e Palmyra Wanderley, destacando não só a melancólica paisagem local, mas também as intervenções no espaço urbano da cidade.

As mudanças dos hábitos da sociedade natalense moldaram-se a partir das crescentes transformações que ocorriam, tais como a urbanização. De um lado a voz sombria dotada da mistura de bons sentimentos em relação à cidade defendida por Itajubá. Em contrapartida, o conflito que demarcava a falta de esperança na

construção espacial da cidade, conforme consolidou Palmyra.

A representação de aspectos que remetem à vida do natalense por meio de versos nas linguagens romântica e moderna, resgata a memória da sociedade da época, bem como exalta as características espaciais de sua construção, o que denota, portanto, o processo da mudança de costumes e espaços através das letras potiguares.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo. *A terra, os homens e os sonhos: A cidade de Natal no início do século XX*. 1º ed. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

DUARTE, Constância Lima. MACÊDO, Diva Maria Cunha. *Antologia Escritoras do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Jovens Escribas, 2013.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da Literatura Potiguar*. Natal: Argos, 2001.

ITAJUBÁ, Ferreira. *Poesias completas*. 3 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2012.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. FERREIRA, Angela Lúcia. *Natal intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade*. Natal: Editora da UFRN, 2006.

WANDERLEY, Palmyra. *Roseira brava e outros poemas*. Natal: FJA, 1965.

LUDMILA GESTEIRA é professora e escritora. Aluna do curso de pós-graduação em literatura e cultura norte-rio-grandense na UFRN.

OUTROS ARTIGOS E ENSAIOS





TRISTE FIM DA POETA DO MAR

Diogenes da Cunha Lima

Zila Mamede é das mais importantes poetas do Brasil. A sua perfeição poética, de forma e invenção, não é menor do que a de Cecília Meireles, Adélia Prado ou Hilda Hilst. Os seus poemas foram elaborados com engenho e arte. Contudo, não ganhou fama nacional, ainda que reconhecida e altamente admirada por nossos grandes poetas. Entre eles estão: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Geir Campos e Carlos Nejar. Para definir a excelência de sua atuação, podemos parodiar Camões: “Não lhe faltou na vida honesto estudo, com longa experiência misturada, nem engenho e arte que ali vereis presente, cousas que juntas se acham raramente”.

Zila foi ícone da biblioteconomia, proclamou Edson Nery da Fonseca. Ela conferiu dignidade à atividade pelo rigor científico no exercício profissional da difusão, qualidade advinda do seu seletivo conhecimento literário. Como bibliotecária, orientava as colegas e os leitores. Quando dirigia a biblioteca do Atheneu Norte-rio-grandense, perguntei-lhe o que deveria ler de bom para a minha formação literária. Respondeu: Machado de Assis. Qual livro? Todos. Li, um por um, a coleção de trinta e um volumes. Até hoje é, para mim, prazer da lembrança e referência básica.

A ela devemos a organização da Biblioteca Central da Universidade Federal, que hoje tem o seu nome, e a estadual Câmara Cascudo, infelizmente paralisada.

Na praia do Pina, no Recife, viu o mar pela primeira vez. Teve a sensação de que o mar iria virar, emborcar e a engolir. E tinha razão no pressentimento.

Chamou de “Navegos” a reunião, verdadeiramente antológica, dos seus poemas com muitas poéticas marinhas.

Devota de Santa Luzia, no dia a ela consagrado, em um 13 de dezembro, saiu da sua residência no edifício *coincidentemente* chamado “Caminho do Mar” para ir à praia do Forte. Não se sabe como, mas seu corpo *navegou* por sobre os arrecifes, atravessou o Potengi e aportou na praia da Redinha. O mar que fora o seu mais sensível tema, foi para ela arrebatamento, fascinação, fantasia, êxtase.

O corpo intacto, identificado por amigos, entre os quais a escritora Eulália Duarte Barros, estava coberto de sargaço. No seu poema “Mar Morto” está: “Parado, morto mar da minha infância / sem sombras e nem lembranças e sargaços” e ainda: “Num mar sem brilho, vago, indefinido / onde não há nem sonhos navegando”.

Já em “Canção do Afogado”, ela arremata: “Cabelos de musgos / lavados de espumas / caminha o afogado / que o mar conquistou”.

Sanderson Negreiros disse que Zila ensinou-lhe poesia. Também a nós que, chorando, conduzimos o seu caixão no cemitério do Alecrim. Estavam comigo Luís Carlos Guimarães, Dorian Gray e Pedro Coelho, os quatro por ela apaixonados. Relembramos o seu soneto “Mãos Aquáticas”: “Nuvens sugerindo naus costeiras / em rumos disfarçados por velório”.

Zila não gostava de dizer-se poetisa. Poderia dizer, com Cecília que cantou porque o instante existe e a sua vida estava completa: foi Poeta.

A obra da Poeta do Mar não é transmitida e nem estudada nas escolas, não ganhou a merecida dimensão nacional. Mas, não pode ser esquecida neste Rio Grande, estado em que desejava ter nascido e ao qual legou o melhor da sua organização literária e a sua criatividade poética.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

UM ROTEIRO BREVE E INCOMPLETO DA PRESENÇA DE ZILA MAMEDE EM ANTOLOGIAS DE PERTO E DE LONGE

Vicente Serejo

*Então serei para sempre
e ressurgirei,
vivendo eternamente!*

ZilaMamede

Não é fácil recompor o roteiro completo da presença de Zila Mamede em antologias de perto e de longe. Ela fez a sua estreia aqui, com *Rosa de Pedra* (Natal, 1953), mas logo nos anos seguintes publicou o segundo e terceiro livros - *Salinas* (Rio, 1958), e *O Arado* (Rio, 1959). Num ritmo precoce, em sete anos, menos de uma década, fixou a sua poesia no cenário literário nacional e passou a ser um dos nossos nomes mais citados pela crítica brasileira.

Uma marca timbrou a riqueza poética daquele ano de 1953: o Departamento Estadual de Imprensa, no Governo Sylvio Pedrosa, patrocinou o lançamento de dois poetas que ficariam até hoje entre os mais importantes da literatura poética no Rio Grande do Norte: Zila Mamede e Newton Navarro, este com *Subúrbio do Silêncio*. Em 1955, e todos com capa-padrão ilustrada com bico-de-pena do próprio Navarro, lançou *A Canção da Montanha*, de Othoniel Meneses.

Ainda assim, sem um levantamento completo e rigoroso por falta de acervo disponível nas bibliotecas locais, inclusive a que leva seu próprio nome, na UFRN, é tempo, nos seus cem anos, de começar a anotar como se deu, ao longo da sua vida intelectual, sua chegada às páginas de algumas das mais importantes antolo-

gias poéticas do Brasil e Portugal, além de uma presença recente, na França. A tentativa, é fixar o primeiro desenho dessa trajetória nunca apurada pela crítica literária local, sempre pouco interessada em olhar por sobre os muros provincianos.

Uma gênese

Por impossibilidade natural e cronológica, não seria possível encontrá-la nos cenários literários provincianos mais antigos: *Alma Patrícia*, Natal, 1921, livro de estréia de Câmara Cascudo, analisando poetas e prosadores locais; e *Poetas do Rio Grande do Norte*, de Ezequiel Wanderley, Natal, 1922. Zila nasceu em 1918, três anos antes dos ensaios críticos de Cascudo e a quatro da antologia de Ezequiel Wanderley, marcos-fundadores da vida literária natalense.

Parece mesmo, embora nunca incontestável - se é um roteiro breve e incompleto - que a primeira presença nacional acontece nas páginas da pequena antologia de Domingos Carvalho da Silva - *Vozes Femininas da Poesia Brasileira* - edição da Comissão de Literatura, Coleção Ensaio, do Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1959. O crítico seleciona o soneto *Partida*, do seu segundo livro, *Salinas*. Zila é apresentada por Carvalho como cultivadora *de temas líricos em sonetos espontâneos*. Entre estas vozes, registre-se, por indispensável, a presença de Nísia Floresta com enxertos do seu longo poema *A Lágrima do Caeté*:

*Ó terra de meus pais, ó Pátria minha!
Que seus restos guardando viste d'outros
Longo tempo bravura disputar...*

Três anos depois, em 1962, outro crítico de nome ainda mais nacional, Walmir Ayala, inclui Zila Mamede na pequena e fechada antologia que intitulou *A Novíssima Poesia Brasileira*, Série Cadernos Brasileiros 2, Rio, edição da Associação Brasileira do Congresso

pela Liberdade da Cultura. Ayala seleciona dois poemas: *Marcha para o jumento Passarinho* e *Rua Trairi*, ambos de *O Arado*, edição Livraria São José, Rio, 1959. Zila figura ao lado de revelações como Sebastião Uchoa Leite, Afonso Romano de Sant'Ana, Augusto de Campos, Carlos Nejar, Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Silviano Santiago, Haroldo de Campos, entre outros.

Não seria dispensável notar que o mesmo Ayala desconhece, sete anos depois, em 1969, a poesia de Zila no seu *Poetas Novos do Brasil*, Instituto Nacional do Livro, Rio, 1969.

Só em 1965, a poesia de Zila surge, pela primeira vez, numa antologia de poetas do Rio Grande do Norte quando fez parte do *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense*, organização e notas do também poeta Rômulo Wanderley, Edições do Val, Rio. Wanderley seleciona mais um soneto de Zila - *O Açude*, de *O Arado*, seu livro de 1959.

No mesmo ano de 1965, Zila tem seu nome relacionado por Laurênio Lima em *Crônica de Letras Pernambucanas*, Imprensa Universitária, Recife, certamente por sua presença na vida literária recifense. Não cita nenhum poema, mas atribui a Zila, no feitura dos versos, o apuro que 'corta, desbasta, desnuda', e, às vezes, 'chega mesmo a prejudicar-lhe'.

Uma consagração

Não seria exagero afirmar-se, salvo melhor juízo, que é neste ano de 1965 a primeira presença da poesia de Zila Mamede nas páginas de uma antologia nacional de grande porte: *Rio de Janeiro em Prosa e Verso*, seleção e organização de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, editora José Olympio. A edição comemorativa dos 400 anos do Rio, leitmotiv temático de toda a volumosa seleção.

Zila participa, à página 113, com o poema *Sinos e Ventos da Altura*, originalmente publicado em *Salinas*, título que adotou

para substituir o original - *Santa Tereza*. E sem a dedicatória ao casal Luiza e Augusto Ribeiro.

Eis, na íntegra, por ser icônico na sua trajetória antológica:

Santa Teresa (1958) ou Sinos e Ventos da Altura (1965)

O tom dos sinos
Escorrendo nas ladeiras.
Os ventos do Curvelo
E o cheiro morno do Silvestre.

Ponte dos Arcos,
Quantas brumas
Meus sapatos te tocaram,

Santa Tereza.
As estrelas se mudaram para o chão.

Logo um ano depois, 1966, é a vez de Zila de aparecer na *Antologia Poética da Geração de 45*, edição *Clube da Poesia*, São Paulo. Ali estão todos os grandes nomes, os consagrados e os mais novos. De Afonso Ávila a Antônio Rangel Bandeira, Geir Campos, Darcy Damasceno, Bandeira Tribuzi, Hilda Hilst, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Paes, Lêdo Ivo, Mauro Mota, Paulo Mendes Campos, Oswaldino Marques, Stella Leonardos e Thiago de Melo, para citar alguns dos nomes mais conhecidos. A poesia de Zila merece dois poemas, depois de um breve verbete que a apresenta como a poetisa da paisagem nordestina: *Canção da Rua que não existe*, de *Rosa de Pedra*, seu primeiro livro, 1953; e *Partida, de Salinas*, 1958.

Uma palavra de mulher

Treze anos depois, em 1979 - o que parece um longo silêncio, passível de novas descobertas não registradas aqui - a poesia de Zila aparece não apenas numa segunda antologia de âmbito nacional, mas já em claro alinhamento com a literatura de gênero, conceito ainda pouco adotado, à época, e que a própria antologista, Maria de Lourdes Hortas, assume no título - *Palavra de Mulher*. Tanto que fixou no subtítulo e na própria capa: *Poesia feminina brasileira contemporânea*. Uma edição da Fontana, Rio, 1979, ao lado de nomes como Adélia Prado, Cleonice Rainho, Henriqueta Lisboa, Hilda Hilst, Lélia Coelho Frota, Lia Luft, Olga Savary, Renata Palottini e Stella Leonardos, entre outras. Zila participa com três poemas: *Bois Dormindo (1)*, (*O Arado*), *Ode às Secas do Nordeste e Retrato da Minha Mãe Costurando*, (*ambos de Corpo a Corpo*), parte inédita de *Navegos*, a reunião de sua poesia (1953-1958), lançado pela editora Vega, Belo Horizonte, Minas, 1978, estampado com ilustrações de finos traços.

Hortas vai buscar no livro *O Arado* o soneto *Bois Dormindo (1)*, dedicado ao artista plástico Tomé Filgueira, um clássico da moderna poesia do Rio Grande do Norte:

Bois Dormindo (1)

*A paz dos bois dormindo era tamanha
(mais grave era a tristeza do seu sono)
e tanto era o silêncio da campina
que se ouvia nascerem as açucenas.*

*No sono os bois seguiam tangerinos
que abandonando rêlhos e chicotes
tangiam-nos serenos com as cantigas
aboiadeiras e um bastão de lírios.*

*Os bois assim dormindo caminhavam
destino não de bois mas de meninos
libertos que vadiassem chãos de feno;*

*E ausentes de limites e porteiras
arquitetassem sonhos (sem currais)
nessa paz outonal de bois dormindo.*

O ano de 1984 tem a presença de Zila com dois poemas – *O Galo (Do Convento Santo Antônio)* e o soneto *Rua Trairi*, incluído pelo crítico Manoel Onofre Jr. no *Guia Poético da Cidade do Natal*, edição *Nossa Editora/Fundação José Augusto*:

*Nos cubos desse sal que me encarcera
(pedra, silêncio, picaretas, luas)...*

Um detalhe merece atenção na história editorial do poema *O Galo*. Registra Onofre o depoimento que ouviu da própria Zila sua mais perfeita tradução, como na canção popular. O *amigo morto* a quem o poema é dedicado é Djalma Maranhão, cassado e exilado no golpe militar de 1964, convenientemente omitido para certamente não despertar a ira raivosa e pouco inteligente dos censores.

Seis anos depois de *Palavra de Mulher*, em 1985, a poesia de Zila Mamede é estranhamente desconhecida pelo escritor Henrique L. Alves ao reunir, pelo critério das regiões brasileiras, os nomes de sua antologia *Poetas Contemporâneos*, edição *Roswitha Kempf Editores, São Paulo*. A exclusão parece mais injustificável na medida em que lá estão os poetas Diógenes da Cunha Lima, Homero Homem, Luís Carlos Guimarães e Sanderson Negreiros, seus conterrâneos e contemporâneos.

Uma Ponte

Em 1994, o poeta e escritor pernambucano Pedro Américo de Farias selecionou e publicou, em Portugal, a antologia *NOR destinos - coletânea poética do nordeste brasileiro*, editora Fragmentos, com sede em Lisboa. A escolha da poética nordestina ele explica na apresentação: ‘O Nordeste é o Brasil mais antigo’. E acrescenta, com entusiasmo e referindo-se ao Nordeste do Brasil, que a região representa *o mais vigoroso polo cultural*.

Na sua pequena coletânea, de apenas 120 páginas, abriga 53 poetas, com forte presença do Rio Grande do Norte. Lá estão, pela ordem, poemas de Aécio Cândido, Dailor Varela, Deífilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Diógenes da Cunha Lima, Franco Jasiello, Gilberto Avelino, Luís Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro e Zila Mamede. O organizador não resiste à grande beleza do soneto *Bois Dormindo*, um dos mais consagrados da poetisa de *Navegos*, mas pela primeira vez uma antologia seleciona *A Ponte*, poema do livro *Exercício da Palavra* (Fundação José Augusto, Natal, 1975). Sanderson Negreiros, ao prefaciar este que é o quarto livro de poemas de Zila, já avisa na sua apresentação que ali estava uma poesia que não peca por ser bem comportada. O poema:

A Ponte

*Salto esculpido
sobre o vão
do espaço
em chão
de pedra e de aço
onde não
permaneço
— p a s s o.*

Mais quatro anos, em 1998, a poesia zilamamediana retorna às páginas de uma nova antologia de circulação nacional, agora or-

ganizada por Assis Brasil na série sobre a Poesia do Século XX que chegou a mapear vários estados. Aqui, no Rio Grande do Norte, a edição Imago, Rio, 1998, contou com o apoio da Prefeitura do Natal e reuniu 66 poetas, todos apresentados no padrão da coleção: um pequeno texto de teor biográfico, síntese da vida intelectual do autor, e dois a três poemas, em média.

O verbete dedicado a Zila Mamede seleciona os poemas *Rua Trairi* (Salinas, 1958), *Moenda (O Arado)*, (1959), e *Partida (Navegos)*, (1978). O crítico Assis Brasil invoca a *Antologia Poética* de Milton Godoy Campos para concordar com a sua classificação da poesia de Zila Mamede como pertencente à estética da Geração de 45 que, para ele, Godoy, se revela ao retomar o soneto para consagrar o esmero da forma e a riqueza do seu ritmo, sem perda de uma moderna dicção no seu jogo metafórico.

O ano de 2001 será muito promissor para a poesia de Zila Mamede, morta desde dezembro de 1985. Logo em março, a editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte lança *Literatura do Rio Grande do Norte*, das professoras Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo. Um vasto panorama da prosa e da poesia. Encimados por um verbete sobre a vida e a obra da poetisa de Nova Palmeira, Paraíba, e a quem ela dedica seu terceiro livro, *O Arado – ‘A Nova Palmeira, terra mãe, fonte, raiz, chão do meu chão’* - a poesia zilamamediana está representada por nove poemas: *Partida, Chamado, Retrato, Banho (rural), A Apanha, Milharais, Bois Dormindo (I), O Galo e Retrato de minha mãe costurando*.

Constância e Diva também são organizadoras da antologia *Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte*, edição *Limiar*, MG, 1999, e onde a presença de Zila é fixada em dois poemas: *Canção do Vento e do Teu Amor* e algumas estrofes de *Flamengol*, este, certamente, uma das experiências poéticas mais ousadas da poesia zilamamediana, de um ritmo impecável, com certa dicção onomatopáica, realizando no jogo das palavras o jogo de futebol, mas estranhamente transcrito de forma incompleta.

A poetisa de Nova Palmeira também está entre os sonetos selecionados pelo poeta e ensaísta Jarbas Martins, em *14 versus 14*, Boágua Editora, Natal, 1994, que não deixa de ter um corte igualmente antológico naquilo que classificou como ‘Itinerário do Soneto Norte-Rio-Grandense’. Ao lado de nomes como Henrique Castriciano, Auta de Souza, Homero Homem e Ferreira Itajubá, entre outros, Martins selecionou *Chuva*, um soneto que entrelaça e alterna os dois quartetos com os dois tercetos, numa forma pouco comum na história e na prática editorial e gráfica do soneto no Rio Grande do Norte.

Ainda em 2001, Zila Mamede é o único nome do Rio Grande do Norte a figurar na importante e consagrada antologia de âmbito nacional - *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século*, seleção de Ítalo Moriconi, edição Objetiva, Rio. *Banho (rural)* é o poema escolhido. Sua construção tem uma dicção longa que se estende em onze tercetos, e começa assim:

*De cabeça na mão, céus nos cabelos
À tarde era que a moça desertava
Dos arenzés de alcova...*

Tão estranhas quanto as ausências assinaladas nas antologias de Walmir Ayala e Henrique L. Alves, é a omissão da poesia de Zila Mamede na antologia *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século*, organizada por José Nêumanne Pinto e lançada pela Geração Editorial, 2001, São Paulo. Uma ausência que parece mais relevante pela presença única de Dailor Varela representando o Rio Grande do Norte. Com um pequeno verbete de algumas linhas, e onde apenas relaciona os livros publicados por Varela, Nêumanne resume a produção poética com o poema-processo *Signo*, do livro *Do Meu Caderno Amarelo*, 1994, um poema visual e experimental representado por seis esferas.

Dois títulos marcam a presença de Zila Mamede no ano de 2007: a antologia *Roteiro da Poesia Brasileira*, no volume *Anos 50*, seleção de André Seffrin, edição Global, São Paulo, ao lado de Sanderson Negreiros; e em *Uma História da Poesia Brasileira*, de Alexei Bueno, *Germakoff Casa Editora*, Rio. Bueno não transcreve um poema de Zila, mas a cita na relação dos principais nomes da Geração 45. Na sua história o nome local de maior destaque é Deífilo Gurgel, a quem classifica de *poeta lírico notável*, e transcreve na íntegra o soneto *A Praia*, impecável:

A Praia

*Daqui partiram rudes marinheiros
para as grandes viagens e aventuras,
com suas mãos de mar, calosas, duras,
rasgando novos rumos e roteiros.*

*Aqui sonharam ternas criaturas
em noites de luar, sob os luzeiros
das cúmplices estrelas nas alturas,
e a farfalhante brisa dos coqueiros.*

*A praia é testemunha da passagem
dos homens pelos séculos, na viagem
para os distantes e invisíveis portos.*

*E o pé que hoje a palmilha é o mesmo pé,
de antigos ancestrais mortos na fé,
mortos no amor, onipresentes mortos.*

Zila em francês

A presença mais singular de Zila Mamede acontece na França, em 2005, num pequeno e bem selecionado conjunto de poemas reunidos sob o título *Poésie et Chanson Brésiliennes*, publicado em Paris, volume da Mango Jeunesse, Coleção Dada, com *textos*

colhidos e traduzidos por Claire Chevalier-Leibovitz, capa e ilustrações internas de Aline Ahond.

Agrupados em torno de um mesmo crivo - poemas que tenham sido musicados - daí o título geral de poesia e canção, o livro tem 19 autores dos mais consagrados poetas-compositores do Brasil, como Dorival Caymmi, Chico Buarque de Holanda, Milton Nascimento, Belchior e Antônio Carlos Jobim, poetas da magnitude de Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e Raimundo Correia, assim como a presença inesperada de Machado de Assis e Roberto Carlos.

Entre os grandes nomes, três norte-rio-grandenses, pela ordem: Dailor Varela, Zila Mamede e Dorian Gray Caldas.

Dailor tem o poema Cotidiano n. 1:

*No espelho
o riso diário
posto na escova de dentes...*

De Zila Mamede Chevalier-Leibovitz selecionou o soneto Bois Dormindo (1) que ele traduz pondo o artigo - Les Boeufs Endormi; e de Dorian Gray o poema *O Pobre Pescador de Gauguin*. Eis o poema:

*Tua canoa
de rio,
tua cuia
de beber.
teu silêncio,
sabe mais
do que se vê...*

Os dezenove poemas são farta e luxuosamente ilustrados em policromia, edição com tamanho e formato de álbum. Grande, impresso em papel couchê, e encadernado em capa dura cartonada. Tem a apresentação do antologista e da ilustradora, e um pequeno verbete sobre cada um dos 19 autores. Tudo em francês, com tradução para o português de cada poema, em páginas vis-à-vis, sob a direção editorial de Jean Poderos.

Por último, é justo registrar, e não deixa de ser uma antologia de títulos, o livro do ensaísta Anchieta Fernandes que incluiu em *Literatura RN - Livros selecionados*, Sebo Vermelho, Natal, 2011, a edição de *Navegos*, primeira reunião da poesia de Zila, na relação dos livros fundamentais da literatura no Estado. À segunda reunião, póstuma e completa, foi acrescentado *A Herança*, seu último livro, edição Pirata, Recife, 1984. Tem a cuidadosa apresentação do crítico literário Tarcísio Gurgel, numa edição da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003, capa e projeto gráfico de Afonso Martins.

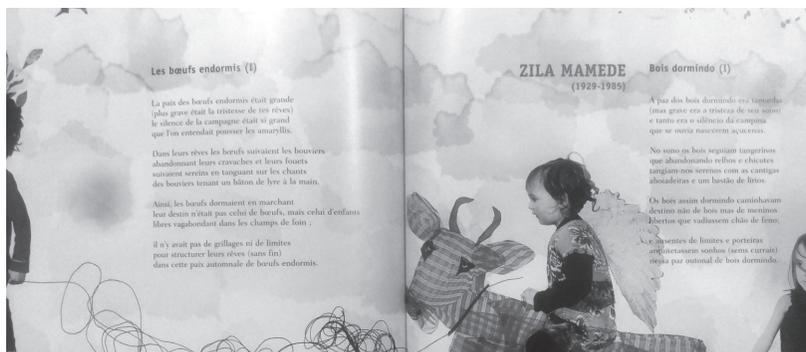
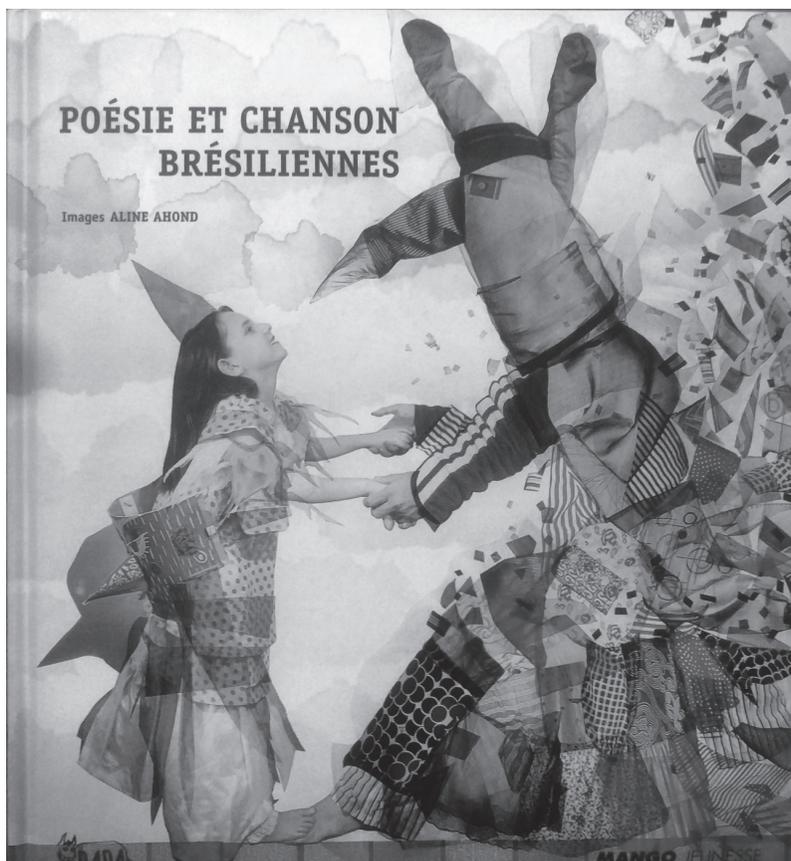
Para Tarcísio, na poesia completa de Zila, comemorativa dos cinquenta anos de sua estréia, em 1953 - é possível *perceber, no procedimento poético da autora, uma deliberada intenção de torcer o pescoço da eloquência, como recomendava Verlaine, e de excluir da expressão poética tudo o mais que fosse acessório, sem prejuízo do lirismo tão intenso que a mesma revela.*

É provável a participação de Zila em outros títulos não citados ao longo deste primeiro, breve e incompleto roteiro de sua presença em antologias de perto e de longe. Que venham outras antigas e novas presenças. Até que se possa traçar uma trajetória completa da grande poetisa que nasceu na pequena vila paraibana de Nova Palmeira, a 15 de setembro de 1928, há um século, e fechou os olhos para sempre na tarde do dia 13 de dezembro de 1985.

Viveu e morreu nas águas daquele seu mar que foi destino.

Natal, março de 2019,

Homenagem aos 100 anos de Zila Mamede.



VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.

PRESENÇA DE PALMYRA WANDERLEY NA IMPRENSA BRASILEIRA

Thiago Gonzaga



A illustre cantora sra. Julieta Telles de Menezes e sua gentil filha, em Natal, com a poetisa Palmyra Wanderley, em sua passagem por aquella capital nortista. Tres silhuetas graciosas poetizando a solidão do mar...

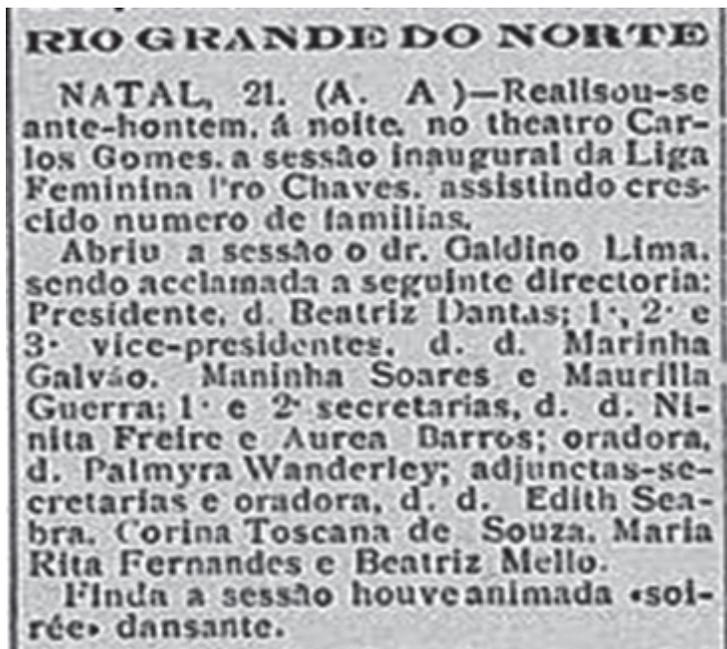
Destaque na Revista Fon-Fon – Rio de Janeiro 1930

Considerada uma das mais altas expressões da literatura potiguar, Palmyra Wanderley (1894-1978) nasceu e viveu em Natal, cidade cujas belezas exaltou em seu famoso livro *Roseira Brava*, publicado em 1930. A vida e obra da poeta têm sido objeto de

estudo, no âmbito do Estado, mas pouco se sabia sobre a sua projeção além dos muros provinciais.

A seguir daremos uma pequena amostra da participação de Palmyra em diversos jornais e revistas ao longo das décadas, não só no Rio de Janeiro, então capital federal, mas também em vários outros recantos do país.

A primeira notícia em jornal de outro Estado, que temos sobre Palmyra, encontra-se no “A Época” do Rio de Janeiro, datada de 22 de janeiro de 1913, anunciando a inauguração de uma Liga Feminina no Rio Grande do Norte. O evento aconteceu no Teatro Carlos Gomes de Natal, e oradora da noite seria Palmyra Wanderley. Interessante notar, que Palmyra ainda era bem jovem, mas já se destacava como uma mulher de iniciativa, praticamente adolescente já participando das atividades culturais e políticas da cidade.



Nota no Jornal A Época (RJ), em 1913.

No ano seguinte, o periódico “Heliópolis : Revista de Artes e Letras” (PE) - 1913 a 1917, publica uma nota, parabenizando Palmyra pela revista “Via Láctea”, que ela editara, em parceria com Carolina Wanderley.

Em 1916, “A Gazeta” (SP) - que circulou entre os anos de 1914 a 1933, publica numa sexta feira, 17 de novembro de 1916, uma nota sobre um evento no Rio Grande do Norte no teatro Carlos Gomes, denominado de “A Hora Literária”, promovido pelo Centro Cívico Literário Frei Miguelinho , à frente do qual estavam Pamyra Wanderley e Moysés Soares, Oscar Brandão , Ivo Filho e Henrique Castriciano.

Em 1918 , no jornal “Commercio do Acre : Orgam Independente” (AC) que circulou entre os anos de -1915 a 1918, consta matéria relacionada a uma crítica sobre a “Revista Feminina”, publicada na cidade de São Paulo. Essa revista, saía com várias resenhas de livros, dentre eles “Esmeraldas”, que nossa Palmyra acabara de publicar.

A Revista Feminina - 1917 a 1920 , publicou uma nota, elogiando Palmyra , uma das colaboradoras, anunciando o lançamento do livro “Esmeraldas”, patrocinado pelo Governo do Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1917.

Em 1917, a Revista da Semana (RJ) - 1900 a 1918, publicou versos de Palmyra e Carolina Wanderley, incluindo imagens das duas em suas páginas.

O “Jornal Pequeno” (PE) que circulou entre 1898 e 1955, publicou nada menos que 17 artigos e notas sobre Palmyra Wanderley.

Em 1919 “A União” (RJ) - 1905 a 1950, publicou uma espécie de poema em prosa de Palmyra:

A conversão de um grande jornalista

Ao ilustrado e virtuoso sacerdote padre Pedro Paula Barbosa

Era um sabido. Da vida, em meio da floresta,
erdeu-se no arvoredor, abysmou-se entre abroihos
Da verdade não via o clarão pela fresta,
Mais e mais aumentando o negror dos escolhos.

Deus, porém, escolheu uns lábios de creança,
Mimosos e pura flôr dos beijos maternas,
Para chamar essa alma, estéril de esperança,
Ao caminho da Graça, ao roseiral da Paz!

Fol a bocca de um filho, aberta em floração
De virtude, de amor, de bondade e carinho,
Que de rosas cobriu do pae o coração
Onde, outrora, a descrença encontrára o seu ninho.

De seus filhos, talvez, fosse o menos amado,
O derradeiro fructo aberto para a luz...
— « Tem o genio tão mão!... » — « Hel de vel-o mudado,
— Dizia a esposa, a rir, — « quando hospedar Jesus »

E o esposo indiff'rente achava mesmo incrível
Que o pão material, sem ter outro valor
Pudesse transformar — parecia impossível, —
A fera em anjo, a lama em astro, o cardo em flôr.

Mas, a mãe começava a ensinar a doutrina,
E o menino a mudar o genio, o modo, a fala.
Como, ao influxo do sol, a neve se illumina,
E ao sussurrar da brisa o perfume trescala.

.....
E um dia, depois da Santa Missa ouvir,
Ao encontro do pae o pequeno caminha...
— « Meu Jesus lá do Azul ao meu peito ha de vir
• E não quero que encontre uma planta daminha.

• Bem sabeis, meu papae, que se aproxima agora
• A manhan em que Deus baixando lá do Céu,
• Busca o meu coração... Desponta a luz da aurora
• Da Graça, a me aclarar, rompendo o negro véo. »

« Quero o vosso perdão! Passe em vossa lembrança
• Tudo quanto vos fiz; pesar, desgosto, magua,
• E eu prometto não mais, tendo em Deus confiança,
• Fazer do meu papae os olhos rasos de agua. »

— « Filho meu, accudiu, um pae perdôa tudo,
• Por mais grave que seja a culpa de seu filho.
• Nada tenho a accusar, o meu labio está mudo,
• Pois te vejo seguir da perfeição no trilho.

« Ama sempre a teu Deus, trabalha em sua vinha,
• Aos deveres fiel; escuta quem t'o diz!...
• E assim farás na vida, ó candida andorinha,
• Feliz a tua mãe, teu pae sendo feliz! »

— « E' o que peço a Jesus, elle nos ama tanto,
• Que me ajude a ser bom, puro como um jasmim.
• Hel de ser de meus paes da velhice o aureo manto
• O consolo na dôr... papae, rezae por mim.

« Um pedido, porém, eu vos tenho a fazer,
• E' em nome de Deus que eu cumpro esta missão,
• Desejo que papae vá a Jesus receber,
• No dia em que eu fizer Primeira Communhão! »

O jornalista, então, ouvindo-o commovido,
(O' implos que passaes, escutae, escutae.)
Beijou na fronte o filho e disse enternecido:
— Hoje, ao teu Confessor, irá tambem teu pae.

E assim, de um filho a voz onde a Graça floria,
Revocou do peccado a alma do pae chagada...
Levando para a Fé, um sabio que descria,
Ao redil da virtude a ovelha tresmalhada!

Natal (Rio Grande de Norte).

Palmyra Wanderley.

Em 1920 Palmyra publicou na “Revista Feminina”, um poema intitulado “Viver Para Cantar Quando eu Morrer”, que foi publicado em Roseira Brava anos depois com o titulo “Não Cantes Mais.”

Entre 1920 e 1929 Palmyra Wanderley publica intensamente em jornais e revistas de todo o Brasil, por exemplo, no “O Estado do Paraná: Jornal da Manhã” (PR), ela publicou um poema denominado “A Seca” (1926)

Na Fon-Fon, uma revista semanal muito famosa à época, no Rio de Janeiro, que circulou entre abril de 1907 e agosto de 1958, Palmyra Wanderley foi destaque mais de trinta vezes, entre os anos de 1930 e 1939. A seguir algumas amostras da participação dela no periódico.

— 20 — FON - FON 10 - 8 - 1939.

Ciumes

*Gostas tanto do mar!
E eu me fico tão triste,
Tão triste!
Só em pensar
Que tu gostas, assim, tanto do mar!*

*Tu gostas mais do mar do que de mim!
Porque dizes que o mar é verde
E que as serenas têm verdes as tranças...
Mas, tu não és
Que eu tenho
A alma toda verde de esperanças!*

*Tu gostas mais do mar do que de mim!
Porque dizes que o mar
Te embala o sono
Como a tua mdezinha
Te embalava em menino
Numa eterna canção...
Mas, tu não sentes
Que sou eu que te embalo, agora com os meus versos,
Que sou eu que te nino
Com agrado o coração?!*

*Tu gostas mais do mar do que de mim!
Porque dizes
Que o mar contigo brinca sem enfado!
Mas, tu não brincas comigo, toda vida
De namorado?*

*Tu gostas mais do mar do que de mim!
No entanto,
O mar te engana e eu não te iludo!...
Eu gosto mais de ti do que de tudo!
Do que da luz, do que do céu, do que do sol:
Do que da mata verde amanhecida,
Mais do que da clareira
A cheirar toda em flor...
Porque tu és para mim a Natureza inteira!
Porque tu és para mim o ritmo da vida!
Porque tu és o amor!*



PALMYRA Wanderley é uma poetisa nordestina, que, pouco a pouco, vai conseguindo projectar a irradiação de seu nome além das fronteiras de seu Estado. Nasceu no Rio Grande do Norte, em agosto de 1904, filha do dr. Celestino Wanderley e de d. Anna Wanderley, educou-se no collegio da Immaculada Conceição.

Tendo feito a sua iniciação literaria, fundou e dirigiu, com successo, durante algum tempo, uma revista feminina, em Natal, intitulada «Via Lactea».

Publicou «Esmeraldas», livro de versos, e, mais tarde, uma conferencia sobre assumptos femininos. Escreveu uma opereta, «A festa das cores», que foi levada, com successo, em Natal e manteve, durante dois annos, n.º «A Republica», do Rio Grande do Norte, uma secção denominada: «Subtilidades femininas». É collaboradora de diversos jornaes do paiz e possui, como «disseuse», uma technica pessoal, que a torna inconfundivel no turbilhão das suas collegas.

Versos de
Palmyra
Wanderley

Destacamos o elogio do poeta Alberto de Oliveira, um dos maiores poetas brasileiros da época, a Palmyra



O poeta Alberto de Oliveira, que é sempre aquelle fascinado das coisas bellas e da arte pura, agradeceu como um verdadeiro príncipe dos poetas que é o poema «Roseira Brava», que a sua autora, Palmyra Wanderley, lhe offereceu. O agradecimento do artista do «Livro de Ema» está synthetizado nos versos que abaixo publicamos.



PALMYRA WANDERLEY

*Quanto perfume
Nesta "Roseira Brava" em que arde o lume
De tua inspiração! Bendita a lyra
Que em tuas mãos repôz e assim suspira!
E que feliz és tu, que a alma ansiosa
Abres de verso em verso ou rosa a rosa!
Para mim que estou velho, ainda o canto
É de meus dias o maior encanto.
Penso (aqui entre nós, Poetisa amiga)
Que esta vida não vale uma cantiga.*

ALBERTO DE OLIVEIRA

Petropolis — 10 de Janeiro de 1930. — Rio.

A seguir outro destaque: a Academia Brasileira de Letras concede menção honrosa ao livro “Roseira Brava”, em 1930.

4 - 7 - 933

FON - FON

— 31 —

COCAINA

Quando o homem encontra uma mulher bonita, pôde estar certo da sua desgraça.

* * *

A mulher, na ocasião de confessar a idade, perde sempre a memoria...

Marion.

A Academia Brasileira de Letras esteve, segunda-feira ultima, reunida em sessão solenne para comemorar o 14.º aniversario da morte do seu grande benfeitor, o saudoso livreiro Francisco Alves de Oliveira, e proceder á distribuição dos premios aos laureados nos concursos literarios de 1930, entre os quaes figuram os poetas: Henriqueta Lisboa, Palmyra Wanderley, Peregrino Junior, Berilo Neves, Oliveira e Silva, Pedro Motta Lima, Paschoal Carlos Magno, Mucilo Araújo, Guedes de Mello, Chermont de Brito e Sebastião Fernandes. A gravura ao lado fixa um detalhe da solennidade, vendo-se ahí o presidente da Academia, dr. Fernando de Magalhães, e a deão de Barrozo e Ademar Tavares, quando fazia a entrega do premio que coube ao laureado Sebastião Fernandes.



O “Estado do Paraná : Jornal da Manhã” (PR) - 1925 a 1926, publicou outro poema de Palmyra, em 1926, Felicidade, publicado também em Roseira Brava no seu lançamento.

Em 1939, publica –se, o poema Bem-Te-Vi, no “O Tico-Tico” : Jornal das crianças (RJ) - 1905 a 1961

“O Operário” de Minas Gerais, publicou em 1933 uma crítica sobre o livro Roseira Brava.

Registro Social

Uma irmã gêmea de Bilac

(Especial da U. B. I. para o «O Operário».)

Palmyra Wanderley, autora de “Roseira Brava”, que obteve menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, é uma poetisa de raça, senhora de todos os segredos da beleza.

Já dissemos, certa vez, que o Rio Grande do Norte, onde ela vive mergulhada na sedução enorme das suas pratas, não comportava uma inteligência tão polydrôica.

A metrópole de há muito já deveria ter sequestrado essa irmã gêmea de Bilac.

O seu talento exige um campo de ação mais consentâneo com os seus lances insolitos.

Se vivesse no Rio, onde pudesse irradiar para a periferia as fulgurações da sua inteligência, seria hoje um nome nacional, familiar a todos os espíritos.

Os versos que se seguem são de Palmyra Wanderley, escritos especialmente de Natal, onde ela se encontra, para a União Brasileira de Imprensa. Ela os construiu às pressas, como tudo o que sai da sua pena vertiginosa, somente para atender a uma solicitação nossa.

Mesmo assim, eles dizem bem da esplendida poetisa potyguar:

ESSE TEU BEM

Tem qualquer cousa de selvagem, tem,
Qualquer cousa de espinho e de flor silvestre
Pela correnteza carregada,
Esse teu bem,
Que às vezes dóe e ao mesmo tempo agrada.

E' doce, agora, amarga de repente
Essa maneira tua
De gostar do coração da gente,
Essa maneira tua de entender
Até parece, às vezes, mal querer.

E' rude este teu bem, mas é gostoso, é . . .
Tem um tanto de doce e um que de azedo,
Sabe a mal de coelho e a fruta agreste
Apanhada do pé
De manhã cedo.

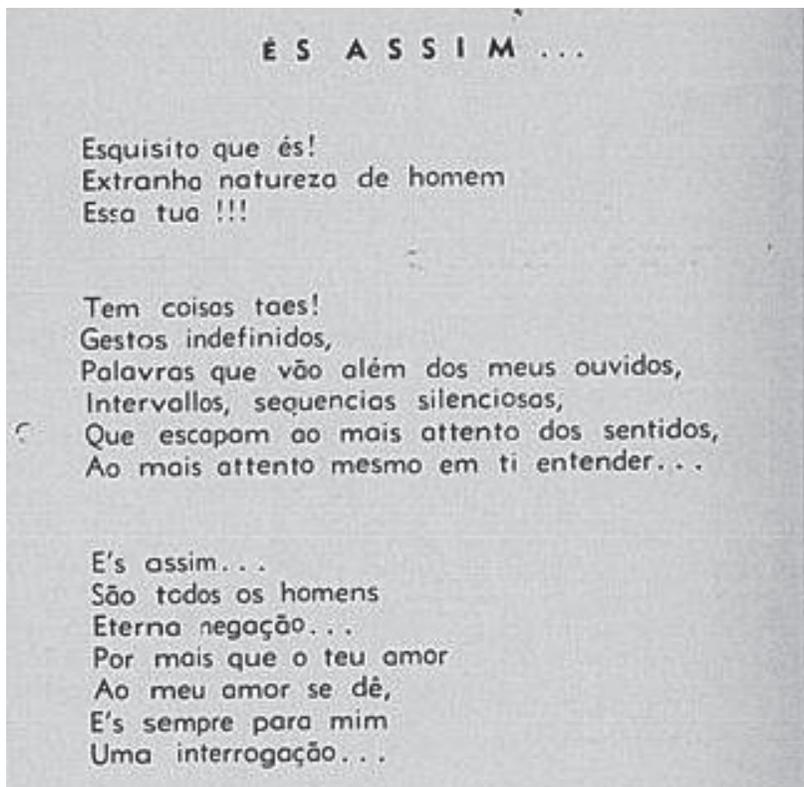
TORMENTA

Noite de Inverno,
Toda a casa dorme
Em vão me queixo
Em vão lamento,
Em vão maldigo,
Do silêncio da noite a extrema calma
O tic-tac de um relógio antigo
Marca a maior tormenta da minha alma.

Penso em mim. Penso em ti, na minha vida,
Que as tuas mãos traçarem sem saber . . .
Sofro a condenação de não ser entendida
E a pena ainda maior
De nunca te entender.

Em 1935 a Revista Beira Mar, do Rio de Janeiro, publicou três poemas de Palmyra, “Teu Bem”, “És Assim”, e “Tormenta”.

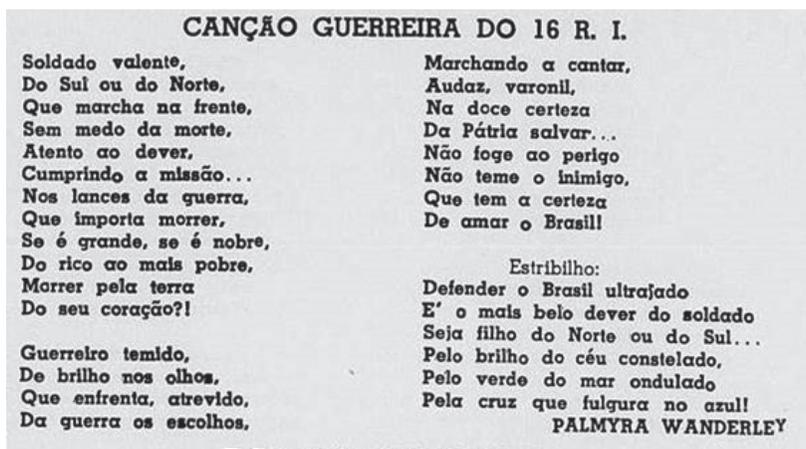
Destacamos o poema “És Assim”, pois não se encontra em “Roseira Brava”.



No “O Malho”, famoso jornal da época, Palmyra foi notícia 27 vezes. Ela publicou por exemplo, o poema “Esse teu bem”, de “Roseira Brava”, em 1935, nas páginas do periódico. Uma edição do famoso jornal destacou a atuação literária de Palmyra na capa.

Na década de 40, Palmyra Wanderley começa a diminuir sua participação nos jornais, e começa a aparecer menos nos periódicos.

Destacamos uma publicação dela na “Vida Doméstica” (RJ), 1944, em plena Segunda Guerra Mundial:



Na década de 50, Palmyra praticamente some da imprensa; todavia publica o que seria sua última participação na revista Fon-Fon com o poema “Tormenta”, de Roseira Brava.

Nos anos 60, as notas e artigos sobre Palmyra se resumem aos jornais locais.

Nos 70, curiosamente não encontramos nenhum jornal que desse nota ou matéria sobre o falecimento da poeta ocorrido em 19 de novembro de 1978. Apenas um pequeno registro no “Diário de Natal”, de 1978, a respeito do necrológio feito pelo poeta Diogenes da Cunha Lima à beira do túmulo, afirmando que “Palmyra deveria estar transformada em flor junto de Nossa Senhora”.

Abaixo um gráfico com o nome dos jornais que encontramos com a participação de Palmyra Wanderley, durante as décadas de 20 e 30 do século XX. A fonte para todos os dados é o site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

ENTRE 1920 E 1929

Nessa década, interessante notar que Palmyra começava a colaborar ,ainda, timidamente em alguns jornais, todavia, grande parte das notícias, era relacionada às atividades dela, como literata, como palestrante e ativista do feminismo. Interessante notar, também, o enorme sucesso que Palmyra fazia em Pernambuco, sendo sempre festejada pela Academia Pernambucana de Letras, com homenagens e eventos realizados com a presença dela.

Diário de Pernambuco (PE) - 1920 a 1929 (23 vezes) ;
Jornal de Recife (PE) - 1858 a 1938 (16 vezes); Pequeno Jornal :
Jornal Pequeno (PE) - 1898 a 1955 (12 vezes); A Provincia (PE)
- 1920 a 1933 (8 vezes) ; Fon Fon : Semanario Alegre, Politico,
Critico e Esfusiante (RJ) - 1907 a 1958 (7 vezes); O Estado do Pa-
raná: Jornal da Manhã (PR) - 1925 a 1926 (7 vezes) ; O Paiz (RJ)
- 1920 a 1929 (6 vezes) ; A Manhã (RJ) - 1925 a 1953 (3 vezes)
; Revista Feminina - 1917 a 1920 (3 vezes) ;A União (RJ) - 1905
a 1950 (3 vezes); Careta (RJ) - 1909 a 1964 (2 vezes); Jornal do
Commercio (AM) - 1905 a 1979 (2 vezes) ; Jornal do Brasil
(RJ) - 1920 a 1929 (1 vez) ;Correio da Manhã (RJ) - 1920 a 1929
(1 vez) ; O Dia (PR) - 1923 a 1961 (1 vez) ; Diário de S. Luiz
(MA) - 1920 a 1949 (1 vez) ;O Jornal (RJ) - 1920 a 1929 (1
vez) ;A Nota (CE) - 1917 a 1921 (1 vez); Jornal do Commercio
(RJ) - 1920 a 1929 (1vez) ; República (SC) - 1858 a 1937 (1 vez)
; A.B.C. : Politica, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes
(RJ) - 1915 a 1934 (1 vez).

Entre 1930 e 1939

A década de 30 representa um verdadeiro *boom* na carreira literária de Palmyra Wanderley, com ela marcando presença na imprensa de vários estados brasileiros, como pode-se ver nos dados relacionados.

O Malho (RJ) - 1902 – 1953 (27 vezes) ; Fon Fon : (RJ)
- 1907 a 1958 (12 vezes) ; Diário de Noticias (RJ) - 1930 a 1939
(10 vezes) ; Diário de Pernambuco (PE) - 1930 (6 vezes) ; Jornal
de Recife (PE) - 1858 a 1938 (6 vezes) ; Jornal do Brasil (RJ) -

1930 a 1939 (5 vezes) ; Jornal do Commercio (RJ) - 1930 a 1939 (5 vezes); Correio da Manhã (RJ) - 1936 a 1939 (4 vezes) ; Diário Carioca (RJ) - 1930 a 1939 (4 vezes); O Paiz (RJ) - 1930 a 1934 (4 vezes) ; A Noite (RJ) - 1930 a 1939 (4 vezes) ;O Jornal (RJ) - 1930 a 1939 (3 vezes); Pequeno Jornal : Jornal Pequeno (PE) - 1898 a 1955 (3 vezes) ; O Imparcial (MA) - 1926 a 1946 (2 vezes); A Nação (RJ) - 1933 a 1937 (2 vezes); Diário da Noite (RJ) - 1930 a 1939 (2 vezes) ; A.B.C. : Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes (RJ) - 1915 a 1932 (2 vezes); O Radical (RJ) - 1932 a 1943 (2 vezes) ; Revista da Semana (RJ) - 1930 a 1939 (1 vez) ;Revista da Semana (RJ) - 1930 a 1939 (1vez) ; Beira-Mar : Copacabana, Ipanema, Leme (RJ) - 1922 a 1955 (1 vez) ; O Dia (PR) - 1923 a 1961 (1 vez); O Estado (SC) - 1930 a 1939 (1vez) ; A Província (PE) - 1920 a 1933 (1 vez); O Tico-Tico : Jornal das Crianças (RJ) - 1905 a 1961 (1 vez); Vida Capichaba (ES) - 1925 a 1940 (1 vez); Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 (1 vez) ; A Batalha (RJ) - 1929 a 1941 (1vez); Diário Nacional : A Democracia em Marcha (SP) - 1927 a 1932 (1 vez); A República: orgam do Partido Republicano (PR) - 1888 a 1930 (1 vez); A Esquerda (RJ) - 1928 a 1931 (1 vez); Anuário das Senhoras (RJ) - 1934 a 1958 (1 vez); República (SC) - 1858 a 1937 (1 vez) ; A Gazeta (SP) - 1914 a 1933 (1 vez) ; O Operário (MG) - 1932 a 1945 (1 vez).

THIAGO GONZAGA é escritor e pesquisador. Mestre em literatura comparada pela UFRN. Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Os Grãos – Ensaio Sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e outros livros.

É PRECISO REDESCOBRIR MYRIAM COELI

Manoel Onofre Jr.

Não tenho receio de afirmar: Myriam Coeli é uma das mais altas expressões da literatura brasileira contemporânea. Juntamente com Zila Mamede e Auta de Souza, ela representa a melhor contribuição do Rio Grande do Norte, em termos de poesia de mulher, para as letras nacionais.

Como se tem dito, a literatura do nosso Estado distingue-se pela numerosa presença de mulheres poetas (poetisas, dizia-se antigamente) em bom nível qualitativo. Vale ressaltar que esse fenômeno delineou-se a partir da geração a que pertencem Zila e Myriam. Depois destas duas estrelas-guias sobressaíram-se Marize Castro, Diva Cunha, Nivaldete Ferreira, Iracema Macedo, Carmen Vasconcelos, Anchella Monte e Rizolete Fernandes - incluídas em antologias consagradoras. Já Edna Duarte, Socorro Trindad e Clotilde Tavares, embora poetas de valor, destacaram-se bem mais na prosa de ficção. Merecem registro outras poetas, igualmente relevantes, com suas obras em construção, tantas, aliás, que seria enfadonho enumerá-las.

Que outro Estado da federação brasileira possui semelhante constelação de mulheres poetas? Qual a razão da riqueza dessa poesia produzida por mulheres, no RN? Seria o exemplo dado por Zila Mamede e Myriam Coeli?

Vida e obra de Zila já se acham bastante estudadas, inclusive na área acadêmica, em dissertações de mestrado, teses de doutorado e livros. Myriam, porém, não tem despertado tanto interesse por parte dos estudiosos das nossas letras.

Artista e artesã, Myriam Coeli exercitou a palavra exaustivamente, objetivando a medida certa da expressão. Nisto poucos dos nossos poetas a igualam. Nada se perde no seu verso claro e

rico de imagens. A sua linguagem poética está a merecer estudos de fôlego, que expliquem, por exemplo, a revalorização do adjetivo, o emprego de termos inusitados (esplendidez, impercebível, etc) e tanta coisa mais.

Luís Carlos Guimarães, referindo-se àquele aspecto – a expressão precisa – sintetiza: “Interação exata entre ideia e forma. A limpidez da palavra para expressar a limpidez do conteúdo.” (in “Pois é a Poesia”, 2002).

Numa dedicatória que me fez, em seu livro “ Cantigas de Amigo” a própria Myriam deixou entrever a sua constante luta com a palavra.

Disse:

“Como é insólita a palavra! Que profundidade ela encerra! Presos estamos a ela, quando em nós instala o seu reino.

Estas

CANTIGAS

DE

AMIGO

foram escritas com o coração. As palavras, tentei-as, (como tentei-as!) por a alegria do verso, o vigor da mensagem.

Este livro é para o amigo

Fraternalmente

Myriam Coeli”

Além da quase obsessão com a expressividade, há um outro aspecto a ser estudado na poesia de Myriam Coeli : a versatilidade,

que a faz ir, com a mesma segurança, do “ Livro das Odes” aos “ Cantos de Oferta e Servidão” (em “ Vivência Sobre Vivência” – Editora Universitária- UFRN, 1980) e daí às “Cantigas de Amigo” (Natal: Editora Clima, 1980).

Restrinjo-me a estes breves enfoques, pois, na verdade, o meu objetivo, na presente nota, não é analisar em profundidade a poesia de Myriam Coeli, mas apenas chamar atenção para o seu nome.

Infelizmente, a sua obra – composta de mais três títulos, afora os já mencionados – ainda não obteve justo reconhecimento. Myriam viveu, produziu e lançou seus livros no restrito círculo da província ;daí o motivo da pouca ou nenhuma projeção do seu nome no cenário da literatura brasileira. Mesmo em nossa cidade Natal – dói constatar! - vai caindo no esquecimento*.

É preciso, pois, redescobrir Myriam Coeli, Urgentemente.

- 0 -

Nascida em Manaus, a 19 de novembro de 1926, Myriam Coeli de Araújo veio criança de colo viver com as tias Ana Carolina, Carminha e Candeias, em São José de Mipibu (RN), cidade que ela considera “sua terra de nascimento de fato”. Estudou no Grupo Escolar Barão de Mipibu, no Atheneu Norte-rio-grandense (Natal) e na Faculdade de Filosofia, da Universidade do Recife, onde recebeu o diploma de bacharela em Letras Neolatinas. Mais tarde, como bolsista do Instituto de Cultura Hispânica (1954), cursou jornalismo na Escola Oficial de Periodismo de Madri, Espanha.

Fixando-se, definitivamente, em Natal, Myriam Coeli divide-se entre o jornalismo, o magistério e as letras. Consta que foi “a primeira mulher potiguar a frequentar profissionalmente uma redação de jornal em Natal” (Diário de Natal, 25-02-1982). Colaborou em vários jornais, dentre estes, “Tribuna do Norte”, “A República” e “Diário de Natal”. Paralelamente às atividades jornalísticas, ensinou no Atheneu, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de

Natal, na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em escolas municipais e, por último, na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (atual IFRN), na qual aposentou-se por motivo de doença.

Do seu casamento com o jornalista e escritor Celso da Silveira nasceram dois filhos: Cristiana Coeli e Eli Celso, este poeta e escritor.

Sua estreia em livro deu-se com “Imagem Virtual” (Natal: Imprensa Oficial-RN, 1961), poemas, de parceria com o marido. Seguiram-se ao longo de décadas, os títulos já mencionados - “Vivência sobre Vivência” e “Cantigas de Amigo” - “Inventário” (Rio de Janeiro/ Natal: Edições Achiamé Ltda./Fundação José Augusto, sem data - Prêmio de Poesia da FJA - 1981), “Da Boca do Lixo à Construção Servil/O Livro do Povo” (Edição comemorativa do 10º aniversário do falecimento da autora – Natal: Boágua Editora, 1992)

Myriam Coeli de Araújo Dantas da Silveira faleceu em Natal a 21 de fevereiro de 1982, após longa luta contra o câncer.

Em memória da poeta, deu-se o seu nome a uma rua no bairro Dix-Sept Rosado, em Natal, bem como a uma escola pública estadual em Nova Natal.

*Notável o trabalho do escritor Celso da Silveira, em memória da grande poeta, sua primeira esposa.

BIBLIOGRAFIA SOBRE MYRIAM COELI.

BARRETO, José Jácome. **A Arte Poética de Myriam Coeli.** Natal: Editora Clima, 1988.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **A Poesia Norte-rio-grandense no Século XX.** Natal/ Rio de Janeiro: Fundação Cultural Capitania das Artes/Imago Editora, 1998 - pág. 114 a 118.

CHAVES, Irma. O jogo da Criação. Natal: Editora Clima, 1984 - pág 65 a 79.

CIRNE, Moacy. A Poesia e o Poema do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1979 - pág. 56.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711- 2011) . São Paulo :Editora Escrituras, 2002.

DUARTE, Constância Lima. Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte. Natal: CCHLA-UFRN, 1994 - pág. 77 a 96.

..... **Uma Leitura de Cantigas de Amigo, de Myriam Coeli**, in “Vivência”, CCHLA-UFRN, vol. 8, nº. 2, Natal, 1994 - pág. 77 a 96.

DUARTE, Constância Lima - MACEDO, Diva Cunha Pereira de. Literatura do Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 1999 - pág. 373 a 380. 2ª ed. rev. e aum. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 2001- pág. 397 a 404.

.....**Literatura Feminina do Rio Grande do Norte.** Natal: . Sebo Vermelho/ UNP, 2001-pág. 219 a 224.

.....**Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte.** Belo Horizonte: Edições Limiar, 1999. .

FERREIRA, José de Anchieta. História - Fatos e Fotos. Natal-RN Gráfica e Editora Ltda., 1996 - págs. 53 e 54/5 e 6 dos Anexos.

FLORES, Conceição. Dicionário de Escritores Norte-rio-grandenses : de Nísia Floresta à Contemporaneidade. Natal:E-DUNP, 2014, pag. 268 e 269.

FLORES, Conceição/ FERREIRA, Ilane: Memória, Amor e Morte em Inventário, ode Myriam Coeli. Revista Decifrar, vol. 4, n.28 , p.37 a 52, fevereiro de 2016.

FLORES, Hilda Agnes Huben. **Dicionário de Mulheres**. Porto Alegre : Nova Dimensão, 1999, pág. 507a 508.

FREIRE, Dorian Jorge. **Os Dias de Domingo**. Natal: URRN/ Livraria Independência/ RN Econômico, 1991- pág. 176 a 181.

GUIMARÃES, Luís Carlos. **Pois é a Poesia** (Seleção e organização: Ricardo Luís Lins Guimarães). Natal: Fundação José Augusto .2002 . pág. 77 a 82 .

GURGEL, Défilo. **400 nomes de Natal** (Coordenação : Rejane Cardoso). Natal :Prefeitura Municipal de Natal, 2000, págs. 569 e 570.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal : Argos Editora, 2001, págs. 100,101 e 230.

JORGE, Franklin, *et alii*. **Myriam Coeli** .Natal: Boágua Editora, 1997.

LIMA, Diógenes da Cunha. Natal - **Biografia de uma Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1999 - pág. 216 a 218.

MACHADO, Inês Kaúla. **Myriam Coeli - Um Testemunho de Fé**. Natal: Boágua Editora, 1992.

.....**Mulheres do Brasil**. Vol. 4. Fortaleza: Editora Multigraf, 1993 - pág. 207 a 230.

SILVA, Amélia Cristina Reis. **A Prática Docente de Myriam Coeli na Década de 1960**. Dissertação de Mestrado (UFRN), Natal : 2005.

SILVEIRA, Celso da. (Organizador). **Ave, Myriam**. Natal: Editora Universitária - UFRN/ Editora Clima, 1984.

..... (Org.) **Myriam Coeli** (Para lembrar os 70 anos do nas cimento e 15º do encantamento da poeta Myriam Coeli, ocorridos, respectivamente, em 19.11.96 e 21.02.97). Natal: Boágua Editora, 1997

SILVEIRA, Eli Celso de Araújo Dantas da. **A Escola Myriam Coeli** in “Educação em Questão”. CCSA/ Dep. de Educação da UFRN, Natal, 1992 - pág. 192 a 194.

TAVARES, Diva Sueli. **Cantigas de Ontem e de Hoje; um Estudo Comparativo Entre as Cantigas de Amigo de Myriam Coeli e as Cantigas Medievais de D.Dinis**. Dissertação de Mestrado (UFRN. Natal, 1999).

WANDERLEY, Rômulo. **Panorama da Poesia Norte-rio-grandense**. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965 - págs. 10 e 11.

NOTA

Depois de escrito este artigo, teve o autor notícia do lançamento do livro “Myriam Coeli -Branco e Nanquim”, que enfeixa toda a obra da poeta em boa hora organizado por Eli e Cristiane de Araújo Dantas da Silveira ,filhos de Myriam Coeli e Celso da Silveira.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor. Desembargador aposentado. Autor de “Chão dos Simples”, “Ficcionistas Potiguares” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

CAT PERSON PROPÕE CHARADA AO FEMINISMO

Nelson Patriota

[...] Eu tinha lido livros o suficiente na vida para saber que, quando você encontra uma coleção de feitiços escondida no fundo da estante da biblioteca municipal, tem que tentar pelo menos um deles.

K. Roupenian

A igualdade de direitos entre homens e mulheres é uma das bandeiras de luta do feminismo contemporâneo que mais tem ganho evidência. Observe-se, por exemplo, o cuidado com que os americanos (homens e mulheres) lidam com as ideias de chefe e chefia, e como a palavra chairman (literalmente: homem em chefia) foi sendo paulatinamente trocada pela neutra “chair person” (literalmente, pessoa em chefia). A impessoal “person” se estende a setores da vida americana imprevisíveis, como “dog person”, “cat person” etc., que, todavia, nada têm a ver com chefia ou cargos de C.E.O., mas que preservam a neutralidade entre os sexos.

“Cat Person” não corresponde ao nosso “gato” ou “gata” como atributos felinos quando pespegados a pessoas, enaltecendo sua beleza, elegância, sensualidade etc. “Cat person” designa tão somente a pessoa que mantém uma relação afetivo-existencial com gatos. É com essa palavra-valise (Haroldo de Campos) que a escritora Kristen Roupenian acaba de inscrever seu nome na literatura

americana com o livro *Cat Person e outros contos* (Companhia das Letras, 2019, tradução de Ana Guadalupe). A propósito, é digno de nota o trabalho de tradução da obra, que procura interpretar os modos e gírias de larga circulação na fala brasileira de hoje.

Mas nada acontece por geração espontânea ou graciosidade aleatória nos contos de Roupenian. Sua estreia teve lugar nas páginas da *New Yorker Magazine*, no ano passado, justamente com o conto “Cat Person” e, diga-se de passagem, tal burburinho causou que projetou o nome da autora para além do cenário doméstico. A presteza com que a Companhia das Letras acaba de lançar o livro no Brasil é reveladora da universalidade de alguns temas ali tratados. Nos referimos a temas femininos/feministas (reconhecemos nossa dificuldade em distingui-los). Por exemplo, o tema do sexo não consentido, particularmente judicializável na cultura americana contemporânea, o protagonismo feminino cada vez mais presente nos relacionamentos.

Com “Cat Person” (o conto), Roupenian joga com certas nuances e ambiguidades do ato sexual, retirando dele o caráter definitivo de consentido/não consentido. A narrativa, contada do ponto de vista da protagonista, explora hesitações, incertezas, projetos e planos de uma mulher que descobre que fez uma má escolha ao sugerir disponibilidade sexual e desejo erótico por um homem 15 anos mais velho (ele tem 35 anos), embora não fique de todo claro o quanto essa diferença de idade pesaria nas escolhas da jovem. O fato é que ao chegar ao clímax da relação, a narradora descobre que havia se enganado, mas que, em vista da forma por demais veloz que os acontecimentos tomaram, percebe que não é mais razoável recuar daquele ponto. Em consequência, faz sexo sem curtir o sexo, por “desencargo de consciência”, acrescentaríamos. Nesse caso, poder-se-ia falar de abuso, de sexo não consentido, de sexismo machista ou coisas assim? A questão está em aberto, pois parece que só agora o feminismo americano se deu conta da existência de tais nuances. Em contraste, o feminismo francês (Catherine Miller, Mireille Mathieu etc.) já admitiu que certa dose de

violência, certa tomada de iniciativa pelo homem, certa prerrogativa da força é inerente ao ato sexual. Mas não está claro ainda, se o caso “Cat Person” se inclui nesse elenco de possibilidades. Outro exemplo dos “excessos” sexuais explorados por Roupenian é o conto “Vontade de morrer” e tem a ver com violência como ingrediente desencadeador da libido feminina.

De todo modo, “Cat Person” não é o único texto – dentre os doze selecionados – digno de atenção no livro de estreia de Kristen Roupenian, sem demérito para os demais. Destacariamos outros quatro contos não menos perturbadores (mas cada leitor pode fazer outras escolhas, ou ainda ficar com todos). Um deles tem o estranho título de “O espelho, o balde e o velho fêmur”, sendo os demais: “O cara legal”, “Não se machuque” e “O sinal da caixa de fósforos”. O primeiro é um conto gótico, que narra a descida ao inferno de uma princesa autista e, portanto, incapaz de amar a não ser a si mesma. Roupenian busca no universo dos contos maravilhosos os elementos capazes de tornar plausível sua narrativa-limite. O segundo, é um libelo contra o amor, na linha defendida por Laura Kipnis em seu livro *Contra o amor* (Record, 2007, 2ª. Ed., trad. Ryta Vinagre). A rigor, “O cara legal” conta as desventuras em série de um certo Ted (o tal “cara legal”) em busca da garota perfeita. Texto mais longo de “Cat Person”, a história de Ted reúne uma sucessão de detalhes tão incrivelmente corriqueiros da vida americana que vale como um tratado de sociologia dos costumes. “Não se machuque” retoma, em certa medida, os aparatos do conto gótico, fazendo recurso a livros de magia, cristalização do objeto de desejo numa criatura meio humana meio-demoníaca – uma espécie de Golem, e revestindo tudo de um clima de intimidade crescente entre a mulher-feiticeira e seu objeto cobiçado. Um final surpreendente encerra a narrativa, digna de uma Patricia Highsmith ou de um Poe. O mesmo pode ser dito acerca de “O sinal da caixa de fósforos”, que retrata um jovem casal às voltas com males do corpo e doenças da alma em crescente sintonia.

Não custa lembrar que vivemos em tempos de #Metoo, esse indignado movimento feminista contra o assédio sexual, nascido em 2017 nas páginas do New York Times, e que terminou por causar profundas mudanças e expurgos no show-business americano, daí expandindo-se mundo afora. São tempos agitados e nervosos os que sopram por esses dias na América. O que, de certo modo, aumenta as responsabilidades – que já não são poucas – de quem se aventura pela literatura. Afinal, o amor (esse anônimo sem rosto que se esgueira por trás de cada história de “Cat Person”), deve ser responsabilizado pelo fracasso de tantos Teds e outros “caras legais” que andam por aí? K.R. prefere guardar distância de juízos de valores, haja vista que seus personagens são seres comuns que trabalham, sonham, elaboram projetos, arriscam-se num relacionamento amoroso com afeição e insegurança, idealizam pessoas inalcançáveis, e sofrem, quer as conquistem quer não. Principalmente, a autora sabe que as pessoas mudam, as circunstâncias mudam, e o frenesi de viver também corre o risco de se apagar...

Laura Kipnis, no seu livro acima referido, afirma: “Vivemos uma época sexualmente interessante, o que significa uma cultura que consegue ser ao mesmo tempo hipersexualizada e conservar suas escoras puritanas em proporções exatamente iguais”. Não custa lembrar que apenas dezesseis anos nos separam do momento de otimismo descrito pela autora de *Contra o amor*. Mas ainda dá para confiar nas “escoras puritanas” que ela vê em condições parelhas às do “tempo hipersexualizado” de hoje, tão distante do feminismo liberal de Betty Friedan e Gloria Steinem, dos anos 1960? Livros como “Cat Person” ajudam a problematizar questões dessa ordem, mas suas qualidades literárias não devem ser negligenciadas em nome de uma “sociologia literária” ou “feminista”. A prevalência do literário é uma condição indispensável a todo livro de ficção e “Cat Person” esbanja literatura.

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário, poeta e jornalista, autor de “Uns Potiguares”, “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

FIGURAS FEMININAS

HOMENAGENS

Valério Mesquita

NADIR MEIRA GARCIA

Naquele dia frio e chuvoso de agosto, a Praça das Flores amanhecera mais triste. Havia falecido a mais antiga inquilina do seu jardim: Nadir Garcia. O casarão na confluência das ruas Dionísio Filgueira e Joaquim Manoel estava sombrio e silencioso. O frontispício e os interiores da casa me restituíam o casal: Enock e Nadir, numa doce e suave empatia com o passado que aproxima as pessoas na distância do tempo e permite magicamente a confraternização de gerações cronologicamente afastadas. Foi aí, nessa visão, que estabeleci a simbiose perfeita com o nosso passado em Macaíba, lá no sítio do dr. Enock, a residência urbana da família na minha meninice, ao lado dos primos Roosevelt, Franklin, Wallace, Ana e Enoquinho.

A intercorrespondência íntima das duas memórias reveladas faz-me captar sinais ainda perceptíveis, rumores audíveis, movimentos distintos, brotados do fundo da vida social, política e familiar da Macaíba dos anos quarenta e cinquenta – que apesar de conhecidos e gastos com a morte de Nadir, parecem sepultar a última herdeira desse universo desaparecido.

Mesmo aos noventa anos de idade, ela ainda detinha a energia dos cristais, o senso agudo de observação das coisas ao seu redor. Lembro-me do seu estilo informal de receber e acolher as pessoas, o brilho intenso dos olhos que lembrava os da sua mãe Amélia Násia Mesquita Meira, minha tia, símbolo admirável de fidelidade, caráter e honradez. Dela, a filha herdou a tenacidade e a autenticidade de ser.

O que impressionava em Nadir era o lado político arrebatado, decidido e determinado. Quando se envolvia, a política virava paixão avassaladora, pois não sabia cultivar a neutralidade. Ainda tremulam na fachada daquela casa, como um milagre de transfiguração, as imensas bandeiras de suas crenças partidárias, pois não tinha medo de assumir a sua identidade coletiva. A idade avançada não lhe trouxe melancolia nem o desinteresse pelos problemas da vida e dos filhos. Buscava sempre o estímulo e o alento para desencadear o movimento da maturidade de viver os netos e reviver os sonhos encantados que sonhou com o seu Enock.

Por tudo isso, não é demais reconhecer que Nadir desempenhou um papel importante na educação dos filhos e, ao lado do marido, no desbravamento dos caminhos da política, da advocacia, da administração pública e da vida do lar.

Posto-me, novamente, diante da casa da Praça das Flores na certeza de que o passado não passa. O vento forte e monolítico finge permitir que tudo leva e lava. Os meus olhos de vidente retrospectivo passeiam nos corredores, revendo antigas cenas, cristaleiras, porcelanas, armários, lustres e conversas soltas de antigas vigílias. Ali, ainda vejo Nadir e Enock cercados de filhos e netos, apascentando o tempo e cultivando as flores.

A CENTENÁRIA ESTEFÂNIA

“Estefânia de Freitas nasceu em 26 de dezembro de 1908, em Macaíba, e faleceu em 1º de abril de 2009. Causa mortis: falência múltipla dos órgãos. Morreu em Natal no Hospital Universitário Onofre Lopes, onde estava internada por complicações de um marca-passos. Era evangélica da Assembleia de Deus, à qual se congregou após os 90 anos de idade. Era viúva e tinha dois filhos: José de Freitas (Zé Lourinho) e Ismar Fernandes Duarte (Duartinho). Notabilizava-se como cozinheira regionalista. Preparava pratos como galinha à cabidela, galinha torrada, bife assado batido na cebola, doce de coco com mamão, tapioca com coco e outros, como ninguém os preparava¹.

Também era benzedeira (às escondidas). Rezava só para os íntimos. Balbuciava algumas palavras santas até que o galho de suas mãos murchasse. Durante muitos anos sua casa era referência nos dias de sábado (dia de feira); o ‘point’ da época – aonde as pessoas que vinham da zona rural sempre a procuravam para “deixar” suas compras. Era um festival de feijão verde, de objetos de alumínio, de bananas, de farinha de mandioca, etc. Vale salientar que tudo isso só tinha graça porque havia o famoso café de dona Ester, que ela servia generosamente aos hóspedes ‘relâmpagos’.

Para encerrar, destaco que recordar D. Ester é lembrar-se do tempo, da história do tempo em Macaíba. Havia em sua casa uma radiola ABC, de madeira, através da qual ouvia-se a patrulha policial. Lá estava ela todos os dias, pontualmente às 11h30 para ouvir as notícias sensacionalistas. E ai de quem a interrompesse! Levava tremenda bronca quem bagunçasse.

Ela admirava o programa de Auta Vieira e a elogiava bastante. Ester sempre rejeitou televisão, tanto é que nunca quis uma em sua sala. Sua paixão era mesmo o rádio e os discos de vinil do Trio Nordestino. Até aproximadamente os 98 anos de idade. A conversa com D. Ester convertia-se numa aula de hábitos e costumes, de memória viva. Sem exageros, um relato seu faria inveja a qualquer aula inaugural de Ariano Suassuna. Quem atrapalhasse Ester ou mudasse de conversa, era trabalho perdido, pois ela retornava à história com uma precisão perfeita. Palmas para ela”.

Até aqui, falou o seu neto Hérveton Duarte, odontólogo, macaibense. Palavras pontuais e retrospectivas da trajetória, do cotidiano, de um ser simples, boníssimo e solidário. A sua calçada, à Rua Dix-Sept Rosado, tornou-se uma das preferidas do velho Mesquita para beber o seu cafezinho preparado pelas mãos miraculosas de Ester. Ali, prosperava o papo com mestre Augusto, seu esposo, na oficina ao lado. A tarde morria, lentamente, mas ressuscitava todos os dias para os mesmos hábitos da fraterna amizade. Relacionamento que nascera desde Ritinha (Rita de Freitas, de Luis de Freitas, seu filho), exímia na piladura do café, lá na Rua do Cajueiro (Baltazar Marinho).

Estefânia foi tudo isso que Hérveton falou e mais ainda: de todas as múltiplas virtudes, dos seus belos gestos e traços caracterológicos destaco o da extrema lealdade aos amigos. Sofreu grandes perdas ao longo de sua centenária vida: a do esposo, a do filho Ismar (meu amigo e meu irmão), além de outros amigos e familiares próximos, mas, mesmo sozinha, arrostou os infortúnios, amparada pelos queridos netos. Ao amigo José Lourinho, filhos e netos, igualmente os familiares do inesquecível vereador e cancionista popular Duartinho, ofereço o meu ramalhete de emoções. Estefânia foi a óbito no mesmo mês (abril) e no mesmo hospital (Onofre Lopes) que seu Mesquita morreu. E até na extinção da vida eles foram solidários. Adeus comovido a Ester, pois ainda me lembro dos últimos acenos nas noites verânicas e festivas das antigas passeatas políticas!

(1) Dona Ester, quando dispunha de boa saúde física, preparava uma paçoca no pilão como eu nunca vi igual. De “lamber os beijos”.

CENTENÁRIO DE SOFIA

Rua Voluntários da Pátria 722, Cidade Alta, Natal. Telefone: 2901. Era o endereço do casal Temístocles Duarte e Sofia de Andrade Duarte. Corria o ano de 1954. Eu chegara de Macaíba aos doze anos para estudar no Colégio Marista e neste lar me hospedei, trazido pelos meus pais. Sofinha, assim chamada carinhosamente por todos, era a filha caçula de Dario Jordão de Andrade e Sofia Curcio de Andrade, filha de imigrantes italianos. Mas, em minha tia, pontificavam os traços iniludíveis dos ancestrais europeus, cuja juventude em Macaíba e Natal chamava a atenção pela beleza. Herdou, ainda, de sua mãe a coragem espartana, quando enfrentou a viuvez – ainda muito jovem – genitora de uma prole de seis filhos: Clóvis, Nair (minha mãe), Dario, Floriano, Nilda e a própria Sofinha. Clóvis Jordão de Andrade foi funcionário federal da Alfândega em Recife, além de escritor e poeta com vários livros publicados. E Dario Jor-

dão de Andrade destacou-se na magistratura como juiz de Direito e jurista de reconhecido valor no Rio Grande do Norte.

Do casamento com Temístocles, funcionário concursado do Fisco Estadual, nasceram Sililde e Ticiano Duarte. Emerge, agora, como uma saga da memória, a primeira residência à rua 13 de Maio, hoje Princesa Isabel. Ali próxima, a modesta mercearia de minha avó, pois, a família Andrade sempre foi unida e pacífica sob o comando seguro da sua matriarca. Mas, Sofinha, era a líder incontestada dos irmãos. A sua palavra soava como a última em qualquer assunto, fosse familiar, político, religioso, comercial, etc.

Recordo o seu desempenho pragmático e ostensivo quando saía às compras com a mana mais velha Nair. Na “Nova Paris” de Nivaldo Bonifácio, avenida Rio Branco, após a sessão de prova de perfumes, minha mãe, antes de escolher, por hábito consuetudinário, consultava a irmã: “Sofia, esse perfume parece o melhor. O que acha?”. Sofinha, envolvente e itálica, gesticula e convence: “Nair, minha mana, é porque você não provou este”. Sob o olhar curioso de Nivaldo, a obediente Nair assentia docilmente. Relembro Sofinha, católica apostólica romana e sua fé fervorosa na Virgem Maria. Acompanhava-a no terço semanal do Patronato da Medalha Milagrosa, na Praça André de Albuquerque. Ela se destacava pelo espírito nato de liderar, opinar e persuadir. Sililde, Ticiano e eu não escapávamos de suas repreensões domésticas. Ali perto, na Voluntários da Pátria, a vizinhança amiga, a Padaria União de Avelino Teixeira Filho, e seu marketing aliciante: “impera pelo estoque, domina pelo trato e convence pelo preço”.

Por outro lado, testemunhei sua altiva disposição de luta e coragem espiritual na superação de obstáculos que ficaram em mim como radiosas manifestações do seu temperamento peninsular. A propósito dessa imagem recorrente, foi singular sua atitude de socorrer em Recife o irmão Clóvis, gravemente enfermo, tal qual uma rosa mística. O primogênito faleceu segurando as suas mãos samaritanas num momento trágico e emocional. Sofinha

me impressionava pela visão beatificadamente lírica da fé cristã, no exercício diuturno da recitação do terço e da condição humanitária de ser. Outra postura de sua incomparável beleza de proceder era a dramática e quase teatral exibição de se confessar macaibense, como se quisesse provar uma verdade científica, universal e superior de sua cidadania. Isso, comovia a todos. O centenário do seu nascimento nos reúne e nos une em torno de sua memória. Foi, apenas, uma mulher simples, do lar, da gente, despretensiosa, mas líder e responsável pela integração democrática da família que irradiava luz rara e personalíssima.

JOANETE RIBEIRO DE MOURA

Quando estou na rua da Cruz em Macaíba, eu vejo o tempo. Uma das reminiscências mais gratas da minha infância está exatamente situada nos números 39 e 40. É um cenário de lembranças inapagáveis de vultos e instantes vitais. Rua estreita, mas bicentenária, a rua Francisco da Cruz é um universo de recordações onde as Cinco Bocas continuam a ser o seu epicentro. Todas as artérias que convergem para ele são como estuários de rios antigos navegados por velhos moradores de histórias sem fim. A residência de número 39 é a de Dona Nair de Andrade Mesquita. Nela vivi praticamente toda a minha existência. Já rememorei em crônica o seu jardim e as dimensões emocionais dos seus habitantes e dos seus cômodos. Sempre foi a casa de portas abertas e o abrigo seguro dos pobres e desvalidos.

Nela estão gravadas nas paredes os gestos humanos do seu capataz, o velho Alfredo Mesquita, meu pai, que sempre resgatava o brilho dos seus olhos na visão repetida das ruas de sua cidade como eterno namorado e provinciano. A casa de nº 39 era a sua Escola de Sagres de onde nunca quis sair ou viajar porque se revigorava com o vento leste, do qual falava o poeta Gilberto Avelino. Preferia a janelinha aberta sobre a imensidão de sua aldeia, onde sempre viveu franciscano e disponível ao seu povo. O casal Mesquita e Nair foram habitantes permanentes da área da casa de número 40

dos amigos Francisco Canindé de Moura e Joanete Ribeiro Moura. Todos os dias, todas as noites, lanço um olhar retrospectivo e de saudade para a área e reencontro os seus alegres convivas: Mário Fernandes, Irene Monteiro, Dulce Matias (Dona), Cícero Pessoa, Anita Simplício, Mesquita e Nair, e comandando essa nave do tempo Seu Chico Moura e D. Joanete, que faleceu semana passada e hoje a relembro com ternura.

Veza em quando ia visitá-la. Renovo as lembranças, o jogo de sueca, o sorvete das tardes de domingo antes do jogo de futebol, onde eu ia menino, sob os cuidados de Chico Moura, seu marido, ao campo perto do velho cemitério de São Miguel. Revisito o mesmo mosaico e paredes da casa testemunhas de conversas políticas e mexericos sobre a vida da cidade. Recordo as lorotas e as frases de Joanete, extrovertida e alegre: “Juro pelos peitos da cachorra de João Facão!”. Ou a outra exclamação pesarosa quando escutava o sino da Igreja Matriz dobrando finados por alguém falecido: “Ai, meu Deus, quem será o triste da pancada do sino!”. Com minha mãe, durante muito tempo, formou uma dupla insuperável de apostadoras no “jogo do bicho”. Sistemáticamente “amarravam” o gato na milhar, na dezena, na centena e no grupo (gato é o nº 14). E durante mais de três meses, não deu gato na banca e daí desistiram por algum tempo. São histórias simples porque hoje Joanete agora é lembrança, é saudade. Sonhei e a vi no outro mundo sendo recebida por Chico Moura, Chambrinha sua filha, Mesquita, Irene, Dulce Matias, Anita sua irmã e todos os amigos que se foram. Fez-se silêncio na casa nº 40 da rua da Cruz. O seu número agora virou nome: saudade. São as transformações da vida.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, ex-presidente da Fundação José Augusto. Autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

GISELDA TRIGUEIRO, IMORTAL

Daladier Pessoa Cunha Lima

Sem contar com as mulheres que compõem o círculo do amor e do afeto familiar, três figuras femininas estão nas minhas lembranças de admiração, de bem-querer e de exemplo na forma de proceder perante as missões da vida: Irmã Beatriz, Giselda Trigueiro e Noilde Ramalho. Irmã Beatriz, freirinha franciscana do Colégio Nossa Senhora do Carmo de Nova Cruz, ensinou-me o abc, ensinou-me a ler e a escrever, enfim, ensinou-me a encontrar nas letras e nos livros a magia do mundo. Seguindo esse caminho, tornei-me médico e professor e, na medicina e na educação, tive a sorte e a felicidade de conviver, na prática dessas profissões, com Giselda Trigueiro e com Noilde Ramalho, de quem tenho a honra de ser biógrafo, com o livro *Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação*, 554 páginas, 2004. E Giselda Trigueiro? Deus me permita ainda ser seu biógrafo, mas, enquanto isso, escrevo mais um curto e justo louvor ao seu perfil humano e profissional, como está no texto a seguir.

Se fosse viva, Giselda Trigueiro teria 85 anos de idade em 18 de fevereiro de 2019. Nasceu em Vila Velha, Ceará, e faleceu em Natal, aos 52 anos, vítima de câncer de mama. Graduiu-se no Recife, nos cursos de filosofia e de medicina, e, em 1957, casou-se com o médico natalense Kerginaldo Trigueiro, seu colega na Faculdade. A família se completou com os nascimentos de Franca, Gustavo e Carla. Os dois primeiros seguiram a profissão dos pais, e a mais nova optou pela área do direito. Muitas pessoas somente conhecem o nome Giselda Trigueiro, porém, não sabem o quanto a vida dessa mulher representou para a medicina do Rio Grande do Norte. Não só para a medicina, mas também para diversas outras atividades, pois ela engrandeceu o cenário humano desta terra, com sua participação efetiva e com sua simpática presença. O

único hospital de doenças infecto-contagiosas do Estado tem o seu nome; nada mais justo, porquanto, a essa área de estudos, ela dedicou todo seu empenho de médica exemplar e de sábia mestra.

Não estava entre os professores fundadores da então Faculdade de Medicina de Natal – criada em 1955 –, mas merece destaque seu labor na área das doenças infecciosas e tropicais, desde os instantes primeiros do ensino médico no Estado. Nessa função, ao longo do tempo, fez escola. Com inteligência, denodo e árduos estudos, foi capaz de se afirmar como líder natural de uma equipe coesa, em função de um projeto de excelência no ensino e na pesquisa, além do desvelo total aos doentes, quase todos vindos de populações de baixa renda. Sou partícipe e testemunha dessa jornada humana, cultural e científica, vivida sob o teto do antigo Hospital Evandro Chagas, tendo à frente a figura singular da Dra. Giselda. Formou um núcleo acadêmico que mantém, até hoje, os ideais que ela deixou. Todos aprendiam muito no serviço clínico por ela criado e dirigido, tanto no que concerne à própria especialidade, quanto ao amor à medicina, além do respeito aos cânones da ciência e da ética.

Afora as funções de médica e professora, Giselda Trigueiro também foi chamada a assumir tarefas de gestão, as quais foram cumpridas sempre com o mesmo sucesso. Por cerca de 25 anos, ocupou a direção do Hospital Evandro Chagas, foi chefe do Departamento de Infectologia e Coordenadora do curso médico da UFRN; dirigiu a Associação Médica do RN e a Sociedade de Médicos Escritores do Estado. Manteve intercâmbios e vínculos com os mais famosos professores da especialidade no Brasil, e era expoente nacional no estudo clínico do tétano. Livre Docente pela UFRN, com vários trabalhos de pesquisa apresentados no Brasil e no exterior, criou a Residência Médica em Infectologia, da qual, a seu convite, fui o primeiro coordenador. Ao lado de ilustres colegas, fundou e integrou a Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Elegante – no sentido mais amplo da palavra –, era ativa, digna, culta e corajosa. Quando ouviu a sentença de que sobreviveria somente de 2 a 3 meses, devido ao avanço da doença, ela disse ao médico norte-americano que a tratava: “Obrigada Doutor, pelos seis anos de vida que o senhor me deu”. Consciente da inelutável situação de saúde, escreveu o próprio epitáfio, típico para a sua visão da vida e do mundo: “Aqui jaz Giselda, muito contra a vontade”.

Após sua morte, a Academia de Medicina do Rio Grande do Norte conferiu-me a tarefa de proferir a saudação de honras póstumas à querida confreira, tarefa que cumpri com grande emoção, em sessão solene da Academia, a 28 de abril de 1987. Alguns anos depois, a nossa Academia de Medicina voltou a prestar outra memorável homenagem à saudosa mestra e acadêmica, com o belo discurso da colega e amiga Ana Maria de Oliveira Ramos, durante sua posse na Cadeira 32, que tem Giselda Trigueiro como Patrona. Em suas proficientes palavras, Ana Maria de Oliveira Ramos, ex-aluna de Giselda, fala da sua primeira aula com a inesquecível professora: “Como num passe de mágica, uma sensação sublime, um encantamento maior se fez presente, como soe acontecer no amor à primeira vista. De repente éramos 41 jovens, embevecidos por seu saber, enamorados pelo seu modo de ser, e, sobretudo, apaixonados pela arte que ela passou a nos ensinar... A arte de ser médico!” Saúdo Giselda Trigueiro, imortal, pelo muito que fez em tão pouco tempo de vida.

Comecei este resumo biográfico citando três figuras femininas que importam na minha vida e na de muitas outras pessoas, pelos seus perfis humanos moldados ao longo dos seus dias no mundo. Termino com frases de José Saramago (1922-2010), Prêmio Nobel de Literatura 1998, autor em cuja obra distinguem-se fortes personagens femininas, e que vislumbrou no protagonismo das mulheres as chances de dias melhores para a humanidade. Em entrevista a Francisco José Viegas, em 1989 – Lisboa –, ele revelou: “Na verdade, daquilo que é substancial e essencial na vida, aprendi pouco com os homens e aprendi muito com as mulheres”. Seis

anos depois, em reportagem de Bia Abramo, publicada na Folha de S. Paulo, Saramago assim se expressou: “As minhas personagens verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas. Não é porque eu tenha decidido, é porque sai-me assim. Não há nada de premeditado. Provavelmente isso resulte de que parte da humanidade em que eu ainda tenha esperança é a mulher. (...) O que a humanidade necessita é qualquer coisa de novo, que eu não sei definir, mas ainda tenho a convicção que pode vir da mulher”.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é médico, escritor e professor. Reitor do UNI- RN, ex-reitor da UFRN. Autor de “Retratos da Vida”, dentre outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ANADIL ROSELLI

Jurandyr Navarro

Nascia, aos 09 de dezembro de 1918, em Natal, uma das filhas do então Deputado e líder católico Alberto Roselli, político, intelectual, jornalista, diretor do jornal “Diário de Natal”, da Diocese desta Capital.

A adolescência e mocidade de Anadil presenciaram o desempenho do seu genitor pelas causas sociais e políticas, num mundo que se dividia, na época, em ideologias antagônicas.

Mas ela não seguiria o roteiro vocacional do genitor, o advogado, o jornalista, líder católico e político militante.

Afastada dessas disputas sociais, isolou-se Anadil, encontrando no silêncio do estudo o refúgio protetor de uma alma ainda em flor e a satisfação pessoal. E essa escolha redundaria num sucesso continuado e definitivo, dedicando-se à investigação da ciência médica.

Anadil Roselli, pela tenacidade e amor projetou-se, anos depois, na área da Medicina, alçando-se a uma posição privilegiada e invejável no campo da Patologia. A sua competência na investigação científica lembra mulheres celebrizadas, que na Antiguidade, na Idade do Meio e na Modernidade impressionaram os doutos dessas fases históricas, pela inteligência e sabedoria.

O nome dessa natalense ilustre recebeu o reconhecimento e o aplauso da sua classe e consagração na especialidade abraçada.

O desempenho do seu trabalho em confinados laboratórios ficou reconhecido internacionalmente. É ela uma das raras médicas brasileiras sócias da “The International Academy of Pathology”, dos Estados Unidos da América. Pertence, também, a diversos Institutos nacionais dentre os quais a Sociedade Brasileira de Patologia e a Sociedade Brasileira de Gastroenterologia.

Anadil Roselli é Sócia da Academia Nacional de Medicina, instituição fundada em 1829. Tomou posse como Membro Titular, aos 12 de setembro de 1995, em Sessão solene, na sua Sede própria no Rio de Janeiro.

Saliente-se que Anadil Roselli foi a terceira médica a ser recebida na Academia Nacional de Medicina, fundada há quase dois séculos!

Encerrando a Cerimônia de posse da nova Acadêmica, assim se expressou o Presidente da referida Academia, Professor e Acadêmico Rubem David Azulay, num trecho de seu discurso:

“... Vossa Excelência entra nesta Academia pelos seus méritos. Sabemos todos quão difícil é isso acontecer. Muitos o desejam, porém poucos o conseguem, e se Vossa Excelência o conseguiu é porque realmente tem os méritos necessários para o cargo que conquistou. Haja vista o seu trabalho no exterior, o seu trabalho entre nós, no Brasil. (...) A Academia de Medicina é uma Academia que vem do Império e ela se mantém até hoje porque seus membros têm sido escolhidos de uma maneira a mais elevada possível e, por isso, Vossa excelência, ao nela ingressar, vem completar esta plêiade de intelectuais que aqui labora”.

Tomou ela posse na Cadeira nº 96 da Seção de Ciências Aplicadas à Medicina e Farmácia, ocupada, antes, pelo Acadêmico Onofre Ferreira de Castro, Cadeira cujo Patrono é Flodolpho Albino Dias da Silva.

Longo o seu Curriculum Vitae: deu inúmeros Cursos, participou de muitos Congressos, assembléias e Jornadas científicas, no Brasil e no Exterior. Participou de Comissões Examinadoras, Colaborou em Monografias, Teses e Livros, recebendo prêmios. Trabalhos publicados, no Brasil e no Exterior.

Sua participação em Sociedades Científicas: Sócia Efetiva da Sociedade Brasileira de patologistas, 1957; Membro do American Society of Pathologists, 1960; Membro Titular Colaborador, Patologia do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, 1975; Sócio Benfeitor, Policlínica Geral do Rio de Janeiro, 1990.

Em Títulos, Concursos e Provas: Diploma de Internato de Anatomia Patológica, Faculdade Nacional de Medicina, 1940/41; Laboratorista por Concurso de Provas (1º lugar) - Anatomia e Fisiologia Patológicas, Faculdade Nacional de Medicina, 1941; Patologista, Hospital dos Servidores do Estado, de 1948 a 1970; Patologista, Hospital de Ipanema (INAMPS), 1970 a 1985; Professor Titular de Anatomia Patológica, Faculdade de Medicina da Fundação TécnicoEducativa “Souza Marques”, 1972 - 1980; Presidente Eleito da Comissão de Anatomia patológica, Centro de Estudos do Hospital de Ipanema - INPS, 1970 a 1972; Professor Adjunto de Urologia, Escola Médica de Pós- graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Centro de Ciências Biológicas e de Medicina, 1982.

Cargos de Chefia - Chefe do Laboratório de Anatomia Patológica, Hospital dos Servidores do Estado, 1949 a 1958; Titular de Anatomia Patológica, Faculdade de Medicina da Fundação Técnico Educacional “Souza Marques”, 1971 a 1980.

Prêmios e Homenagens: 2º prêmio do Melhor Trabalho Publicado The Association of Symptomatic Hiatus Hérnia and pyloric Pathology, 1970; prêmio Benjamin Baptista - Gastrite Alcalina pós-piloro-plastia - Pesquisa Experimental, 1970; Faculdade Técnico Educacional “Souza Marques”, das Turmas de 1976 a 1978; 1980, 1982 e 1983.

Atividades Editoriais - Membro do Conselho da Revista Colégio Brasileiro de Cirurgiões, desde 1986.

Na história da Ciência houve mulheres extraordinárias: Marie Curie foi uma delas. Descobriu os elementos químicos: o

polônio e o rádio, desmembrados da pechblenda, mineral de urânio. Esta cientista polonesa foi prêmio Nobel de 1903, de Física e prêmio Nobel de 1911, em Química. “Sábio nenhum, homem ou mulher, fora considerado, até então, digno de receber essa recompensa pela segunda vez”.

Nesse exemplo e noutros foi que a natalense se espelhou para alcançar o alto valor da sua obra científica, no campo da Patologia.

A conceituada esculápia Anadil Vieira Roselli, mercê de sua competência, enobreceu a ciência médica e enalteceu o Rio Grande do Norte por ter filha tão ilustre, gozando das honrarias tributadas somente a celebridades.

JURANDYR NAVARRO é escritor e professor aposentado da UFRN. Autor de “Páginas de Verão”, organizou a Antologia do Padre Monte e outros livros. Ex-presidente da Fundação José Augusto. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

SAUDADE E GRATIDÃO

Carlos Roberto de Miranda Gomes

A Academia Norte-rio-grandense de Letras decidiu que a sua Revista da ANRL deste primeiro trimestre de 2019 fosse dedicado às mulheres do universo literário potiguar.

Em razão disso, resolvi quebrar a sequência dos ensaios que vinha publicando sobre as Academias de Letras do Rio Grande do Norte, para atender a solicitação do Diretor Manoel Onofre Júnior, o que faço com singular satisfação, escolhendo como minha homenageada a saudosa acadêmica e amiga ANNA MARIA CASCU DO BARRETO, falecida em 15 do mês de janeiro de 2015.

Quando da sua passagem para outra dimensão da vida estava no meu tradicional veraneio de Cotovelo e, por isso, publiquei uma das minhas Cartas, que agora reproduzo, com alguma atualização:

CARTAS DE COTOVELO 07

SEXTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 2015

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Mais um janeiro triste, tanto quanto o foi aquele de 2012, com o falecimento do amigo Enélio Lima Petrovich. Agora encantou-se a estimada amiga e confrreira ANNA MARIA CASCU DO BARRETO (dia 15), deixando de luto toda a sociedade potiguar e, particularmente, os seus companheiros de Academia e Institutos Culturais, dentre os quais o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Instituto Norte-rio-grandense de Genealogia, União Brasileira de Escritores do RN, Academia Feminina de Letras, Academia Femi-

nina de Letras e Artes Mossoroense, a Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte e o Instituto Ludovicus, que tão zelosamente cuidava, dentre outros.

Anna Maria era uma pessoa plural, exercendo as mais variadas atividades no campo jurídico, cultural e social durante toda a sua existência.

Difícilmente faltava a uma reunião das entidades das quais participava, sempre mantendo íntegra a memória do seu extraordinário pai LUÍS DA CÂMARA CASCU DO e da sua mãe Dona DHÁLIA FREIRE CASCU DO, de origem macaibense.

O velho casarão da antiga Av. Junqueira Aires, 377, onde nasceu, que hoje tem o nome do seu pai, será sempre uma referência que lembrará a imortal escritora, jornalista, conferencista, folclorista, pesquisadora e Procuradora de Justiça.

A pranteada amiga, ao longo de suas brilhantes atividades, iniciada em A República, quando tinha 13 anos, depois jornalista com coluna fixa, radiofonia na Rádio Nordeste, atuação na TVU, tendo sido agraciada com incontáveis comendas e honrarias de instituições de todo o País: Ordem do Mérito Judiciário Militar, Presidenter de Honra do 44º Festival de Folclore – (Olimpia-SP), Medalha do Mérito Cultural Câmara Cascudo, da ALRN, Medalha do Mérito Tamandaré (Conselho do Mérito Naval), título Honra ao Mérito Cultural da cidade de Arez-RN, foi admitida na Grã-Mestra da Ordem do Mérito Naval (grau de oficial), Doutora em Leis – Sociedade Brasileiro de Criminologia (RJ), com tese defendida na presença do jurista Roberto Lyra, é Comendadora na Academia Brasileira de Arte, História e Cultura, selecionada como uma das 50 mulheres notáveis do Brasil, organizada pela Associação de Imprensa de Minas Gerais, indicada pelas escritoras Ana Maria Martins e Ligia Fagundes Telles, da Academia Paulista de Letras, oportunidade em que recebeu em Itabira(MG) o Troféu “Cecília Meirelles”, ganhou, ainda, o Troféu de Honra da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, e o certificado de conferencista da Faculdade de Ciência Umbandista.

Teve participação na fundação de várias entidades como a AM-PERN, ABRAJET, da Academia Feminina de Letras, da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte e ocupava a cadeira 13 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em que é Patrono Luís Fernandes e primeiro ocupante o seu pai e depois Oriano de Almeida, a cadeira 24 da ALEJURN, sendo Patrono o seu genitor e cadeira 20 da Academia Feminina de Letras, tendo como Patrona a poetisa Palmyra Wanderley, é ainda sócia correspondente da Academia Paulista de Letras, do Instituto Biográfico Brasileiro, sócia honorária da Academia Cearamirimense de Letras e artes “Pedro Simões Neto”.

Certamente deixará uma lacuna no mundo intelectual, mercê do seu dinamismo e da presença permanente nas sessões, saraus e vida social desta terra de Poty.

DEUS a receba na mansão Celestial, onde encontrará os seus ancestrais e amigos.





A notícia do seu falecimento foi fartamente alardeada pelas redes sociais, instituições culturais, blogs, jornais da terra e de outras plagas.

Anna Maria teve dois casamentos – o primeiro com o militar Newton Robertti Leite, tragicamente vítima de um assalto, com o qual gerou dois filhos (Newton e Daliana) e do segundo casamento com o saudoso engenheiro Camilo Barreto deixou Camila – todos agora administradores do rico acervo dos seus ancestrais.

As lembranças de ANNA são inúmeras, sendo enaltecida pelos seus amigos, cada um registrando uma particularidade.

Da minha parte, a par de uma convivência permanente na ALEJURN, dela recebi, inúmeras vezes, incentivo para que me candidatasse a uma vaga da ANRL. Em princípio não estava o assunto em minhas cogitações, somente despertada quando do falecimento do meu querido mestre Raimundo Nonato Fernandes, pretensão frustrada com o anúncio do convite ao meu estimado amigo e ex-aluno Marcelo Ribeiro Dantas, com quem jamais disputaria a vaga por deferência irreversível ao seu pai, meu amigo e benfeitor Múcio Villar Ribeiro Dantas.

Com o correr do tempo surgiu nova oportunidade, com o falecimento de Pery Lamartine e recusa do convidado Francisco de Assis Câmara, quando então providenciei a minha inscrição, sempre com o aplauso de Anna e incentivo de Manoel Onofre Jr. e Jurandyr Navarro.

Pois bem, fui eleito concorrendo com a escritora Naide Gouveia e consegui apertado o *quórum* legal, à época que era de 20 votos e obtive 21, oportunidade em que tive a confirmação da fidelidade e firmeza da palavra de Anna que, enferma, pediu que a família a levasse para o pleito do qual saí vencedor, que considero somente possível com o desprendimento daquela querida amiga. Possivelmente aquele foi o último dia que adentrou no prédio da nossa Casa de Cultura, ou seja 04 de novembro de 2014, tendo ela falecido dois meses depois.

Os seus inúmeros biógrafos informam seu nascimento em Natal no dia 13 de outubro de 1940; outros em igual data de 1936, esta última a mais provável, pois Anna formou-se na velha Faculdade de Direito da Ribeira, na sua primeira turma em 1959, aos 23 anos de idade, do contrário teria apenas 19 anos, o que induz a que tenha ingressado no curso quando tinha 14 anos. De qualquer forma, Anna foi aluna laureada. Tornou-se Promotora do Ministério Público do Estado e primeira mulher a atuar no Tribunal do Júri como representante do *Parquet*.

Mas, à margem dessa gratidão, devo acrescentar que o valor de Anna transcende a esses atos de extrema amizade, posto que pessoa dinâmica, eficiente e proficiente, sempre na linha de frente dos eventos mais importantes da nossa cultura, presente com sugestões e ações que garantiram o prestígio da Entidade, sem descurar de sequenciar seus trabalhos, igualmente festejados, os quais transcrevo em apertado resumo:

- 2002 – Câmara Cascudo, meu pai (discurso-plaquete).
- 2003 – Mulheres Especiais (críticas e depoimentos) 2003 - Mulheres Especiais 2 – Editora Global.
- 2003 – O colecionador de crepúsculos (foto-biografia de Câmara Cascudo) – Ed. Brasília (Gráfica do Senado).
- 2004 – Críticas & Depoimentos - – Natal: Nordeste Gráfica.
- 2004 – Aprendizado familiar com Luís da Câmara Cascudo (palestra) – Coleção Mossoroense.
- 2005 – Neblina na vidraça: Relembrando Palmyra Wanderley – DEI.
- 2005 – A matéria dos sonhos (discurso de posse).
- 2005 – O acendedor de esperanças (discurso de saudação a Ives Gandra).
- 2006 – Sortilégio e emoções (discurso de posse, como sócia correspondente, na Academia Paulista de Letras).
- 2006 – Registrando e lembrando (necrológico).
- 2006 – Uma mulher no universo masculino – crônica.
- 2006 – Conquistas femininas potiguaras.
- 2007 – Participação em “Perfil de uma amiga “Mulheres 4, da Academia Brasileira de Arte, História e Cultura, São Paulo.
- 2008 – Sinfonia de Cristal – Natal: Quatro Cores Gráfica e Editora.

2010 – Coronel Cascudo - o herói oculto – EDUFRN.
2011 – Saudades do meu pai – artigo.
2011 – Presença cascudiana nos países de língua portuguesa – artigo.
2011 – Maria Eugênia Maceira Montenegro – afinidades (tarde/noite de lembranças e saudade na ANRL) – necrológio.
2012 – Teotônio Freire: fragmentos de um legado. Natal: Inst. Câmara Cascudo.
2014 – Cascudo e Cinema – artigo.
2014 – A importância do essencial – artigo.
2014 – América: a claridade de uma estrela – necrológio.
2014 – Juvenal Galeno e Câmara Cascudo – semelhanças – artigo.
2014 – Leide Câmara: musicalidade acadêmica – discurso.
2014 - Pery Lamartine: o vôo infinito – necrológio.
2014 – Orixás e encantamentos – artigo.
Prefaciou inúmeros livros.

Obras consultadas:

Blogues e reportagens diversos.
Conceição Flores – Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade – Natal: EdunP, 2014.
Francisco Fernandes Marinho. Natal - Biografia do Rio Grande do Norte, 2003.
Francisco Martins (Org.) – Natal: Autores e Assuntos na Revista da ANRL (1951 a 2018). Carolina Cartonera.
Hilda Agnes Hubner – Dicionário de Mulheres. Florianópolis:

Ed. Mulheres, 2011.

José Soares Júnior – Ontem, Hoje e Sempre – 70 anos rumo à luz – volume I. Natal: ANRL, 2007.

Leide Câmara - Anotações pessoais e Memória Acadêmica. Natal: IFRN, 2017.

Thiago Gonzaga – Natal: Impressões Digitais, vol. II – Natal: CJA Edições, 2014.

Zelma Bezerra Furtado & Kacianni de Souza Ferreira (Orgs.) – Presença da Mulher na Literatura do Rio Grande do Norte. Natal: Jundiá: Paco Editorial, 2012.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor e professor, autor de *O velho imigrante* e outros livros. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN.

CASAMENTO NA FAZENDA

Benedito Vasconcelos Mendes

Raimundo Nonato, filho do Tio Ferreiro, da Vila de Santo Antônio do Aracatiaçu pediu a Francisca, filha do vaqueiro Sales, da Fazenda Aracati, em casamento. O Sales solicitou ao meu avô um pedaço de terra para o noivo construir sua casa de taipa, que foi prontamente atendido. O noivo e o seu sogro Sales escolheram um terreno elevado, próximo à margem do Rio Aracatiaçu, onde existia um frondoso Juazeiro para fazer sombra no terreiro. Nos finais de semana, Raimundo Nonato e seus amigos e parentes que moravam na redondeza começaram a construir sua casinha de taipa, com materiais retirados da natureza, madeira (linhas, caibros, ripas, esteios, forquilhas, madeira para portas e janelas e outras), barro para a feitura das paredes e palha de carnaúba para a cobertura. Era um costume sertanejo o noivo construir sua própria casa, em mutirão com familiares e amigos. Quando a casa ficou pronta, o Sales marcou o dia do casamento e pediu ao meu avô que solicitasse ao Padre Antônio José, da Paróquia da cidade de Miraíma, para oficializar o casamento na Fazenda Aracati. O Padre atendeu ao pedido do meu avô e aceitou a data sugerida pelo Sales, 24 de junho, dia de São João, para o casamento. Dona Lourdes, mãe da noiva, ficou encarregada de organizar a festa. Minha avó prometeu doar o vestido comprido de cetim de algodão e o véu de filó. Ela mandou comprar no Armazém de tecidos do Sr. Chico Neves (Francisco Neves Frota), em Sobral, cinco metros de cetim branco, para confeccionar o vestido comprido, com cauda, e chamou a Maria José do Estourôte, sua costureira, para confeccionar o vestido da noiva. Todas as roupas da família eram feitas por Maria José do Estourôte, na sua máquina de costura à mão, da marca Singer. Ela passava temporadas em Sobral, na Fazenda Aracati e no Sítio Frecheiras, na Serra da Meruoca, para remontar roupas velhas e

confeccionar novas roupas para toda a família. Ela costurava roupas de homens, mulheres e de crianças. O Estourôte, seu esposo, ficava permanentemente em sua residência em Sobral, em uma das fazendas do meu avô, às margens da estrada que saía para a cidade de Massapê (hoje zona urbana de Sobral). A referida costureira passava duas ou três semanas costurando para meus avós e depois voltava para junto de seu esposo. Passado um certo tempo, ia novamente para a Fazenda Aracati costurar para meus avós.

A cerimônia de casamento estava marcada para ocorrer às dezesseis horas, mas no início da tarde já estava tudo pronto. O altar improvisado com uma mesa, coberta por uma toalha branca, com dois carticais com velas, Bíblia Sagrada, uma imagem de gesso de São João e um crucifixo de madeira. O Padre Antônio José ficou encarregado de levar o seu material (hóstias, vinho, cálice, patena, toalhinhas de linho, sineta e outros materiais necessários à realização da Santa Missa e da cerimônia de matrimônio). Muita comida foi preparada para os convidados. O Sales matou um boi e dois carneiros para serem servidos cozidos e assados na brasa, com farofa de torresmo com farinha de mandioca, cuscuz de milho e arroz vermelho. O casamento foi realizado no terreiro da casa, ao ar livre. O ambiente estava muito bonito, enfeitado com flores silvestres, especialmente com flores de salsa, pau-branco, jurema-preta e de craibeira. Para evitar poeira, o terreiro foi molhado com água, trazida em ancoretas do Rio Aracatiaçu. Próximo ao horário marcado para o casamento, o Padre chegou e, em seguida, apareceu a noiva de vestido de cetim branco comprido, com cauda, com véu de filó e grinalda de flores naturais. Logo depois chegou o noivo de terno de brim branco, gravata borboleta e sapato preto de cadarço. Somente a noiva tinha padrinhos, que eram meus avós, que ao chegarem no local foram logo cumprimentar o Padre Antônio José e parabenizar os noivos. O Tião Ferreiro e sua esposa, pais dos noivos, e o Sales e Dona Lourdes, pais da noiva, ficaram ao lado do altar. Era grande a quantidade de cavalos selados, das pessoas que vieram de fazendas, vilas e cidades vizinhas para o casamento.

Naquela época, o principal meio de transporte na zona rural eram o cavalo e o burro de sela. Para as pessoas mais velhas, foram oferecidas cadeiras de tampo de couro, mas a maioria dos convidados permaneceu de pé durante toda a cerimônia de casamento. Após ter sido oficializado o sacramento religioso, foi repetido o costume da noiva jogar o buquê de flores de laranjeira para trás, para saber quem seria a próxima moça a se casar. Os cumprimentos aos noivos foram feitos ao lado do altar, na presença do Padre, dos Padrinhos e dos pais da noiva e do noivo. Depois teve início o jantar, acompanhado de muito Conhaque São João da Barra e Cachaça e de um alegre forró, que só terminou quando o sol raiou. Os músicos vieram da Vila de Santo Antônio do Aracatiaçu, situada a 20 quilômetros da Fazenda Aracati e logo no início da festa já ficaram bêbados, fazendo com que o Sales proibisse o fornecimento de bebida aos mesmos. Eram apenas quatro instrumentos musicais, uma sanfona, um zabumba, um ganzá de cabacinha e um triângulo. Ao amanhecer o dia, era grande a quantidade de bêbados dormindo no chão do alpendre. Para os idosos foram oferecidos redes e lençóis. Esta festa foi comentada durante muito tempo nas vilas e fazendas da região, por ter sido uma comemoração com muita comida e bebida. Um fato interessante ocorreu no dia seguinte, ao amanhecer o dia. Por ocasião da ordenha das vacas, era grande a fila de convidados na porteira do curral, para beber leite mungido e assim curar a ressaca da bebida.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor. Autor de “As artes na civilização da seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

CONTOS E CRÔNICAS



malatto.89



DUAS IRMÃS

Japeri Araujo

Morta e viva na casa da vizinha. Na verdade, sua irmã. Hosana era moça velha e morava sozinha, vizinha a sua irmã. Solteiras. Hosana não sossegava o dia todo. Também, não tinha o que fazer. Era da casa dela prá casa da irmã, dali prá igreja e voltava. Logo cedo entrava casa a dentro sem pedir licença. Cleonice era a mais velha e sempre ficava na cozinha, sentada numa cadeira de balanço, daquelas de ferro com fios de plástico colorido, formando desenhos geométricos. Olhava o quintal e a paisagem adiante que limitava seu horizonte. A mata seca, esturricada era apenas pontilhada por uns poucos verdes dos mandacarus e das juremas. Lá no limite da distância, o perfil da serra de Donana, presidia todo seu território de sofrimentos.

Ela fazia o de sempre. Rezava o terço de uma forma tão automática que às vezes embaralhava os tantos pai-nossos e ave-marias.

Hosana não respeitou nem a reza nem o silêncio de Cleonice.

- Comadre Cleó reza tanto, por que?

Cleonice que se gabava que não dava satisfação de sua vida, sequer desviou a vista da paisagem que olhava sem ver. Hosana insistiu em puxar conversa. Deveria ter alguma fofoca ouvida na roda de orações de toda manhã na igreja de São Sebastião.

- Rezar faz bem. Melhor do que viver escutando fuxico na igreja ou tomar um diazepam.

Hosana ainda tentou rebater, mas o olho mau da irmã fechou sua boca.

- Não adianta viver morta e viva na igreja e depois ficar de porta em porta levando e trazendo fuxico da vida alheia. Nem

eu casei nem você casou. Somos duas caritós. Vitalinas que não descolamos nada nessa vida. Nem um homem desses sem eira nem beira a gente conseguiu prá terminar a vida juntos. Mas você, não se conforma com a vida dos outros e vive procurando assunto de casamento. Se conforme, mulher, o que você tem desde o nascimento, a terra vai comer.

Hosana fez cara de choro e de cabeça baixa começou a olhar prá unhas gastas.

- Você se incomoda porque eu não vou a igreja e mais ainda, com as minhas orações.

-Víge maria, mulher, me desculpe, pensei que num tava incomodando.

Cleonice sentiu que dessa vez bateu forte no sentimento da irmã. Também todo dia era a mesma cantilena. “Por que você reza tanto?”. “Por que você não vai na igreja?” E ela doida prá dizer que era pelos tantos pecados que cometera. Mas a irmã já se adiantava.

- A gente não tem pecado algum. Pelo menos da carne. Falo por mim. Sou moça pura e inteira. Não me falta um pedaço sequer. A não ser um sinal de carne que tinha no pescoço e tiraram no posto de saúde. Não sou como essas doidas daqui que já deram o tampo prá num sei quantos. Eu não. Sou virgem e pura e quando eu morrer vou amortalhada de branco como Nossa Senhora de Fátima, com coroa de estrelas e tudo. Meu caixão, também vai ser todo de branco. Homem nenhum botou a mão em mim.

Cleonice continuou como se não ouvisse aquela cantilena, repassando várias vezes as contas do rosário e murmurando os tantos pai-nossos, ave-marias, glórias ao padre e meu Jesus perdoai-nos, contrariada com a conversa sem futuro da irmã que desconcertava sua oração da manhã. Era sempre assim. Mal se sentava na cadeira nos três momentos de pedir perdão a Deus, a irmã se aboletava no tamborete a sua frente prá contar a vida alheia. No começo ela dizia que ouvira os fuxicos do seu papagaio de estimação. Ele contava

tudo da vida dos moradores da cidadezinha. Quem traia quem, quem roubava da Prefeitura, quem botava água no leite de ganho e quem falava da vida alheia. Claro que ela não estava na relação dos fuxiqueiros. Papagaio puxa-saco. Depois começou a completar as estórias contadas pelo papagaio falador no que ouvia na roda de orações diárias na igreja e vinha contar à irmã como se ela gostasse daquilo. Mas naquele dia Cleonice não estava bem. Deixara o leite ferver e transbordou tudo sujando o fogão. O botador dágua que logo cedo trazia a carga de água de beber do açude Gameleira, a melhor, mais limpa e mais fria da redondeza, adoecera e não aparecera. E agora, Hosana vinha trazer os mesmos fuxicos.

- Cale a boca, desgraçada. Já errei umas dez vezes meu terço por conta de sua lenga-lenga. Vá cuidar de sua casa, arranjar uma lavagem de ganho, varrer a rua, procurar um ninho de rôla.

Hosana arregalou os olhos e pôs a mão na boca.

- Rôla sim. Não é rolinha, o passarinho do sertão, não. É rôla mesmo, rôla de homem prá você conhecer o que é bom. E pode ir se lascar com essa história de se enterrar como uma santa, toda de seda branca, de caixão branca, de flor branca e o escambau que tou pouco ligando. Não ligo. Eu vou me enterrar com a saia preta que herdei de dona Justina, sem uma flor sequer e meu caixão vai ser preto, bem preto, retinto, prá todo mundo saber que não morri virgem. Que dei a quase tudo quanto era homem daqui e os que chegavam como viajante e que se hospedavam na pensão de Matilde, onde eu trabalhava e que me deitei cada noite com um homem diferente?

Enquanto a irmã dava um passamento, caindo prá trás de ficar com os pés prá cima, ela ainda disse.

- Nem se preocupe, que depois de mortas a gente não vai se encontrar. Se você vai pro céu, eu vou pro inferno.

IAPERI ARAÚJO é poeta, escritor e artista plástico. Médico, professor aposentado da UFRN. Autor de “Canções da Terra” (contos) e numerosos outros livros. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

A MULHER CONSOLAÇÃO

Clauder Arcanjo

Para J. M. Coetzee

Quando o dia era ruim, os homens iam à casa dela.

Construção simples, porta e janela, num arruado nos arredores da cidade.

— Bom dia.

— Dia!... Entre, filho.

O silêncio foi quebrado, quando ela serviu-me, com paciência, o café recém-coado. O cheiro da bebida tomou o pequeno cômodo.

Ela pediu para sentar-me; em tom baixo, as palavras como se em compasso de veludo, deixando-me com a voz também mais contida do que a habitual.

Depois do café, abriu os olhos e a atenção para mim. Sim, o olhar falava por ela.

De início, fui monossilábico. Sem mencionar o mastigar de dentes e os pigarros, como se as palavras não quisessem sair. Contudo, aquele jeito manso e plácido foi desobstruindo o canal do diálogo; e, quando dei por mim, confessava-me sem peias.

Depois, quando enveredei para o relato dos desvãos mais fundos daquilo que me carpia o peito e a alma, ela elevou a mão direita, a me pedir pausa.

Ergueu-se e, em passos miúdos, rumou para o interior da casinha. Após alguns minutos, chamou-me:

— Venha para cá. Vou lhe preparar algo.

— Não precisa.

— Precisa, sim. Faça questão! — pronunciou-se tão categórica, que tive receio de ir de encontro à sua ideia.

Pôs, então, uma panela no fogão e levou mais de hora a cuidar com esmero do preparo. Cortava legumes, cozia ervas, provava molhos, salgava carne, sentia a fluidez do caldo. Numa concentração que me fazia atento ao seu ofício de cozinheira. De vez em quando, confidenciava-me:

— O ato de cozinhar é uma bênção para mim.

Pôs a mesa e me serviu com uma delicadeza singular. Os pratos brancos, os talheres antigos, as panelas areadas. Tudo sobre uma toalha azul anil, com bordados singelos nas pontas. Sem relatar que ela fez questão de colocar um jarro simples na mesa, com ramos colhidos do caramanchão no fundo do terreno.

— Flores de maracujá. Dão um cheirinho bom, sabe?

Eu, sem o menor apetite. Cabeça revolta, peito triste, os dias ruins...

— Tome um pouco do caldo. Depois, coloque um bocadinho de arroz. Experimente as verduras cozidas, filho.

De início, sem gosto, servi-me. No silêncio, aquele jeitinho manso, sua voz tão cálida... Apenas o tinir dos talheres, o vapor do cozido. Fui provando e... gostando.

A memória levou-me a vagar. Como se me sentisse criança. Mamãe a me ofertar, com paciência, a refeição.

Horas depois, quase noite, levantei-me. Agradei.

— Volte quando precisar — foram suas palavras.

Tive vontade de abraçá-la, a timidez me refreou. Saí e ganhei a rua. O espírito leve, o peito menos abafado, a cabeça mais fria.

Hoje soube que ela se encontrava enferma. Depressa, fui à sua casa.

Bati à porta.

— Entre!

Estava deitada. Num silêncio inquietante.

— Como está? — perguntei-lhe.

Os olhos fundos, tristonhos. Cabelos brancos e ralos em desalinho. Pôs o olhar dentro do meu, senti que sofria.

— Vou lhe preparar algo.

— Não... precisa.

— Precisa, sim. Faça questão!

Ela fechou os olhos; flagrei uma lágrima na face magra.

Fui, então, à cozinha e, com o máximo de capricho, preparei-lhe um caldo de galinha. Por precaução, trouxera os preparos básicos. Agi com desenvoltura, apesar do pouco hábito com a culinária.

Enquanto a panela apurava o ponto, fui conversar com Consuelo (era este o seu nome).

— Depois daquela tarde, dona Consuelo, o cozinhar passou a ser uma bênção para mim.

Não abriu os olhos. A impressão de que riui da minha declaração, pelo leve movimento na comissura dos lábios.

Dona Consuelo recebera muitos. A todos, fiquei sabendo, dedicava o melhor de seu cardápio, ouvia-os, e todos saíam curados, ou melhores, para a lida.

Quando frente ao endereço dela, esperava um séquito de gratificados ao pé do seu leito. “Volte, quando precisar!”

Aquela solidão (mais do que seu sofrimento) deveras me impactou.

Fui ao caramanchão, colhi flores de maracujá. Improvisei um vaso, pondo-o sobre a mesinha no centro da sala.

Ofertei-lhe a primeira colher de sopa:

— Tome...

Já não podia.

Pela janela, reparei que o dia, lá fora, era ruim, muito ruim.

CLAUDER ARCANJO é escritor, editor (Editora Sarau das Letras), professor e engenheiro. Autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.

O MANUAL AMOROSO DE SOCORRO

Jarbas Martins

Cautelosamente evitamos rasgar o nosso passado cinematográfico, feito de suplícios e saudades e condessas descalças. Passado indesejável como um chicle de bola, grudado na poltrona do Cine Rex. Nem sequer mencionamos, por via das dúvidas, os estilos de novelas de rádio, sempre nos começos da noite, a trama mexicana mesclando-se com o cheiro de pão e a magra sopa que se tomava religiosamente. Construímos, com a experiência de crianças velhas, um passado comum, evitando as aborrecidas canções da moda – *Ne me quitte pas, Love me tender...* Nem partilhamos a escova, o lençol e a tosse conjugal. Nem lavamos a roupa suja da convivência, os panos da nossa trivial comédia ultrapassada, pois os scripts já soavam tão antigos... – como o cinemascopo e retratos ou bilhetes trocados, coisas de Noel Rosa.

E não adotamos os supermercados regurgitados de ofertas nem os shoppings – enfeitados de rosas e sugestões no Dia dos Namorados.

Em compensação, Socorro, soltavas teus cabelos e risadas ao vento, nós dois conduzidos por um buggy. Pelas dunas velozes de dois verões, escrevemos nosso pequeno romance em edição de bolso.

JARBAS MARTINS é poeta e escritor. Professor e Promotor de Justiça aposentado. Autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

NÍSIA FLORESTA

Henrique Castriciano

Com este mesmo título - *Nísia Floresta* - e assinado com o pseudônimo *Mário do Vale*, o poeta e escritor Henrique Castriciano publicou, em *A República*, edição de 11 de abril de 1908, a pequena história de sua viagem a cavalo, a partir da estação de trens da então Papary para identificar o sítio onde nasceu Nísia Floresta que anos depois nomearia o município, e onde foi erguido seu mausoléu quando da trasladação dos restos mortais originalmente sepultados em Rouen, França, onde a escritora faleceu. Com mais de um século, o texto de HC pode ser considerado uma gênese do texto que ele publicaria em 1925, dezessete anos depois, no *Livro do Nordeste*, edição do *Diário de Pernambuco*, organizado por Gilberto Freyre, e onde há também um pequeno ensaio do irmão Eloy de Souza sobre os cantadores nordestinos. O livro foi para celebrar os cem anos de fundação do jornal. (VS).

Tardo, pisando com dificuldade o caminho encharcado e alvaco, o cavalo que eu ia montando ia à vontade, as rédeas bambas sobre o pescoço de alimária pouco nutrida.

Vi a paisagem com uma curiosidade quase doentia, levava no espírito a singular história de Nísia Floresta, a grande escritora norte-rio-grandense.

Estava em Papary a dois passos do lugar em que ela nasceu, e um mundo de ideias desencontradas, de emoções e de pensamentos afetuosos me enchia a cabeça, me perturbava o espírito. Por vezes o animal, hesitante, sentindo-se mal governado, estancava, mordendo o freio pachorrentamente; e, interrompido o sonho por causa da parada súbita, eu ficava a olhar tudo o que me cercava, as plantas do tabuleiro, a erva da estrada sonolenta, os pomares conservados sem arte e sem carinho... Chegara ao coração do vale.

Este, radiante em seu abandono, com a alegria das árvores quando aparecem as primeiras chuvas resplandecia num halo de saudades, todo cheio de recordações, todo embebido na lembrança da alma peregrina que ali passara a infância entre sorrisos e galas.

Depois, começo a perguntar aos curiosos que, à beira do caminho, nas residências toscas e antigas, comentam a minha abstração, - se me podem mostrar a casa onde nasceu a insigne patrícia.

Ninguém sabe. E é depois de fatigante pesquisa que alguém – um parente remoto de Nísia – oferece-se, agradecido, orgulhoso de sentir nas veias o mesmo sangue, para guiar-me até lá, até o ninho onde primeiro palpitou essa alma heróica de artista e pensadora.

- Fica muito longe, amigo?

-Ali. Um nadinha.

De viagem, me ponho novamente a cismar, enquanto o companheiro obsequioso e inteligente, vai conversando em voz alta.

Os meus olhos esperam contemplar, dentro em pouco, esse prédio antigo, de alpendrada longa e o teto pouco elevado, em cuja sombra surgiu para a vida e para o sofrimento, o espírito inquieto da mais profunda escritora brasileira.

E, em cada curva do caminho, penso vir a surgir o lar de Nísia, onde a minha imaginação desenha miragens de alegria, visões de festa, onde a ouço cantar, entre os sorrisos da puberdade, a alma sutil de uma criança que nascera para a glória, mas a quem o destino só dará as palmas de vencedora arrancando-lhe as asas de anjo.

Volvidos dez minutos, o companheiro parou de repente, à porta de uma cancela antiga.

- Chegamos.

- E a casa?

- Ele sorriu.

- Desfez-se há muitos anos. Pensei que desejava apenas ver o lugar onde foi construída...

Apeamo-nos. E, trôpego, machucando o ervaçal crescido, fui ter ao pé de uma mangueira que ele me indicava.

- Bem aí era o seu quarto; aí dormiam as filhas do velho Dionísio...

Assim, por singela coincidência, o acaso pusera no lugar onde nascera essa bela flor do pensamento, essa árvore humana que deu à terra do berço tão delicados frutos, outra árvore que eu via também coberta de flores e pomos, erguendo para o espaço os grandes ramos verdes, da mesma forma que para o alto subiam todos os pensamentos, todas as aspirações da alma sonhadora de Nísia...

Sentei-me. Era dia claro, muito luminoso e suave dos humildes brejais. Das depressões cobertas de flores aquáticas, subia, traduzida pelas vozes de milhares de seres ignorados, a canção humilde das rãs, o zizido dos insetos vagabundos sob a vegetação paludosa e o chilreio dos pássaros satisfeitos, gozando o bocado de vida que a natureza lhes deu, à beira dos igarapés e à claridade macia do sol do inverno.

Nísia me apareceu, então, como a pintavam, até pouco tempo, os raros que a conheceram nos primeiros anos da juventude de uma criatura deslumbrante, de grandes olhos cismadores, de louros cabelos anelados, os seios arfando sob as rendas do corpinho na inquietação da puberdade, partilhando da ânsia inconsciente que o desejo de viver acordava em todo o vale.

E me veio à memória o que eu sabia da existência dessa alma agitada. Acompanhei-a à Natal, onde a casaram com um simplório, vi desfeitos os laços dessa desgraçada união, a ida para Recife e para o Rio Grande do Sul, a volta para o Rio, as longas viagens em quase todos os países europeus e ao Oriente; - tudo denunciando um espírito insaciável de emoções, sequioso de movimento e de luz.

Porque a nossa grande patrícia não viajava por simples prazer estético: na terra de Silveira Martins interessou-se pela luta dos Farra-

pos e tornou-se professora insigne; no Rio manteve afamado colégio de meninas, fez notáveis conferências abolicionistas e pregou a federação; em Paris frequentou a mais de um curso célebre e conviveu com as mais profundas inteligências da época: Lamartine, Victor Hugo, Saint Hilaire, George Sand, foram seus íntimos, entretendo larga correspondência com Augusto Comte que nela via “todos os elementos para uma preciosa discípula”; na Itália correspondeu-se com Mazzini e Garibaldi, advogando em mais de um jornal os interesses da revolução de 1860; e trouxe do Oriente páginas de um colorido intenso, admirável...

Entardecia; o companheiro chamou-me. E, de pé, recordando uma passagem do livro “Trois ans en Italie”, onde a escritora, falando do lugar do seu nascimento, lembra uma mangueira à cuja sombra sua família reunira num jantar duzentos convivas, perguntei pela árvore gigantesca.

- Não existe mais. Do tempo de Nísia restam somente estes dois coqueiros...

Disseram-me que a gloriosa conterrânea votava enorme desprezo à sua terra.

Parece-me inexato isto.

É possível que ela odiasse Natal, onde provavelmente a caluniavam com essa crueldade dos meios pequenos, cuja maledicência não dorme, aparecendo de dia nos cantões e de noite, sob a forma asquerosa de carta anônima.

Mas, em todos os livros que pude ler de Nísia Floresta, encontrei, exprimindo a mais violenta saudade, recordações de nossa natureza, lembranças enviadas à terra do berço, fundas reminiscências do lago onde nasceu, mais de uma vez comparado ao da Suíça e da Itália.

Não obstante a vida trabalhosa que teve, ela ficou contemplativa, cheia da sensibilidade doentia, da meiguice tristonha do nosso povo.

Lendo o que escreveu, sente-se o eco das tempestades que lhe revolveram a alma, tempestades cujos vestígios nem o estudo,

nem as viagens, nem o convívio fidalgo de nobres inteligências puderam extinguir...

Estávamos de volta, já um pouco distante do lugar do nascimento da excepcional patrícia.

O dia em meio, tinha fulgurações estonteantes, punha nos campos a reação da luz que estava com certeza gerando milhões de vidas continuadoras da existência do vale fértil.

Era o eterno renascimento dos seres e das coisas, perpetuando a glória do globo, com suas alegrias e os seus sofrimentos.

Tudo se renovava ali, os pássaros se reproduziam, as árvores brotavam com as estações, os campônios renasciam nos filhos robustos. Mas, depois de um século do aparecimento de Nísia, o vale, ou melhor, o Rio Grande do Norte, não gerara um cérebro feminino tão complexo e forte.

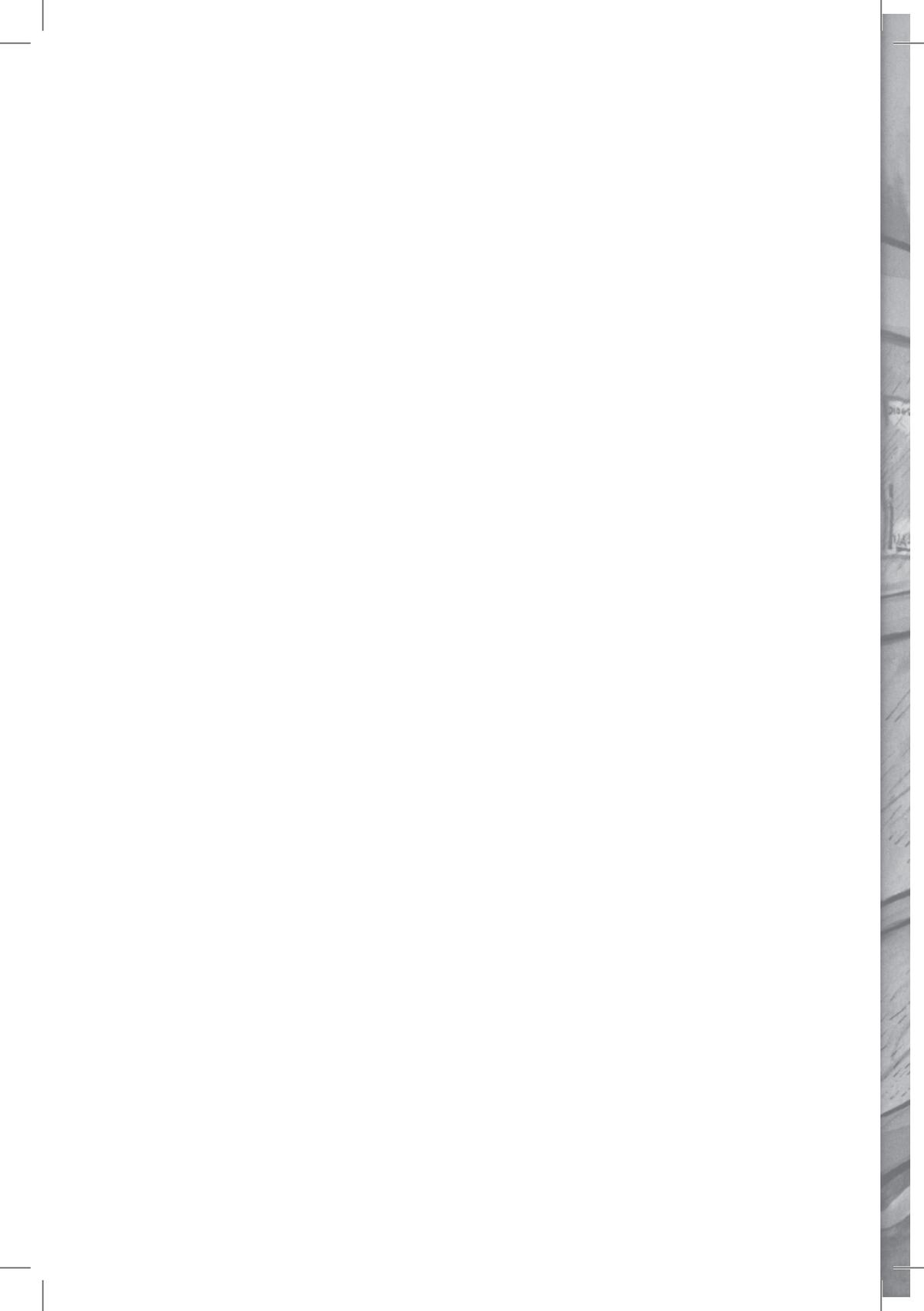
Para o ano, a 12 de outubro, passa o centenário de nascimento da grande escritora.

Pensando nisto antes de baixar o vale, lembrei-me de propor aos nossos rapazes de letras a comemoração deste fato na própria terra em que ele se deu.

Bem nós podíamos reunir à sombra da planta que ocupa hoje o lugar onde nasceu o coração de Nísia e ali, sentindo o contato daquele solo abençoado, ouvindo o ciciar dos coqueiros que acariciavam o primeiro sono da infatigável trabalhadora, protestar contra o silêncio que se tem feito em torno de um nome verdadeiramente glorioso.

E esse protesto não seria o primeiro: a natureza, menos ingrata do que os homens, dando seiva à árvore a que me refiro, quis colocar na antiga morada de Nísia um ponto de admiração, que outra coisa não é, essa mangueira rumorosa...

HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUSA (Macaíba, 15 de março de 1874 — Natal, 26 de julho de 1947) Escritor e poeta, primeiro presidente da ANRL.



POEMAS



Biblioteca Nacional

Rio de Janeiro

ANNO IV

RIO GRANDE DO NORTE

FASCICULO 3

12 de Junho



A TRIBUNA

Do Congresso Litterario

REVISTA QUINZENAL



DIRECTOR

Esquirol Wanderley

SECRETARIO

João Pinto

Redactores

H. Castriello

Manuel Dantas

Ovidio Fernandes



TENEBRAS

Se tudo foge e tudo desaparece,
Se tudo cabe ao vento da Desgraça,
Se a Vida é o sopro que nos labios passa
Gelando o ardor da derradeira prece;

Se o Sotinho chora e geme e des-fallece
Dentro do coração que o Amor enlaça,
Se a rosa mircha inda em botão e a graça
Da moça foge quando a idade cresce...

Se Deus transforma, em sua lei tão pura,
A dor das almas que o Ideal tortura
Na demencia feliz de pobres loucos...

Se a agua do rio pura o Oceano corre,
Se tudo cabe, Senhor! porque não morre
A dor sem fim que me devora aos poucos?

Auto de SOUZA

EDITORA

Imp. na Typographia Central

1900



TENEBRAS

Auta de Souza

Se tudo foge e tudo desaparece,
Se tudo cai ao vento da Desgraça,
Se a Vida é o sopro que nos lábios passa
Gelando o ardor da derradeira prece;

Se o Sonho chora e geme e desfalece
Dentro do coração que o Amor enlaça,
Se a rosa murcha ainda em botão e a graça
Da moça foge quando a idade cresce...

Se Deus transforma, em sua lei tão pura,
A dor das almas que o Ideal tortura
Na demência feliz de pobres loucos...

Se a água do rio para o Oceano corre,
Se tudo cai, Senhor! porque não morre
A dor sem fim que me devora aos poucos ?

Poema originalmente publicado na revista “A Tribuna” em 1900. Não consta do “Horto”, único livro da poetisa.

POEMAS DE ANHELLA MONTE

Mãe

Depois que fui mãe
sou mãe.
Em tudo há um cheiro de leite
de toalhas com lavanda.
Acordo no meio da noite
com choro vindo de armários e baús.
Também choro, às vezes oro
outras um livro me leva a montanhas
onde bandeiras solitárias tremulam
e no mais céu, palavras caladas, vento.

Não posso viver sem vento.
Procuro-o na roupa lavada, nos dedos
pequenos que me pedem respostas.
Depois que fui mãe perdida fiquei.
Cada nova criança traz consigo uma balança
pende meu coração, mas de nada sei.

Sobre as águas

Construí minha casa sobre as águas
sem palafitas
navegam a angústia e a vaga alegria de flores
fabricadas na cozinha
quando três gerações recortam papéis de seda
para adornar cenários.

Não sou sábia
não há rochas sob minha moradia.
Nas mãos tenho o vento e quando sopro
vejo rolarem os dias como folhas.
Navega a casa e a insônia, uma certa displicência
com as dores.

Três gerações preparam café e flores
as mulheres sempre ocupadas em fazer e desfazer
camas, contas de colar, louça, lembranças.
Minha casa sobre água, temperada por ventanias
não sou sábia, tenho lágrimas ressecadas
durmo em pé na porta da cozinha.

Violação

No leite da mãe
morno e com gosto de frutas, de sol, de lençol
o carinho
a proteção
a lição de vida no lácteo compartilhamento
as vestes coloridas
a manta tecida por linhas macias.

Na floresta urbana
a sombra branca, preta, mesclada, obscura
espreita entre os postes, os bancos, os ermos, os emaranhados
tira a menina dos braços que esperam e velam
com sorriso ou escárnio, simpatia ou indiferença
nada como antes- quando avança, a sombra é eterna.

Não há quem socorra. A sombra sobre a menina
viola o gosto de leite, o cheiro de primavera,
as esperas pelos brinquedos.
A vida sem segredo, mundo mudo:
dor sobre dor,
tempo sobre tempo, sobre tudo.

ANCHELLA MONTE é poeta e professora. Especialista em Educação. Autora de “A Trama da Aranha”, “Pesos e Penas” e outros livros.

JUVINA MONTEIRO*

David de Medeiros Leite

Casas e calçadas
da Rua de Cima
ouviam Juvina
cantando romances.

Cânticos ibéricos
na Rua de Cima
na voz de Juvina
em rimas toantes.

Bonitas histórias
na Rua de Cima
narrava Juvina
épicos combates.

Dramas e ternuras
na Rua de Cima
tocava Juvina
rústicos corações.

Mestra romanceira
da Rua de Cima
legou-nos Juvina
saberes e canções.

***JUVINA LOURENÇO MONTEIRO** (Rio do Fogo-RN, 1930 – 2008). Segundo o pesquisador Deífilo Gurgel, em seu livro *Romanceiro Potiguar* (Fundação José Augusto, 2012): “Era, a segunda romanceira do Rio Grande do Norte em importância. Cantou mais de vinte romances. Tinha uma bela voz.”.

DAVID DE MEDEIROS LEITE - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor pela Universidade de Salamanca – Espanha. Entre outros livros, publicou “Ruminar” (Poesia) e “Cartas de Salamanca” (Crônicas).

VISITAREI A CASA MATERNA

Lívio Oliveira

Irmãos, mesmo que o caminho seja pó
e eu seja só sobre a terra entre espinhos
guardarei a lembrança plena de nossa casa
o telhado e alicerces e os quartos assimétricos
e terei entre as mãos a água do açude que escorre
no bolso uma pedrinha de mármore em cubo polido
que deixarei sobre a porteira vigiada pelo concriz.

Irmãos, ainda que não ouçam mais meu grito
e que a distância entre nós seja de léguas tortas
guardarei, sim, a lembrança plena de nossa casa
plantarei os meus pés no barro vermelho e areias
e mirarei longe o milharal por que nossa avó passou
as brincadeiras e um velocípede vermelho e quebrado
me serão peças na consciência de um mundo puro e são.

Irmãos, quando o meu corpo evaporar sobre os olhos do tempo
e só uma leve brisa simbolizar minha presença nas mentes
terei ainda guardada a lembrança de nossa casa plena
e do café quente e leite em volumes misturados e o pão

nas manhãs de frio ou calor na antevéspera do sonho
mirarei sorrindo de cima da mangueira em festa no quintal
o arco-íris que cruza outras nuvens e colherei aí nova fé.

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas” e vários outros livros.

POEMAS DE LISBETH LIMA

MARGARIDA

Bem me quer,
mal me queres.

Bem me quer,
mal me querem.

Bem me quer,
mal nenhum me queres.

Quando bem me quero
muitos mais me querem.

FILHO

Nove luas para te gerar,
a vida inteira para te cuidar em todas as fases.

LISBETH LIMA é poeta e escritora. Doutora em Literatura Comparada pela UFRN, autora dos livros de poemas “Dormência”, “Romã”, e outros..

POEMAS DE PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO

MULHER DORMINDO

Em traje de viajar azul profundo
adormeceu suave e simplesmente,
intervalo do olhar vivo e contente
aos esplendores diversos do mundo.

Azul também é o sonho que ilude
o sereno cansaço adivinhado
no rosto silencioso, apaziguado,
ainda escrito de infância e juventude.

Mais um instante de ternura e calma
perdido atrás do mistério do tempo,
rio de imagens e acontecimentos

singelos todos: vida, pensamento,
amor, aparição da estrela d'alva,
sono e a beleza que lhe veste a alma.

VISITA A MADALENA PEREIRA EM IDOS DE 1959

O azul brilho do olhar
realçara como joias
o traje caseiro
de algodão modesto.

Na cadeira de vime
como em trono
reinava soberana
no jardim entardecido.

A palavra era música,
ecoava valsas de antanho
em solares ancestrais,
perenes rios de águas azuladas.

O humor era alegre e vivaz
e o anoitecer chegava em adágio.

TRIBUTO A CLÉA BEZERRA

Possível parenta de Nísia Floresta,
sob influência de Bertha Guilherme
foi buscar em Recife o curso superior
inexistente em sua terra.

Diferente das moças de seu tempo
continuou estudos em França e Holanda
repetindo a ancestral
feminista e pioneira.

Professora emérita não consagrada
fundou cadeiras e saberes
e ajudou a construir universidades.

O mundo acrescentou-lhe à beleza
a elegância e a justa medida da frase
e o pensamento sóbrio e requintado.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta e escritor. Professor aposentado da UFRN. É autor de “Talhe Rupestre”, “Romances de Alcaçuz” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

PANDORA

Roberto Lima de Souza

Quanto eu quisera, mulher,
Que fosses sempre festejada!
Que só se erguesse, para ti, a mão,
Por um suave aceno;
Que só tocassem em teu cabelo
Por um gesto de carícia
E, ao se elevar, diante de ti, a voz
Que fosse sempre para te exaltar!

Quanto eu quisera, mulher,
Que, em teu trabalho, te tratassem simplesmente com a justiça,
Pela tua dignidade e pela tua profissão,
Pelo teu valor e pelo teu talento
E, assim, pela beleza do que és, do que sabes e do que fazes...

Ah! Quanto eu quisera, mulher,
Que te permitissem sempre o desabrochar livre e suave das
(flores

Com direito aos beijos do sol
E às doces descobertas das abelhas e dos pássaros...

Quanto eu quisera, mulher,
Que sangrasses apenas pela alegria de te saberes mulher
No sangue sagrado que alimenta a vida,
No fogo sagrado, causa primeira e bendita,

Que trouxe Pandora à terra.
E tudo isso, mulher, porque és a força que faz completar a
(criação
Porque tens o poder de fazer frutificar
A radiosa esperança de que há um mundo possível a florescer,
E acalentas o despertar da humanidade para contemplar essa
(nova alvorada
Em que a inefável bondade vem triunfar...

E tudo isso, mulher, porque és Pandora,
A agraciada pelos deuses com todos os dons,
A encantadora e a encantada do amor e da vida,
E de muito mais que não se pode olvidar:
A suprema fortaleza de ser femina, a que fecunda,
Porque esta é a força da natureza e a essencialidade do
(humano vigor;
Pois assim como feminina é a terra e a água,
Sem as quais não teriam sentido nem semente, nem o sol,
(nem o calor;
São femininas as virtudes todas, como a bondade, a paz e a
(beleza;
Como a alegria, a ternura e a delicadeza.
E tudo isso, ó mulher, para tornar possível fecundar o amor..

ROBERTO LIMA é poeta, escritor e compositor. Professor aposentado da UFRN. Autor de *As dimensões do tempo* e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente da UBE-RN.

O ARTISTA DA CAPA

Escritor e poeta, além de artista plástico, Newton Navarro (1928 – 1991) é um dos grandes nomes da cultura potiguar. Ao lado de Dorian Gray Caldas lançou os fundamentos da Arte Moderna no Estado.

Em 31 de dezembro de 1948, realizou-se a sua primeira exposição individual, que causou forte impacto nos meio cultural da província. Um ano depois, participou, juntamente com Dorian Gray Caldas e Ivon Rodrigues, da I Exposição Coletiva de Arte Moderna, realizada na antiga sede da LBA, em Natal. Começava, então, uma vitoriosa carreira artística.

Utilizando várias técnicas e modalidades de pintura – óleo, aquarela, etc. – Navarro sobressaiu-se no desenho, mestre consagrado.



ANRL em Março de 2019

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nisia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz A. G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra. Clauder Arcaño
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz (eleito)

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em março de 2019

www.offsetgrafica.com.br